



**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem**

**LUCAS ROCHEL**

**SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE  
PANDEMIA: SERVIÇOS DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA  
OFERECIDOS AOS ESTUDANTES PELA UNIVERSIDADE  
ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)**

**BAURU**

**2024**

LUCAS ROCHEL

SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:  
SERVIÇOS DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA OFERECIDOS AOS  
ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE  
MESQUITA FILHO (UNESP)

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração Desenvolvimento: Comportamento e Saúde, da Faculdade de Ciências, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos.

Bauru

2024

Rochel, Lucas.

Saúde mental dos universitários em tempos de  
pandemia: serviços de atenção psicológica oferecidos  
aos estudantes pela universidade estadual Júlio de  
mesquita filho / Lucas Rochel. - Bauru, 2024  
102 f. : il.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru  
Orientador: Érico Bruno Viana Campos

1. Pandemia. 2. Universitários. 3. Saúde Mental.  
4. Assistência Psicológica. I. Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LUCAS ROCHEL, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de fevereiro do ano de 2024, às 10:00 horas, no(a) Sala 1 da Seção Técnica de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências (Unesp / Campus de Bauru), realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LUCAS ROCHEL, intitulada **SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: SERVIÇOS DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA OFERECIDOS AOS ESTUDANTES PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia / Unesp Campus de Bauru Faculdade de Ciências, Prof. Dr. MARIO LAZARO CAMARGO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru, Prof. Dr. JOSÉ RICARDO LOPES GARCIA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia / Centro Universitário do Sagrado Coração (UNISAGRADO). Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois, considerando a minha fé inegociável para com Jesus Cristo, não haveria nenhuma outra maneira de começar os agradecimentos. Agradeço ao meu orientador Érico Bruno Viana Campos. Provavelmente se eu tivesse me deparado com outro orientador, não concluiria esse trajeto, ou, ao menos, não seguiria com o desejo de ingressar em outros trajetos para em, algum momento, poder exercer, também, a docência. Reitero, então, os meus agradecimentos mais winnicottianos: não acredito em orientadores (ou seres humanos) perfeitos, mas o meu é suficientemente bom.

Agradeço à minha família pelo suporte, à UNESP pelas grandes oportunidades e ao NEEPPSICA (Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Psicanálise) pelas incontáveis contribuições. Também é necessário agradecer aos professores e as professoras que compuseram as bancas, as quais são pessoas que, por diversas vezes, trouxeram inúmeras contribuições importantes para o trabalho, e, sobretudo, para o meu entendimento do que é ser psicólogo e professor.

Agradeço à professora Ana Carla, a qual, literalmente criou o currículo Lattes comigo; ao professor José Ricardo, que foi o responsável pelos meus primeiros contatos arrebatadores com a Psicanálise; à professora Tatiana, que é responsável pela minha profunda e mais sincera esperança na Psicologia e na docência; e ao professor Mário, que trouxe contribuições ímpares e, repletas de *holding* para o trabalho. Vocês são os principais responsáveis pela minha convicção de que a psicologia e a universidade valem a pena.

Para encerrar, gostaria de agradecer à Bianca Luciano, que me auxiliou das mais diversas formas desde 2016. “A vida é boa, mas é muito melhor com você”. Meu mais sincero agradecimento: obrigado, meu bem.

Graças a vocês sou um esperançoso incurável. Obrigado.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ROCHEL, L. **Saúde mental dos universitários em tempos de pandemia:** serviços de atenção psicológica oferecidos aos estudantes da universidade estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). 2024. 102f. Dissertação (Mestre em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem) - UNESP, Faculdade de ciências, Bauru, 2024.

## RESUMO

A pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil no ano de 2020. As ameaças à saúde da população pelos efeitos da doença e os seus diversos desdobramentos provenientes da principal medida de combate à disseminação da pandemia, o isolamento social, ou quarentena, foram além dos sintomas da doença em si. O presente estudo busca compreender quais serviços de atenção e cuidado à saúde mental dos universitários brasileiros foram ofertados pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) durante o período de pandemia e pós-pandemia, por meio de análise documental dos materiais disponíveis pela instituição, com o objetivo de avaliar a atenção e as medidas oferecidas frente à demanda encontrada. Os universitários são um grupo que exige atenção quanto às questões relativas à saúde mental. É benéfico compreender os agravantes da pandemia e os desdobramentos causados à população brasileira nas mais diversas áreas. Em relação à metodologia, foi utilizada a análise de conteúdo para realização da análise documental, bem como os referenciais psicanalíticos. A pesquisa em Psicologia da Saúde contou também com a realização de uma entrevista semiestruturada que objetivava ampliar as compreensões e as análises dos recursos documentais, configurando características de uma pesquisa exploratória e retrospectiva com consideração dos dados quantitativos e qualitativos.

**Palavras-chave:** Pandemia; Universitários; Saúde Mental; Assistência Psicológica.

## **ABSTRACT**

The COVID-19 pandemic reached Brazil in 2020. The threats to the population's health posed by the effects of the disease and its various repercussions resulting from the primary measure to combat the spread of the pandemic, social isolation or the quarantine, went beyond the symptoms of the disease itself. This study aims to understand which mental health care services were offered to Brazilian university students by Júlio de Mesquita Filho State University (UNESP) during the pandemic and post-pandemic period, through a documentary analysis of materials available from the institution, with the aim of evaluating the attention and measures offered in response to the identified demand. University students are a group that requires attention about mental health issues. It is beneficial to comprehend the aggravations of the pandemic and its repercussions that the disease caused on the Brazilian population in various areas. The research will be conducted through documentary analysis using contributions from content analysis and references from psychoanalysis to support the discussions. The Health Psychology research will also include a semi-structured interview to broaden the understanding and analysis of documentary resources, configuring characteristics of an exploratory and retrospective study considering both quantitative and qualitative data.

**Keywords:** Pandemic; University Students; Mental Health; Psychological Assistance.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACP – Abordagem Centrada na Pessoa

APE – Acolhimento Psicológico Emergencial

CAE- Conselho de Assuntos Infantis

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CFP- Conselho Federal de Psicologia

CO – Conselho Universitário

COPE – Coordenadoria de Permanência Estudantil

CPA – Centro de Psicologia Aplicada

CPPA – Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada

CTI – Colégio Técnico Industrial

DeAS – Departamento de Assistência à Saúde

ESPII – Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

FAMESP - Fundação para o Desenvolvimento Médico Hospitalar

FC – Faculdade de Ciências

FEB – Faculdade de Engenharia

FEBRAPSI – Federação Brasileira de Psicanálise

FOA - Faculdade de Odontologia da UNESP de Araçatuba

GRAPAL – Grupo de Apoio Psicológico ao Aluno da Faculdade de Medicina da USP

IC - Iniciação Científica

LAPSO – Liga de Atenção Psicossocial

NAE – Núcleo de Apoio ao Estudante

NEEPPSICA – Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Psicanálise

NTAPS – Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial

OMS – Organização Mundial de Saúde

OPAS – Organização Pan-americana de Saúde

PAP – Pronto atendimento Psicológico

PB – Psicoterapia Breve

PPE – Programa de Permanência Estudantil

PP2 - Protagonismo Preto e Pardo

SAPPE – Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante

SAS – Superintendência de Assistência Social

SBPCamp – Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas

SM – Saúde Mental

STS – Setor Técnico de Saúde

SUS – Sistema único de Saúde

TCC -Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TMC – Transtorno Mental Comum

TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TO - Terapia Ocupacional

TOD - Transtorno Opositor Desafiante

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	19
<b>2.1 Objetivo Geral</b> .....	19
<b>2.2 Objetivos Específicos</b> .....	19
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	20
<b>3.1 Tipo de pesquisa</b> .....	20
<b>3.2 Participantes</b> .....	20
<b>3.3 Local</b> .....	21
<b>3.4 Instrumento</b> .....	21
<b>3.5 Coleta de dados</b> .....	21
<b>3.6 Análise de dados</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	23
<b>4 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	23
<b>4.1 O Referencial Psicanalítico</b> .....	29
<b>4.2 Catástrofe e Reorganização Psíquica</b> .....	41
<b>CAPÍTULO 2 – A UNIVERSIDADE E AS PRÁTICAS DE EXTENSÃO</b> .....	45
<b>5 APRESENTAÇÃO DOS SERVIÇOS</b> .....	45
<b>5.1 O NTAPS</b> .....	45
5.1.1 Frente de prevenção e promoção em saúde mental .....	47
5.1.2 Frente de Acolhimento.....	47
5.1.3 Frente de Assistência .....	49
<b>5.2 O E-CARE Sentinela e E-CARE+ (UNESP)</b> .....	50
<b>5.3 O NAE (USP)</b> .....	52
<b>5.4 O SAPPE</b> .....	54
<b>5.5 O DeAS (UFSCAR)</b> .....	56
<b>5.6 O NAE (UNIFESP)</b> .....	57
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	60
<b>6 Análise das Entrevistas</b> .....	60
<b>6.1 O Enquadre</b> .....	61
<b>6.2 Os grupos</b> .....	63
<b>6.3 Escuta e vinculação</b> .....	66

<b>6.4 Afetações sintomáticas e diagnósticas</b> .....	70
<b>6.5 Dissonâncias entre os serviços</b> .....	72
<b>7 ANÁLISE DOCUMENTAL</b> .....	73
<b>7.1 Caracterização dos Atendimentos</b> .....	73
<b>7.2 Setembro Amarelo</b> .....	77
<b>7.3 Projetos Focais</b> .....	78
<b>CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86
<b>ANEXO I - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	92
<b>ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO</b> .....	93
<b>ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	96

## APRESENTAÇÃO

Ao iniciar a graduação de Psicologia, no ano de 2016, havia poucas certezas do caminho a ser percorrido e das escolhas sobre o futuro profissional, sendo elas a negativa pela Psicanálise enquanto abordagem de referencial teórico e pouquíssimo interesse pela docência. Feliz, e no mínimo curiosamente, o desejo rumou justamente nessa direção, em uma sensação de pertencimento já ao cursar a primeira disciplina de Psicanálise e, ao ter contato com professoras e professores que causaram impactos significativos, em uma curiosidade envolvendo a docência, sendo estas experiências suficientes para me indagar se poderia ser o caso de procurar desenvolver uma vocação e profissão.

Considerando a mudança de planos ao longo da graduação, os prazos para iniciações científicas se esgotaram dentro do Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO) Bauru, levantando então a questão de quais caminhos eu poderia percorrer para conhecer as áreas para onde o desejo apontava, não como um mapa traçado, mas como uma bússola, norteando o até então desconhecido. A escolha foi cursar disciplinas da graduação e pós-graduação na Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru, procurando entrar em contato e começar a me apropriar de outra maneira da formação acadêmica. O contato ampliou horizontes e, ao final da graduação, as certezas eram tão claras e opostas ao começo; de que a Psicanálise e o fazer clínico estariam sempre presentes e de que a docência poderia ser um caminho mais cativante do que parecera no passado.

Então, a jornada segue, a formação em Psicanálise e a formação acadêmica no programa de mestrado continuam a constituir papel fundamental, acomodando as angústias e reciclando-as de tempos em tempos para uma eterna formação enquanto psicanalista e docente.

O interesse pelas afetações pandêmicas surge durante o próprio período em si, justamente com o grupo em questão: os universitários. Estando no último ano de minha graduação, no ano de 2020, observei muitos colegas e alunos de outras universidades tendo quadros sintomatológicos e adoecendo das mais diversas maneiras. Sobressaltou, então, a questão da saúde mental (SM), e de como os estudantes vinham sendo amparados, ou não, pelas instituições de ensino, mobilizando-me, assim, para uma pesquisa direcionada a esse público.

Nesse sentido, ao estar vivenciando tais questões e presenciando como outras pessoas as vivenciaram, fui interpelado de maneira mobilizadora para a temática. Ao ingressar no programa de mestrado e ter um contato maior com a UNESP, surge um maior interesse na compreensão desses serviços e um desejo de atuar de forma mais ativa nesse momento, de tal

forma que optei por me voluntariar para o Núcleo de Atenção Psicossocial (NTAPS) para, assim, poder contribuir de alguma maneira para além da pesquisa, mas também em um contexto que gerasse completude com a pesquisa em si, culminando, desse modo, na cunhagem do atual tema, construindo um olhar para a saúde mental e a atenção psicossocial dos estudantes.

Aos que se atentarem a lista de siglas e ao fato de todas elas serem inicialmente descritas na primeira referência ao longo do texto, a explicação é que tal fato se deve a tentativa de tornar o trabalho o mais acessível possível para leitores de outras áreas ou mesmo fora da universidade. Então peço desculpas de antemão caso possa soar repetitivo, a escolha faz parte de uma tentativa de democratização da obra.

## 1 INTRODUÇÃO

No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto de COVID-19 como emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII), o que, segundo o regulamento sanitário internacional, constitui o maior nível de alerta da organização. Os dispositivos de gestão de crise foram, então, ativados e os comitês emergenciais passaram a debater as implicações e os riscos da doença.

A disseminação da COVID-19 foi caracterizada como pandemia pela OMS no dia 11 de março de 2020, marco este que dá início ao período pandêmico, cujos impactos, ainda incomensuráveis, atingiram escala internacional. No Brasil, a referida pandemia foi responsável por mais de 38 milhões de casos e mais de 709 mil óbitos até o final do mês de janeiro de 2024.

Analisando os levantamentos e comentários da FIOCRUZ (2022), considerando que a vacinação teve início no primeiro trimestre de 2021, entre fevereiro e março, 250 mil doses diárias foram atingidas, entre abril e maio 500 mil e em junho 1 milhão de doses.

A vacinação, desse modo, ocorreu de maneira progressiva, não sendo feita, evidentemente, na velocidade que grande parte da população almejava, sendo esse período de espera, potencialmente incerto e permeado por angústias, uma vez que, entrelaçado com discussões políticas sobre a condução do Estado ao longo da pandemia, as notícias sobre as vacinas e as novas variantes da doença, dentre outros fatores que estavam emergindo e compondo um cenário nacional adverso e de grande vulnerabilidade à saúde mental (SM), para além do óbvio receio e dos riscos de contágio pela doença.

Nesse sentido, as medidas de combate à propagação da doença, a vacinação e diversas outras questões políticas afetaram inúmeras, para não dizer todas, as áreas da vida humana, o que ocorreu de maneira transversal e multidimensional. O período de pandemia, assim, revelou a sua potencialidade para se tornar um elemento agravante no que diz respeito aos sintomas de SM.

A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2022) apontou, no mês de março de 2022 que, no primeiro ano de pandemia, a prevalência de sintomas ligados à ansiedade e à depressão cresceu em 25%, sendo tal alteração relacionada ao isolamento social, o qual foi adotado como estratégia de combate à disseminação da COVID-19, contudo, tal medida, alterou significativamente as rotinas e as relações familiares. É de suma importância considerarmos que o fechamento de algumas instituições, como, por exemplo, igrejas e escolas, pode ter despertado um sentimento de desamparo e falta de apoio, bem como de solidão. Além disso, as pessoas que vivenciaram o falecimento de familiares, amigos ou pessoas próximas devido à

COVID-19, tiveram o seu sofrimento acentuado pelo fato de que, inúmeras vezes, não puderam realizar os rituais fúnebres responsáveis por uma parte significativa da elaboração do luto (Schmidt *et al.*, 2020).

O medo e o pânico causados por uma grande parcela de pessoas contaminadas e que eram tidas por assintomáticas contribuíram para um mal-estar generalizado, abrindo um leque de desdobramentos sintomáticos psicológicos e/ou psicossomáticos que atingiram a população. Os sintomas psicológicos mais esperados durante esse período foram relacionados à ansiedade, estresse, tristeza, solidão, medo e raiva.

Ademais, durante uma grande parte da pandemia, o isolamento social fez com que atendimentos psicoterápicos, tanto individuais quanto grupais, acontecessem de maneira remota (*online*). Há diversas nuances implicadas nessa questão, considerando que a possibilidade de encontros presenciais não eram possíveis ou geravam angústias relacionadas ao medo do contágio dependendo do período. O recurso *online* e as ferramentas digitais configuraram ferramentas de grande importância ao longo da pandemia; contudo, é válido pontuar o aumento no uso das redes sociais e exposição a telas, gerando, assim, outras discussões provenientes desse tempo. O uso da ferramenta, a exposição às notícias, telas e a falta de contato físico tão marcante, foram elementos que constituíram diversas afetações, levando a reflexões e indagações a respeito do uso e do quão salutar estaria sendo ou não o uso de tais ferramentas, sobretudo as digitais, especialmente quando se diz respeito aos jovens.

A Organização Pan-americana de Saúde relatou também um aumento preocupante no consumo de álcool nos países da América do Sul (OPAS, 2020), principalmente no Brasil; assim como a FIOCRUZ (2022) alertou para o crescente número de suicídios na primeira onda de COVID-19 (OPAS, 2020). Os impactos e os riscos nos jovens foram avaliados como desproporcionais comparados com as demais parcelas da população, ao passo que eles possuíam um maior risco de comportamentos autodestrutivos ou suicidas, sendo assim um grupo que precisa de atenção e ações distintas (OPAS, 2022).

No dia 5 de maio de 2023 a OMS declarou o fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à COVID-19, com a mensagem de que tal feito não era sinônimo de considerar que a doença deixava de ser uma ameaça. A decisão é tomada para que os países saiam de um modelo de emergência e realizem uma transição em relação ao manejo da doença (OPAS, 2023).

A necessidade de intervenções ficou evidente, considerando que diversas delas poderiam contribuir para que a pandemia fosse um período menos penoso para a população. As cartilhas e os materiais educativos, como instrumentos psicoeducativos, foram úteis, bem como

os atendimentos *online* que se fazem necessários devido ao isolamento social. Alguns dos recursos encontrados na modalidade de Plantão Psicológico são: reduzir as preocupações, oferecer escuta e conforto, e ativar as redes de apoio do paciente. Agindo de maneira diretiva, o Plantão Psicológico é uma ferramenta válida nesse momento (Schmidt *et al.*, 2020). Os cuidados com o sono e com a alimentação, a realização de atividade física e de técnicas de relaxamento e as redes de apoio, com as quais se pode manter contato por meio da tecnologia, foram aliados nos cuidados relativos à SM.

Flesch *et al.* (2020) alertam sobre a necessidade de políticas públicas e institucionais voltadas para a promoção de saúde e atenção às demandas de SM dos estudantes universitários. Existe um risco considerável de incidência de transtornos mentais (TM) ao longo da formação, considerando que, 15 a 25% dos alunos, os desenvolvem durante esse período. A depressão é, por vezes, associada, nos universitários, a questões voltadas à transicionalidade dessa fase da vida, como, por exemplo, a saída da casa dos pais, a necessidade de maior adaptação em relação às atividades do cotidiano, as demandas acadêmicas, os problemas financeiros e as preocupações relativas ao futuro profissional.

O isolamento social, o medo do contágio, a transmissão da doença, a perda de familiares, amigos e as demais afetações econômicas e sociais são responsáveis pela criação de um novo espaço social, do qual ao não ser possível sair, pois durante determinado período ninguém pôde, a alternativa passou a ser um modelo de atenção que é dual, não excluindo terapias grupais e não limitando o funcionamento da psicoterapia clínica com um sujeito apenas, permitido diversas formas de atenção psicossocial.

Considerando que a promoção de saúde faz parte do escopo dos serviços de SM e atenção psicossocial, se faz indispensável a contemplação de algumas questões referentes ao tema; assim sendo, Almeida Filho (2011) apresenta colaborações significativas para um abraçamento de maior discernimento e concepções mais abrangentes, estabelecendo atenção para distintos enfoques da saúde enquanto conceito científico, prático e filosófico. A superação do modelo bio-médico-clínico em relação aos processos de saúde-doença, o qual é explicitado de maneira conteudista, propicia um novo arcabouço teórico e prático no que tange ao enfrentamento e compreensão em relação ao processo saúde-doença.

Ainda seguindo as colaborações de Almeida Filho (2011), estabelecendo um olhar enquanto conceito para os fenômenos de saúde-doença como processos sociais, incluindo todos os tópicos que são juntamente abarcados, como o caráter histórico, orgânico, corporal, complexo e conflitante, é possível olhar para dispositivos interpretativos mais funcionais ou mesmo construí-los. Tais noções relativas à saúde e as suas implicações possibilitam outro olhar

direcionado ao momento pandêmico, bem como para os serviços concedidos pelas universidades, não constituindo apenas questões da ordem dos parâmetros diagnósticos e psicodiagnósticos.

Quando se parte de uma concepção voltada para a atenção psicossocial da população é inevitável olhar para os referenciais biomédicos de outras formas de atenção e assistência à saúde. Após tal análise é inevitável haverem questionamentos e elaborações a serem feitas. Assim como as noções de urgência e emergência, que já possuem limitações diagnósticas na prática dos serviços do cotidiano, quando o assunto é atenção psicossocial os elementos ficam ainda mais complexos. A emergência é conceituada como constatação de situação de grande agravo à saúde, acarretando, necessariamente, risco de morte ou sofrimento de grande intensidade, enquanto a urgência é a situação de agravo considerável à saúde que pode ser, com ou sem risco potencial à vida, havendo também indispensabilidade de assistência rápida (Passos *et al.*, 2017).

Passos *et al.* (2017), debatem sobre as noções das políticas de atenção a urgências e protocolos de atendimento, abrangendo discussões sobre como transportar as diversas noções, consolidadas ao longo de muitos anos, em relação aos cuidados biomédicos mais ortodoxos e organicistas para a atenção psicossocial, a qual, em comparação, possui tão pouco tempo de estudo e elaboração. Quanto ao tratamento de urgências, alguns dos componentes basais são fundados com o intuito de garantir universalidade, equidade e integralidade nos tratamentos, claramente tendo bases no modelo de princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). As autoras posicionam-se terminantemente ligadas e aliadas a uma luta antimanicomial de forma mais ampla, não se restringindo aos ambientes físicos em si, mas, também, às dinâmicas que reproduzem os modelos pré-reforma psiquiátrica.

As formas e os protocolos já vinham sendo discutidos por inúmeros autores, como citado acima, os quais, há anos criticam e debatem tais conceitos e formatos em relação à atenção psicossocial, anteriormente ao início da COVID-19. Após o advento da doença, as discussões se ampliaram e se tornaram cada vez mais complexas e necessárias, causando um novo mal-estar na civilização contemporânea e exigindo novas formas de avaliar, intervir e prevenir; ou seja, a atenção psicossocial tem por obrigação mobilizar-se rapidamente frente às terríveis e rápidas implicações advindas da pandemia.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) em suas contribuições para a constituição da Rede de Atenção Psicossocial no Sistema Único de Saúde (2011) discorre a respeito da articulação da rede de atenção psicossocial, apontando a valia de articulações realizadas com

as políticas públicas e a comunidade, trazendo a noção de que, assim, espaços serão criados para pertencerem à Rede, havendo a intersetorialidade como norteadora dessa formação.

É apontada, também, a importância de se investir em formas para além da lógica de funcionamento biomédico, não deixando uma lacuna, mas substituindo-as por novas formas, trazendo espaços de alta densidade relacional e de complexidade, porém, distintos dos ambientes hospitalares, por exemplo. Essas são orientações e contribuições que não foram feitas de maneira diretiva para as universidades públicas, contudo, a consideração das contribuições vindas do CFP em 2020, é de suma importância, uma vez que o tema é atenção psicossocial.

Ainda procurando articular algumas das contribuições contidas no documento mencionado acima, tais questionamentos se fazem importantes: as universidades públicas estão criando espaços e ações voltadas para a atenção psicossocial? Ou estão replicando modelos biomédicos de atendimentos psicoterápicos de forma indiscriminada? Há uma replicação de modelos ou uma construção distinta e mais funcional no tocante à atenção psicossocial? São dúvidas que surgem ao longo da pandemia e, vivenciando o que talvez se possa nomear de pós-pandemia, é impossível negar os efeitos danosos, longevos e a necessidade da sociedade brasileira de se haver com eles, o que, evidentemente, não exclui as universidades públicas.

Procurando estabelecer atenção, zelo e auxílio para os estudantes em sofrimento, sem adotar uma postura de diagnósticos e biologismos desenfreados, as contribuições de Amarante (2007) instrumentam outras formas de procurar atender tais demandas desse grupo; a própria noção de estudantes “em” sofrimento já compõe um entendimento menos padronizado e determinista para com eles. O cerne da questão está em considerar o campo da saúde mental e a atenção psicossocial, considerando a integralidade de ambas e estabelecendo entendimentos mais amplos em relação a compreensão desses sujeitos em sofrimento, considerando as questões biopsicossociais que são parte desse contexto dinâmico e que, constantemente, se atualizam na vida desses jovens.

Seguindo tais referências mencionadas por Amarante (2007), o funcionamento de serviços de atenção à SM e atenção psicossocial passam a constituir um entendimento estratégico pautado no acolhimento, no cuidado e nas trocas sociais. Os espaços, então, devem compor sociabilidade e produção de subjetividades, bem como promover a construção e a sustentação de um espaço de inclusão. O entendimento e o funcionamento das instituições passam a ser analisados, também, por meio dessas contribuições, as quais parecem tornar óbvia a constatação de não ser apenas um trabalho clínico que compõem a integralidade de uma atenção psicossocial.

Seguindo ainda Amarante (2007) podemos encontrar contribuições sobre a atenção psicossocial de maneira mais instrumentadora, não que seja uma cartilha ou manual propriamente dito; contudo há questões pontuadas a respeito de modelos e condutas que podem ser de grande valia no entendimento dos vários modos de operar das instituições que se propõem a ter ações para a atenção psicossocial ou mesmo para a saúde mental de qualquer grupo.

O hospital psiquiátrico e os seus moldes, ao longo dos anos, é um assunto debatido por Amarante (2007), dessa forma, podemos comparar tais ambientes, apesar das diferenças abissais existentes, com o isolamento social e o período de excepcionalidade trazido pela COVID-19, não apontando-os como um exemplo perfeito, mas como um ilustrativo, de tal modo que, em ambos os casos, aparenta-se a importância da estimulação dos vínculos sociais; de uma atuação que considera o lugar social, não sendo reducionista ao adotar modelos puramente nosográficos e desconsiderando o momento social e histórico em questão.

O presente estudo tem como intuito investigar de forma sistemática e organizada as contribuições da Universidade Júlio Mesquita Filho (UNESP) no que se refere à saúde mental da comunidade acadêmica, não se abstendo de considerar as contribuições das demais universidades públicas do estado de São Paulo e as benesses do referencial psicanalítico para compreensão e discussão da temática. Os riscos de afetações graves, ou mesmo fatais para os alunos, são um grande motivador e justificam a pertinência e a motivação que envolve a pesquisa.

Ao considerarmos as contribuições em Psicologia e atenção à saúde mental ofertadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013) em contemplar as referências técnicas para a atuação em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), é apontada a criticidade necessária para que, os referenciais adotados, sejam alinhados com uma direção ética que seja inclusiva e libertária, rumando, também, para o respeito e a construção da cidadania dos sujeitos, no caso, com transtornos mentais. Contudo, as contribuições são bem vindas e úteis para a formulação de modelos de atenção psicossocial em outros espaços, respeitando, evidentemente, as diferenças necessárias. Compreendendo a necessidade de buscar referenciais que sustentem a noção de atuar visando: a promoção de saúde, a transformação da subjetividade e a contribuição para a emancipação dos sujeitos; as maneiras de construir, analisar e avaliar os serviços de saúde mental e atenção psicossocial passam por outros critérios e entendimentos.

Considerando os diversos riscos e impactos presentes, em especial para com os estudantes universitários, o presente estudo busca compreender as medidas e os serviços dedicados, por parte da UNESP; realizando, também, análises com os serviços das demais universidades públicas, estaduais e federais, sendo elas: UNESP, USP, UNICAMP, UNIFESP

e UFSCAR. Todas as mencionadas possuem órgãos com o objetivo de prestar algum tipo de assistência aos seus alunos, fato esse que, em si, culmina com o mencionado anteriormente: há um risco e uma necessidade de atenção para com esse grupo.

Uma vez que grande parte dessa pesquisa consiste no estudo dos serviços ofertados pelas universidades e os seus meandros, para uma compreensão de quais foram as principais afetações e como se deu o enfrentamento por parte dessas instituições para com a COVID19 e os seus desdobramentos e as consequências para com a saúde mental dos estudantes, faz-se necessário o conhecimento e a compreensão do funcionamento dos mesmos.

As universidades públicas do Estado de São Paulo possuem os seus serviços, segue então a nomenclatura dos mesmos para que, posteriormente, possamos compreendê-los e caracterizá-los. A USP conta com o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE), a UNESP, por sua vez, possui o Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS), a UFSCAR instaurou o Departamento de Assistência à Saúde (DeAS), a UNICAMP conta com o Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante (SAPPE), a UNIFESP possui o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) e também a Liga de Atenção Psicossocial (LAPSO).

A pesquisa buscou discutir as diferenças dos serviços, enquanto conceito de dispositivo de atuação, e realizar um debate sobre as problemáticas implicadas nessas questões. O estudo estabelece a caracterização geral dos dispositivos, contudo, restringindo ao NTAPS, uma análise mais profunda, documental e com entrevistas, uma vez que é possível analisar as diversas e constantes mudanças, visando a atualização e a melhoria dos serviços do núcleo. Desde o início das pesquisas, surgiram novos fatos referentes ao NTAPS, como o agendamento via site, feito pelos próprios alunos de qualquer unidade da UNESP, o que facilita o acesso, bem como os processos de endoculturação que ocorreram. Na endoculturação, os profissionais, os estagiários e os voluntários do núcleo passaram a se conhecer e assim gerar integração das múltiplas equipes.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Descrever e compreender o papel das propostas da UNESP no que se refere à oferta de serviços de atenção à saúde mental dos universitários durante a pandemia da COVID 19.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Identificar e caracterizar os serviços oferecidos pela UNESP de atenção à saúde mental e atenção psicossocial de estudantes, bem como suas ações específicas em relação à pandemia.
- Caracterizar o tipo de demanda dirigida, pelos universitários, aos serviços de atenção psicossocial e saúde mental nos anos de 2020 a 2022, ou seja, durante o período de excepcionalidade configurado pela pandemia do novo coronavírus.
- Analisar e discutir o funcionamento do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) e suas diversas atuações para a atenção psicossocial.

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa possui caráter exploratório retrospectivo, tendo em vista que a análise documental, realizada via análise de conteúdo, constituiu o trajeto metodológico do estudo, estabelecendo, concomitantemente, uma pesquisa descritiva. Há, além disso, uma análise documental e das entrevistas por intermédio da análise de conteúdo temática (Gil, 2010). A análise dos dados se deu de forma predominantemente qualitativa, constituindo uma pesquisa em psicologia da saúde de maneira transversal e com referencial de discussões teóricas de contribuições principalmente psicanalíticas (Bardin, 1977).

Foi realizada uma pesquisa documental dos materiais acessíveis e disponibilizados pela UNESP, solicitando aos coordenadores dos serviços, que fornecessem, na medida do possível, os documentos necessários à pesquisa. As informações basais e públicas, disponibilizadas pelas outras universidades, também foram coletadas nos sites de divulgação e de inscrição de cada uma delas.

A fundamentação teórica se baseia, prioritariamente, mas não exclusivamente, em textos de orientação psicanalítica; considerando as diversas nuances do fenômeno pandêmico, é válido recorrer às contribuições das ciências psicológicas de forma mais ampla. Os autores tidos como clássicos da psicanálise, juntamente com referenciais contemporâneos, fornecem fundamentação teórica suficiente para uma discussão que permita articular as muitas facetas da ocasião catastrófica já mencionada.

### **3.2 Participantes**

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os coordenadores e os responsáveis pelas frentes de atuação do NTAPS, do tele acolhimento e do serviço E-CARE. Tais entrevistas foram realizadas com os atuais responsáveis ou com aqueles que exerceram essas funções ao longo da pandemia.

Ressalta-se que, as entrevistas foram iniciadas apenas após a aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética, após obtenção do parecer substanciado (ANEXO II), mediante as definições e critérios da Plataforma Brasil. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO III) foi assinado previamente por cada entrevistado, de tal modo que os riscos e os benefícios ficaram claros para todos os envolvidos, bem como os seus direitos ao longo do processo.

### **3.3 Local**

As entrevistas ocorreram de maneira remota (*online*) e foram gravadas para que, posteriormente, pudessem ser realizadas a transcrição e a análise dos dados das mesmas. A plataforma utilizada foi o *Google Meet*, que, graças aos recursos concedidos pela universidade, permite gravações para que o pesquisador e os entrevistados possam viabilizar, com maior grau de acessibilidade e facilidade, a realização das entrevistas.

### **3.4 Instrumento**

Houve a realização de uma entrevista semiestruturada (ANEXO 1), com gestor(res) do(s) serviço(s) universitário de atenção psicossocial, buscando um melhor entendimento de como foi e vem sendo o enfrentamento do período pandêmico, pós pandêmico e os diversos desdobramentos envolvidos na instituição, no corpo discente e docente, bem como quais, na opinião do entrevistado, foram os principais desafios, as mudanças mais significativas e como é avaliado o período em si com as ações promovidas pela instituição, a fim de compreender as principais demandas enfrentadas pelos universitários e pelos dispositivos de saúde mental das universidades, sendo de grande utilidade os relatos e dados trazidos pelos profissionais atuantes.

### **3.5 Coleta de dados**

Após as entrevistas, foi realizado um processo de transcrição das mesmas, que, por sua vez, tornou-se um material para a análise de conteúdo à luz da Psicanálise. Os documentos disponibilizados pela UNESP, por meio do NTAPS, também foram submetidos a análise de conteúdo categorial, sendo os relatórios anuais do núcleo os principais norteadores. Os documentos são disponibilizados periodicamente pelo NTAPS, de tal modo que é possível analisar anualmente os relatórios e os rumos que o núcleo tomou.

### **3.6 Análise de dados**

A análise de conteúdo e a análise documental foram fundamentais para a interpretação dos dados, uma vez que viabilizaram uma discussão teórica e conceitual. Seguindo as contribuições de Bardin (1977), a análise documental diz respeito a um conjunto de operações que permite a rerepresentação do conteúdo documental, sob uma maneira distinta da original, tornando, então, possível um estudo novo no futuro. Tal análise foi avaliada pelo pesquisador como extremamente pertinente, dado o tema e o contexto de pandemia e pós-pandemia, para que houvesse subsídios adequados e de qualidade para estudos vindouros.

Ainda dentro do escopo das concepções de Bardin (1977), as escolhas de instrumentos e recursos metodológicos foram pautadas para a análise dos prontuários e dos demais documentos do NTAPS, que ocorreu por meio da análise documental já mencionada, sendo avaliada pelo pesquisador como apropriada frente a complexidade e singularidade dos temas pandêmicos e seus correlatos. Esses recursos são de grande valia nos casos que envolvem tal instrumento. É válido salientar que, tal recurso de análise é de frequência considerável em estudos desse tipo, sendo base sólida metodológica e instrumental para o desenvolvimento dessa pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4 REVISÃO DA LITERATURA

Freitas *et al.* (2022), ao analisarem as respostas de 527 estudantes à respeito da autoavaliação de desempenho de estudantes universitários, encontraram a prevalência de 49,5% considerando-se com desempenho insuficiente, 5,9% como bom e apenas 1,1% se auto avaliaram com um desempenho muito bom, segundo um questionário respondido em julho e agosto de 2020. O estudo considera as dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto e como, juntamente com a composição dos demais fatores pandêmicos de ocasião, o desempenho e a percepção a respeito desse tipo de ensino podem sofrer alterações significativas, especialmente em relação à modalidade de ensino remoto que foi adotada de maneira emergencial.

Para além da questão de conceitos acadêmicos e conteúdos em si, Freitas *et al.* (2022) também atentam para os efeitos da falta de convivência com colegas e professores no campus, sobrevivendo uma baixa estimulação de desenvolvimento de habilidades profissionais e interpessoais, bem como os efeitos danosos à saúde, de maneira mais ampla, desses alunos, embora seja apenas uma maneira cartográfica e pouco integrativa de compreensão da saúde; todavia, para ilustrar pode trazer alguma clareza, em determinados contextos. A autonomia inerente ao novo formato do ensino encontrado por hora compõe, juntamente com as questões tecnológicas de acesso e manuseio das ferramentas, alguns dos possíveis fatores complicadores nos processos de ensino-aprendizagem.

Uma das estratégias mais adotadas pelos jovens durante o isolamento físico foi o uso da internet, aumentando, assim, a exposição às telas, e culminando em uma série de desdobramentos provenientes de tal postura. Mota *et al.* (2020) salientam o intenso sofrimento psíquico identificado em uma grande parcela dos 275 estudantes participantes de um centro universitário em um município no estado de Minas Gerais (MG), sendo a amostra considerável e ilustrativa do contexto histórico e social do momento. Já nos primeiros meses de isolamento físico, mais da metade (58,5%) dos estudantes apresentaram sinais de intenso sofrimento psíquico, havendo uma correlação entre os universitários que exibiram maior sofrimento psíquico e que mantiveram maior acesso à internet.

Ainda como apontam os autores acima, o uso indiscriminado ou voraz, acompanhou afirmativas de declínio educacional, laboral, qualidade de sono e qualidade nos relacionamentos interpessoais. Tais dados, para além de afirmarem novamente a necessidade de atenção e ações diretas voltadas para a saúde dos universitários, em especial a mental, levantam

questionamentos a respeito de como as fazemos; pois uma ferramenta que em muitos contextos se apresentou como forma de contribuir para a superação da barreira física, tornando acessível o ensino e a convivência social, ainda que virtual, passa, também, a ser um elemento com potenciais extremamente nocivos se não compreendidos e utilizados de maneira saudável, levantando, então, a discussão de como deve ser esse uso saudável da ferramenta.

O estudo de Maia e Dias (2020) que analisa os alunos de uma universidade portuguesa mostra, por meio de testes e avaliações, que a questão não se limita aos universitários brasileiros, revelando, segundo os autores em sua análise dos dados, um significativo aumento de perturbação psicológica. A composição dessas perturbações é exemplificada por ansiedade, depressão e estresse; a periodicidade das avaliações permite um olhar mais embasado para o entendimento do papel da pandemia e os seus desdobramentos, impactando os universitários.

Os autores acima alertam sobre a probabilidade do potencial traumático decorrente e a crescente necessidade de políticas de enfrentamento diretas aos jovens, em caráter especial, os universitários, população essa afetada de maneira deletéria pelo período tão atípico em questão. Vale ressaltar que o estudo desses autores trata de um trabalho realizado em Portugal, assim sendo, temos de lidar com as diversas diferenças estabelecidas, contudo, pode ser de contribuição útil e de potencial para instrumentar planejamentos e ações dirigidas ao zelo dos estudantes; bem como evidenciar a problemática a nível mundial.

Observando os alunos do estudo transversal contemplados por Dantas *et al.* (2021) encontramos estudantes residentes, os quais, por sua vez, tiveram outra experiência pandêmica em comparação com os estudantes e os profissionais das demais áreas. Os alunos que puderam lidar, de maneira ativa em seus estágios e trabalhos, apresentaram um aumento de ansiedade, de moderada a grave, estabelecendo, também, forte relação com as suspeitas e os casos de contaminação pela COVID-19. Os resultados da pesquisa apontam para aparentes prejuízos relativos à saúde mental desses estudantes, ainda que contextualizando e olhando para estudos anteriores realizados com residentes, os residentes a partir de 2019 tiveram resultados diferentes por conta das numerosas mudanças.

Ainda seguindo as contribuições de Dantas *et al.* (2021), compreende-se que houve um número de estudantes que apresentaram ansiedade aumentada, contudo, ao procurarem compreender as variáveis, os autores notaram que estes alunos buscaram ajuda para lidar com tais questões, seja por meio de psicólogos, psiquiatras ou uso de psicofármacos. Os autores levantam, então, uma questão que visa compreender se são as políticas institucionais da saúde do trabalhador ou as buscas individuais, mobilizadas pelos próprios sujeitos e as suas angústias, corroborando, então, com a proposta do presente estudo.

Outro estudo com enfoque nos estudantes da área da saúde foi realizado por Cardoso *et al.* (2022), sendo também um estudo transversal, contudo, não sendo destinado apenas aos residentes, mas sim para os universitários da área da saúde. Novamente, é exemplificada, testada e avaliada uma das problemáticas envolvendo jovens universitários, ao longo do período conturbado em questão: a saúde mental.

Com um grupo de 388 de alunos de medicina e o *Self-Reporting Questionnaire* foi possível avaliar e discutir sobre a prevalência da suspeita de 39,7% de Transtornos Mentais Comuns (TMC), diversos fatores foram associados ao surgimento de TMC, como, por exemplo: sedentarismo, tabagismo, consumo de substâncias para melhora do desempenho acadêmico, insatisfação com o próprio rendimento acadêmico, baixa qualidade de sono, falta de apetite, cefaleia frequente, problemas digestivos, etc. Ficando evidente, dessa forma, o fato de haverem diversos impactos relativos à saúde dos estudantes, de tal modo que as universidades públicas também tiveram de lidar com tal imbróglio.

As análises de Junior e Henderson (2021) contribuem para um olhar das diversas nuances de sofrimentos vivenciados pelos universitários; a presença de alterações rápidas, oriundas da quarentena e os seus desdobramentos, se manifestaram de maneira a alterar o ciclo sono-vigília ou causar outros distúrbios do sono, como, por exemplo, terror noturno, pesadelos, vontade de passar o tempo todo dormindo, acordar desorientado e sem saber em que dia se está, dentre outras que foram estudadas. O potencial traumático exposto em sonhos e partilhas muito diretas a respeito do desamparo sentido enunciam e denunciam os riscos para além do risco de contaminação pela COVID-19.

Os autores acima postulam, também, como o modelo capitalista e a impotência sentida pelos sujeitos se aliam a ideia de improdutividade momentânea e como a falta de rotina exerce os seus efeitos, enquanto, paralelamente a suposta obrigatoriedade superegóica de estabelecer e cumprir as rotinas e tarefas, pode servir de fermento para uma angústia de certo grau de constância e de potencial culpabilizante. Os relatos desses estudantes voltados para questões acadêmicas, em diversos casos, queixavam-se acerca dos novos formatos de realização dos trabalhos acadêmicos, por meio de expressões como: “agora não consigo fazer nada direito”, “super atrasada nos trabalhos... angustiada e ansiosa”, “caramba, preciso fazer algo produtivo”. É válido mencionar que se trata de um estudo de recorte ilustrativo válido para iniciar uma compreensão da nocividade vivida no contexto da pandemia.

Faro *et al.* (2020) advertem no que concerne aos períodos de isolamento e como muitos reúnem depoimentos de solidão, tédio, raiva e medo, para além do mal-estar geral daqueles que não precisam estar contaminados com o vírus para estarem mais próximos de quadros ligados

à depressão, ansiedade, estresse, afetações do sono, transtorno do pânico, irritabilidade, raiva e medo. Também é mencionado pelos autores a atenção que deve ser direcionada aos grupos de risco de afetações à saúde mental por conta da possibilidade de comportamentos auto lesivos e tentativas de autoextermínio.

Ribeiro *et al.* (2021) foram pesquisadores que também realizaram estudos transversais com grupos de universitários e debateram os resultados com as pesquisas e literaturas ao redor do mundo sobre a temática. Por meio dos estudos e testes realizados com os alunos de uma comunidade acadêmica de uma universidade federal em Porto Alegre, os pesquisadores puderam avaliar que a pandemia acarretou efeitos danosos significativos na saúde mental desses estudantes, reiterando, assim, a necessidade de que protocolos de intervenções psicológicas sejam instituídos e parametrizados para o contexto pandêmico e universitário, bem como para a intersecção entre ambos. Os relatos de sentimento de impotência, angústia e medo de perder os familiares ou amigos preponderou de forma marcante a pesquisa, havendo certa prevalência de efeitos psicológicos se mostrarem, estatisticamente mais frequentes entre as mulheres, configurando, possivelmente, um subgrupo de risco nesse assunto.

Os autores também trazem o referencial de pesquisas realizadas em Portugal, China e Grécia para discutir a obviedade quanto às afetações psicológicas na população mundial, contudo havendo peculiaridades a população universitária, em se tratando de jovens e em determinadas situações de vulnerabilidade, mesmo que não sendo socioeconômica, fator que é evidentemente considerado, todavia não totalizante ou unitário quando os temas são oriundos da COVID-19.

Ao contemplar a correlação do tempo pandêmico dos universitários com o tema atividade física, Mendes *et al.* (2021), ao avaliarem, por meio de diversos instrumentos, os níveis de ansiedade, de sintomas depressivos e a qualidade do sono de alunos do curso de Medicina da Universidade de Santo Amaro corroboram com os achados de atividades físicas para antes da pandemia, havendo impactos positivos em níveis de ansiedade, qualidade de sono, etc. Havendo, portanto, questões ligadas ao sedentarismo, a prática de atividades físicas cardiovasculares regulares e com a gestão do tempo, bem como fatores habitacionais permitiam ou dificultavam o exercício de tais práticas. Sabe-se, há anos, que a atividade física é um fator ligado a SM de maneira consolidada na Psicologia e na Medicina; seria estranho se o mesmo não se confirmasse no cenário da pandemia, contudo, quando existe o distanciamento físico, o risco de contágio e o fechamento de diversos espaços, a discussão passa a ter outros fatores para além do maniqueísmo óbvio dos benefícios da prática regular de atividade física.

Cord, Marques e Freitas (2021) trouxeram as contribuições de um grupo de acolhimento, formado em uma universidade federal em Santa Catarina e realizado de maneira virtual durante a pandemia, sendo um achado que corrobora com ações promovidas por outras instituições de ensino, inclusive com a UNESP e o NTAPS, que, por sua vez, estabeleceu práticas e ações de apoio anteriores a COVID-19, as quais foram revisadas e readequadas com os eventos ocorridos a partir do ano de 2020.

Os grupos feitos para os alunos da universidade federal ocorreram por meio da plataforma *Google Meet* e seguiu o referencial teórico e organizador programático das três etapas do Sociodrama: aquecimento, dramatização e compartilhamento. O ponto central é a convergência na proposta de acolhimentos, não apenas psicoterápicos, compostos por psicólogos ou psiquiatras, mas, recursos pautados em atenções múltiplas e em vínculos para enfrentamentos diferenciais da pandemia e os seus correlatos (CORD, MARQUES, FREITAS, 2021).

Rocha *et al.* (2021) trazem o relato de enfrentamento da Universidade Federal do Pará (UFPA), principalmente por meio do Acolhimento Psicológico Emergencial (APE), que ofertou atendimentos remotos (*online*) para escuta qualificada e amparo dos seus estudantes. Os recursos foram avaliados pelos autores como benéficos não apenas para os alunos, mas, também, para a equipe atuante. A abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi o referencial adotado pela instituição nos atendimentos e, também, para a construção das políticas e maneiras de enfrentamento da pandemia. A proposta foi de um plantão psicológico: o APE existia anteriormente à pandemia, contudo, com as óbvias impossibilidades das práticas presenciais e as novas demandas apresentadas, deram rumo a um formato *online* que permitisse a manutenção do acolhimento, bem como dos encaminhamentos necessários.

Os autores acima defendem a intervenção terapêutica em relações sociais e, por meio do Sociodrama, realizaram a intervenção na universidade já mencionada, de modo que tal caso possa ser debatido e avaliado no tocante às formas de intervir em momentos críticos como esse. A valia nos grupos *online* de acolhimento consiste na possibilidade de haver grupos mesmo com o distanciamento físico, não caracterizando um distanciamento social, sendo, assim, elemento importante para combater, parcialmente, a impotência e a solidão encontradas nas pesquisas que abordam, mas não de forma limitante aos universitários, tendo em vista que tal fato gera impactos particulares, mas não exclusivos à população.

Rodrigues *et al.* (2020) ao realizarem no primeiro ano de pandemia uma revisão de literatura para uma melhor compreensão a respeito dos impactos da pandemia nas formações médicas pelo Brasil, realizam levantamentos importantes e que obviamente podem ser de

grande contribuição para o tema da saúde mental dos universitários não médicos também. Os efeitos psicopatológicos nos estudantes passam a ter maior risco quando há antecedente psiquiátrico já existente, sendo assim mais um elemento de risco que perpassa o isolamento físico e o medo de contágio. Outro fator importante a ser mencionado é a ausência ou redução marcante de contato com o corpo discente, não havendo tantas orientações com os professores, muitos alunos podem experimentar angústias quanto a formação abalada pelas suspensões de atividades ou alterações fortemente significativas no funcionamento acadêmico.

Os autores também lançam luz sobre as angústias acadêmicas, como as interrupções de estágios, projetos de pesquisa e a grande bagunça que os calendários acadêmicos passam a representar (em função das paralizações das atividades presenciais). Havendo a possibilidade de muitos jovens serem assintomáticos à doença, podem existir grandes receios de contágio e disseminação por parte deles, trazendo o receio de contagiarem pais ou avós, os quais apresentam um risco maior de casos mais graves da doença, em regra. A moradia também é tema que perpassa a discussão de SM em tempos pandêmicos, os alunos que viviam com os pais apresentaram taxas de ansiedade severa muito mais baixas que os demais, enquanto rendas baixas e morar em áreas rurais era fator que aumentava o risco.

A literatura apresenta consonância quanto aos riscos envolvendo a SM dos universitários e variedade não muito ampla quanto às medidas tomadas sobre a atenção psicossocial. Há número considerável de estudos transversais que buscaram avaliar os impactos pandêmicos nos estudantes ao redor do Brasil, estabelecendo grande confluência sobre os riscos e impactos psicológicos para essa população. A atuação das instituições de ensino se baseou em atividades grupais *online* e atendimentos psicoterápicos ou mesmo psiquiátricos, parecendo denunciar um possível não preparo para tal crise. Vale ressaltar que a pandemia da COVID-19 foi um evento sem precedentes de mesma magnitude na história humana, de tal forma que seria extremamente surpreendente se qualquer instituição, comunidade ou país estivesse plenamente preparado para lidar com suas diversas nuances nocivas.

As modalidades de atenção psicossocial como grupos terapêuticos, oficinas e outras práticas para além do modelo psicoterápico foram avaliadas pelas próprias instituições como benéficas, sendo então fator mobilizante para uma análise e discussão mais crítica e ampla sobre os modelos de atenção psicossocial apresentados pelas universidades públicas e como as mesmas possivelmente podem encontrar gratas valias e diversos benefícios ao adotarem posturas que não sejam de maneira totalizante biomédicas, patologizantes ou psicologizantes, ou em outros termos, rompendo com a limitação de modelos anteriores e podendo atuar em diversas frentes para zelar e intervir na saúde dos seus estudantes.

#### 4.1 O Referencial Psicanalítico

Desde muito cedo, o saber psicanalítico e seus métodos se ocupam de lançar luz e procurar melhor compreensão dos diversos fenômenos e eventos ao longo da história. Freud, Winnicott, Klein, Lacan, dentre outros autores clássicos se ocuparam em algum momento de abordar e analisar grandes fatos históricos, questões culturais e suas relevâncias. Cita-se, por exemplo, Freud em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), *Totem e tabu* (1913), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização*, ou Winnicott, em *Privação e delinquência* (1987).

Dos Santos et al. (2022), rememoram e trazem para a discussão um momento curiosamente também pandêmico que provoca o luto em Freud, ao perder sua filha pela gripe espanhola em janeiro de 1920 e não podendo vê-la devido ao funcionamento dos trens na ocasião de um tempo pós-guerra, Freud em suas cartas para Eitingon e Ferenczi trata o fato como “paralisador” e “o sentimento de profunda ferida narcísica, que não é passível de cura”.

Terepíns e Braco (2022) seguindo as contribuições de Fábio Herrmann advertem sobre a não limitação da psicanálise para o setting ou enquadre clínico, considerando a mesma como um método de entendimento do psiquismo, sedimentado na investigação teórica, nas possibilidades interpretativas e nos estudos de configurações psíquicas singulares e culturais. A noção de clínica extensa permite então uma escuta analítica de um contexto muito mais amplo, para além do caso a caso de um consultório clínico, de tal modo que é possível por meio dos referenciais da metapsicologia propiciar ferramentas para que nasçam novos sentidos dentro dos fenômenos, como o penoso e visceral em questão: o coronavírus e seus agregados.

Ao abordarem o potencial traumático do período em questão, Verztman e Romão-Dias (2020) optam pela noção de catástrofe, considerando as grandes ameaças presentes e suas capacidades de derrubar as barreiras de proteção construídas por nós. A instabilidade e periculosidade do ambiente enquanto noção mais ampla dentro de um contexto psicanalítico revelam toda uma complexidade para elaboração de tantas e tão complexas e assombrosas partes de uma pandemia e suas consequências. A quantidade de elementos nocivos advindos da COVID-19 e agregados podem favorecer um enfraquecimento do Ego e contribuir para uma maior vulnerabilidade, tornando a possibilidade do traumático ganhar mais espaço no psiquismo.

Sendo assim, faz-se fundamental iniciar uma análise pautada nos referenciais teóricos da psicanálise considerando e relacionando os fatos próprios dos tempos pandêmicos com os

mencionados mecanismos de defesa; sem os quais não suportaríamos prosseguir, todavia os quais ao mesmo tempo nos conduzem a funcionamentos pouco saudáveis ou mesmo prejudiciais em diversos sentidos.

Laplanche e Pontalis (2022) auxiliam na compreensão dos mecanismos de defesa, tema tão caro à psicanálise e certamente necessário para a discussão do enfrentamento da pandemia com suas mais diversas singularidades e numerosos impactos no psiquismo. Os mecanismos de defesa são operações de diferentes tipos que são utilizadas pelo ego na tentativa de manter o psiquismo vivo e protegido. O termo é usado por Freud em várias ocasiões, fazendo menção ao fato de que existem articulações passíveis de observação e análise. O ego encontra várias maneiras para tentar se defender, como por exemplo a recusa da realidade; implicando na recusa do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, sacrificando assim a percepção da realidade.

Ora, um termo que certamente salta quando a pandemia se instala é o desamparo, tema versado por Costa (2007), sendo vivido de muitas formas; ao longo do tempo ele se faz presente e gera a necessidade de que seja discutido nesse período mais a fundo. O desamparo, segundo o autor, reside no despreparo do humano ante determinados estímulos do meio, configurando uma situação na qual o sujeito pode não se perceber com suficientes capacidades para impedir os riscos de sofrimento ou morte, caracterizando então impotência. As contribuições do autor seguem e ele apresenta o estado de desamparo como um produto advindo de certa leitura do mundo feita pelo sujeito, e não como um fato do mundo em si. A pandemia parece ter deixado a leitura de um estado de desamparo mais convidativa, para além dos sofrimentos já mencionados como angústia, tristeza e riscos mais amplos à SM.

Laplanche (2022), ao conceituar a “angústia ante um perigo real”, parece pertinente para o contexto pandêmico e seus desdobramentos, tendo em vista que não estamos abordando uma angústia ou sofrimento oriundos apenas de questões intrapsíquicas e de ordem pulsional, mas sim de uma angústia muito bem fundada em princípios de realidade preocupantes até certa medida. Ainda é abordado também no texto o conceito de “pulsões de autoconservação” trazendo a passagem rápida de um princípio de prazer para um princípio de realidade, mostrando então um elemento central para podermos olhar para os adoecimentos do contexto considerando as pulsões de autoconservação tendo um choque intenso e constante com o princípio do prazer, sendo encontrados vários elementos presentes nessa tensão longa e penosa, como o isolamento social, receio de contrair a doença ou de que familiares a contraíssem, dentre outros. O referencial psicanalítico em questão forneceu material para um melhor entendimento do momento histórico-social e dos possíveis efeitos danosos ao psiquismo da população.

A pulsão de morte pode para muitos estar num momento consideravelmente peculiar, considerando que as condições experimentadas são únicas, de tal forma que ao não terem sido antes vistas, não se sabe ao certo como cada sujeito virá a lidar com todas as nuances que envolvem a pandemia. O isolamento físico, a hiperconcessão, os receios de contágio, as implicações econômicas e tudo mais que compõe o tempo pandêmico trazem a questão de quais os destinos que as pulsões levarão, se o pensar criativo e elaborativo encontrará vazão, ou se a pulsão de morte será mais presente, tendo em vista que pode ser mais complexo encontrar destinos mais saudáveis ou sublimatórios para ela. Freud (1917 – 1920/2010) lança luz sobre a pulsão de morte e como a mesma procura retornar a um estado anterior, inorgânico e, sobretudo sem tensão no aparelho psíquico, descrição que parece muito alinhada com o panorama do contexto atual.

Green (2022) ao discorrer sobre as pulsões de destruição e de morte alerta para os quadros sintomáticos de manifestações que podem estar ligadas a uma vazão para as pulsões de morte, como a drogadição e questões de ordem alimentar, afinal perseveram questões fundamentais no comer, não é possível viver sem comer, então afetações extremas no âmbito alimentar podem ser manifestações pulsionais mortíferas, bem como as overdoses, descritas pelo autor como “um suicídio que se ignora.” A questão é o risco que se estabelece e o nó que se enfrenta quando os vínculos passam por redimensionamentos ou suspensão devido à quarentena, à dificuldade de simbolizar, sublimar ou mesmo encontrar destinos para as pulsões pode estar comprometida, de tal modo que o trabalho *online* permite o sujeito beber, fumar ou consumir qualquer substância no tido horário comercial ou qualquer outro, afinal não precisará dirigir e basta fechar a câmera da reunião ou um *e-mail* para dar vazão ao que se pretende.

Buscando um melhor entendimento sobre as angústias mais próprias do contexto da pandemia, se encontra valia na compreensão do caráter narcísico e das pulsões de morte que foram trazidos para a discussão por Green (1988), que os articula a conceitos como “Narcisismo de vida e narcisismo de morte.”, trazendo a discussão sobre o excesso de excitação pulsional, havendo libido demais acumulada, a angústia se faz presente; tendo também a possibilidade de se haver angústia por antecipação, relativa ao perigo de perder o objeto que exerça função reguladora quanto ao acúmulo libidinal. Fato é que uma ferida narcísica ocorre, de maneira muito marcante e escancarada. A impotência humana frente à doença, um vírus que durante um longo período impossibilitou diversas nuances das interações humanas, trazendo impactos em muitas áreas e de forma diversa, porém profunda. A ferida narcísica e descontinuidade vivida se manifestam em diversas esferas, como social, econômica, singular ao sujeito, ecológica, política e cultural (Birman, 2021).

Kehl (2023), em sua obra “Tempo Esquisito”, traz várias contribuições e alertas que são angustiantes e norteadores ao mesmo tempo. Lembrando-se da maldade e da violência, tão presentes ao longo desse período, e de como o governo e o presidente ao longo do tempo fomentaram, alimentaram e atuaram com violência e principalmente maldade. A distinção feita pela autora é a de que violência pode ocorrer como num crime passional, não é irrelevante por tal fato, mas se difere da maldade de dizer “E daí? Não Sou Coveiro!” Ou da maldade do descaso por vacinas, ou ainda pelo apreço e pela divulgação de medicamentos comprovadamente ineficazes como tratamento para a doença. O motivo de retomar tal questão é para ficar claro que o aparato que deveria proteger a população, ser nossa arma mais potente contra o desamparo que é o Estado, foi perverso e simbolicamente se mancomunou com as mais nefastas fantasias e possibilidades danosas da pandemia. Simbolicamente a mensagem não parece ser difícil de decifrar, vulneráveis e desamparados, precisamos de auxílio emergencialmente.

A pandemia apresenta o que Green (1988) aborda em sua obra sobre a importância do *holding* proposto por Winnicott, considerando que o distanciamento, os medos, angústias, a falta de certeza sobre uma vacina que chegaria ou não, os sintomáticos e assintomáticos, tudo isso compõe um cenário muito empobrecedor para o *holding*. O *holding* enquanto forma de dar contenção, de dar contorno ao bebê e auxiliá-lo no processo de alocar o psiquismo no corpo é de grande importância nos primeiros anos de vida, constituindo bases para os processos de amadurecimento posteriores. Ao não encontrar um adequado *holding* pode haver a sensação de que a queda é iminente, de que o risco está sempre presente e de que não será possível conseguir conter-se, estabelecer as bordas e lidar com elas.

Ao abordar o *holding*, Winnicott (1967/2019) discorre sobre a corporeidade envolvida no mesmo, dizendo categoricamente que só pode ser feito por outro ser humano e enquadrando uma incubadora como inapropriada para tal função. O autor pontua que esse segurar o bebê, quando feito de maneira suficientemente boa, fornece facilidade para os processos de amadurecimento mais saudáveis. A pandemia novamente traz inquietações e mal-estar, como as diversas dúvidas de como a mesma tem afetado o *holding* em seus mais diversos contextos. Uma percepção pode rumar para o auxílio necessário das ferramentas digitais na manutenção da interação social e nos ganhos a SM devidamente atribuídos às ferramentas. Outra percepção também pode ser considerada, analisando esses meios digitais como incubadoras, ou seja, necessárias, porém muito distantes do que pode realmente garantir um *holding* suficientemente bom e que garanta os inúmeros benefícios originários de sua prática real e empírica.

A quarentena e o espectro perene de riscos trazidos pela COVID-19 se apresentam como um forte elemento com capacidade de minar o *holding* contido nas relações sociais e vínculos dos mais diversos. Ao perder o contato físico com familiares, parceiros amorosos e amigos, bem como os contatos com instituições religiosas, acadêmicas e de suporte, é como se a mãe que exerceria o *holding* também fosse obrigada a colocar sua máscara N95 e tivesse de deixar o bebê no berço isolado, para que não haja risco de contágio. Na ausência desse *holding* ou na insuficiência dele em tempos pandêmicos tão pavorosos, o desamparo se instaura, uma vez que o *holding* se ausenta, esse vazio oferta espaço para o desamparo e as fantasias de cada um. Vale a pena então retomar o que Green (1988) alerta sobre a importância do *holding* e como o contexto da pandemia parece diminuir ou remover algumas formas de *holding* e lançar muitos sujeitos no desamparo.

O conceito de  *Holding* de Winnicott e a maneira como o autor aborda a criatividade e sua importância são temas muito pertinentes para articular as discussões possíveis para o contexto psíquico e social da COVID-19 no mundo. Quem explica e articula muito claramente tais conceitos é Dias (2017), assim permitindo também tentar se valer dessas contribuições teóricas para um melhor entendimento do contexto. Em muitos casos, estudantes que viviam com suas famílias pareceram ter um enfrentamento menos penoso da pandemia quando o tema era SM, possibilitando a discussão sobre o *holding*, levantando o questionamento de se é por estarem num ambiente familiar e existir a possibilidade de um maior sentimento de contenção e continuidade que esses jovens puderam lidar de maneira distinta com tal advento brutal e aversivo.

Ainda seguindo o mesmo fio condutor, a criatividade talvez possa ser questão oportunizadora para um enfrentamento diferencial do isolamento e da pandemia como um todo, considerando que muitos revisitaram *hobbies*, descobriram novos ou passaram por mudanças de hábitos, religiosas, culturais, alimentares, etc. Não parece que a questão seja reducionista a ponto de que se estabeleça uma visão otimista ou engajada em soluções, contudo uma postura criativa adotada por alguns para o que se faz apesar da falta de soluções ou a partir da falta de soluções que imperou durante tempo considerável no país e no mundo. Em determinados momentos o ponto central é como lidar com o vazio e angústia, sendo para alguns paralisante e para outros mobilizadora e permitindo o sujeito tentar lidar com o vazio como espaço para criar.

Continuando a considerar as contribuições de Winnicott (1959-1964/2022), é válido considerar como a grande sequência de demandas trazidas pela pandemia ao psiquismo pode acabar por reforçar condutas próprias de um falso *self*, uma vez que para não colapsar a resposta mais comum do ego em muitos casos é negar o que é identitário e fragmentar-se, seja adotando

ou não a quarentena frente ao que os macro e micro ambientes trazem para cada um com essas questões, seja atuando como elemento destemido de uma família ou casal, ou mesmo sendo alguém que ao conviver com pessoas em colapso pelo advento catastrófico não se permite nenhuma ruptura ou abalo mínimo, pois avalia ser o sustentáculo da relação. É justo advertir que há custos para que o *self* possa se expressar e performar socialmente, seja um verdadeiro ou falso.

Winnicott (1959-1964/2022) ao abordar a tipologia quase que diagnóstica das formações de falso *self*, ao discutir o “mais próximo da realidade”, alerta sobre a função altamente defensiva do falso *self*, que por sua vez visa defender, embora o mesmo busque a independência do *self* verdadeiro. A função básica é ocultar e defender o *self* verdadeiro, assim podendo trazer atuações gritantemente distintas do funcionamento verdadeiro do indivíduo para se inserir na adaptação que julga suficiente. A pandemia leva a indagações perigosas sobre quais adaptações cada ego pode entender como suficiente para suportar sua travessia e o quanto há de se sofrer por isso.

Seguindo na trilha dos conceitos winnicottianos, Fulgencio (2022), discorre sobre o conceito de trauma para Winnicott, permitindo uma análise do potencial traumático da pandemia. O ser humano para Winnicott é um ser de continuidade de experiências, e é assim que ele vai constituindo seu amadurecimento rumo à dependência relativa e relações edípicas e posteriores ao Édipo. A continuidade possui importância imensurável, de tal modo que o trauma é algo externo que irrompe o indivíduo, é qualquer coisa que o indivíduo não possui defesas suficientes; sendo uma interrupção na continuidade da experiência, um fracasso que diz respeito à dependência. A pandemia escancara e extrapola em muitos casos uma experiência justamente dessa ordem, da descontinuidade de numerosas questões como: trabalho, saúde física, relações, finanças, etc. As defesas por vezes não são suficientes, mesmo nas tentativas como a citada acima de um falso *self* assumir funções mais ativas para tentar se adaptar a um ambiente quase que inadaptável ou de grau altíssimo de dificuldade de adaptação. Não é possível dizer que a pandemia consiste num evento traumático em si, pois tal fato nega a já mencionada relação com as defesas e a continuidade; contudo, não é exagero algum afirmar o fortíssimo potencial traumático da experiência; dada a descontinuidade grave e o grau altíssimo de exigências de defesas para o psiquismo de muitos.

Ab'sáber (2021) abordando as contribuições de Winnicott de dissociações e não-integrações e as relações que um ambiente facilitador estabelece como esses processos podem ser elementos muito úteis na interpretação das questões psíquicas ao longo da pandemia. O ambiente facilitador que por sua vez tem de ser composto de maneira humana, cuidadosa,

pessoal e maternal toma novos contornos com as orientações sanitárias e o pânico ou receio de contágio, mesmo nos casos em que a pandemia é negada expressamente o indivíduo está optando por um novo contorno: o da própria negação; aí que as dissociações ou não-integrações entram em pauta. O ambiente suficientemente bom anterior a COVID-19 já poderia ser algo menos comum do que deveria, a disseminação do vírus e o espectro completo que o mesmo trouxe ao redor do planeta parecem estabelecer uma relação inversamente proporcional com um ambiente facilitador suficientemente bom.

O alerta sobre a impossibilidade de não haver angústia é muito bem feito por Homem (2020), trazendo as mais diversas discussões sobre os afetos e seus destinos nesse panorama. Muitos optaram pela negação da realidade e das diversas nuances perigosas e mortíferas que a envolvem, recusando aceitar no psiquismo as impotências, os riscos e as cisões apresentadas; negando a doença, a necessidade de máscaras, distanciamento social e o que mais fosse necessário para que as alterações instaladas no plano da realidade não fossem introjetadas e simbolizadas na mente. Segundo a autora, diante do não-saber, muito comum a partir de março de 2020, por vezes o sujeito opta por preenchê-lo com o saber-qualquer-coisa, para assim não haver o contato mais direto com a falta, a angústia e seus correlatos.

Abordando movimentos de negação e negacionismo ampliado e político, Dunker (2020) contempla o que há de hipocondríaco nos sujeitos como alerta de saúde. Como as ilusões onipotentes ao darem as mãos ao narcisismo ou quando o psiquismo não suporta a notícia real e alerta o ego para repetir mil vezes a mentira, ou mesmo gritar para que o resto não possa ser ouvido; tudo isso pode acabar por desaguar no mesmo mar, o oceano do negacionismo. São aqueles que alegaram que há interesse midiático em inflar ou mesmo criar notícias, que existe um complô ou conspiração política de enormes proporções, tudo o que for preciso para sustentar a fantasia encontra possibilidade de se alocar no psiquismo e no discurso.

Ligando as contribuições do não-saber, saber-qualquer-coisa de Homem (2020) com as de Dunker (2020) a respeito da hipocondria, saúde e negacionismo; é possível que por vezes a questão seja uma espécie de saber-o-suportável, mesmo que para alguns o suportável seja uma mentira e possa estabelecer danos para si e para terceiros. Dunker adverte que se nos livrarmos completamente de nossa hipocondria, se a excluirmos sem deixar nenhum rastro, acabaremos como Brás Cubas, sem o emplastro milagroso e sem o zelo pelos reais perigos que nos circundam. Ao negar a função benéfica do medo das doenças, joga-se o bebê com a água do banho e a responsabilidade e o cuidado se vão, culminando numa maior disseminação da doença e todos os seus correlatos. O autor aponta que há de se encarar o período e o medo, ou há de se

encarar o período com medo; sem excluir nenhuma das partes. É necessário encarar a pandemia, contudo para tal é preciso reconhecer o medo que reside também.

Dunker (2020) traz espécies de categorias que mesclam análise, humor e crítica; elementos bem vindos para suportar e compreender tempos tão conturbados. No décimo capítulo do livro o enunciado já entrega uma grande prévia ou spoiler: “Alguns sentem tanto medo que precisam negar o que está acontecendo”. O autor enuncia três categorias criadas pela pandemia: o tolo, o confuso e o desesperado. O tolo possui tanto medo que precisa negar o que está acontecendo, para não ter de enfrentar nada; ou fantasia de forma quase que onipotente sobre si, sobre sua saúde, sobre o vírus ou sobre o que for preciso. Ao não lidar com o medo e sua importância o tolo não é corajoso e nem covarde em sua atuação para além da leitura psíquica, pois a filosofia antiga advertia que a forma de lidar com o medo é que distinguia coragem e covardia, sem medo (ao menos sentido), não há essa divisão.

Seguindo para o segundo perfil se tem o oposto do tolo: o desesperado. O medo que paira fora dele se emaranha com a angústia que sente e passa a sentir a impotência plena, olhando para a pandemia como algo poderoso demais para se superar, o contexto atual reafirma seus complexos anteriores, reedita traumas de outrora e o lança no desamparo. Há evidente um perfil misto entre os dois já citados: o confuso; alternando entre a tolice e a desesperança. Ele não sabe bem onde fincar os pés e ao fincar sente os desconfortos próprios do terreno e logo migra, de novo e de novo. Vale ressaltar que embora o autor afirme que num primeiro momento possam sentir-se mais confortáveis e depois recaiam em seus sintomas e dificuldades das mais diversas, ele também alerta que a maioria da população verá seus sintomas psíquicos piorados, em especial aqueles que possam se encontrar em situação de vulnerabilidade, podendo ser de muitas ordens, geralmente não desconexas.

Homem (2020) contempla com pertinência para o contexto, a ansiedade, como uma saída que o psiquismo encontra para estar presente sem estar presente, em uma tentativa de suportar o que se apresenta na atualidade em questão. Tal sintoma encontra registros de crescimento cavalgar, bem como, o aumento de defesas utilizadas para ele. Pílulas, garrafas, cigarros, drogas, sexo, redes sociais, consumo e o que mais o sujeito possa estabelecer um comportamento compulsivo pode surgir em meio ao turbilhão emocional. O tempo pandêmico foi solo fértil para as compulsões, afinal, excessos denunciam faltas, e, sem dúvida, a pandemia constitui ambas as nuances de alguma maneira; um tempo de excessos e, principalmente, de faltas.

A autora ainda alerta sobre o novo trabalho do luto, pois é necessário considerar que o luto é partilha e trabalho social, sendo assim tal elaboração foi também afetada de diversas

maneiras. Havendo o convite para fazermos o luto do próprio luto, uma vez que os rituais sociais e religiosos são suspensos ou fortemente alterados. Em suma o grande elemento é: nem mesmo o luto escapou dos efeitos da pandemia. Nem mesmo a perda deixou de perder algo. O psiquismo de cada sujeito teve ou tem de lidar com isso, sendo mais um dos muitos complicadores e estressores provenientes da pandemia (Homem, 2020 p. 67 - 76).

Ainda buscando compreender as afetações ao psiquismo que vieram de forma galopante com a pandemia Dunker *et al.* (2021) apresentam um compilado de sonhos e discussões psicanalíticas sobre os mesmos ao longo da pandemia, sendo um dos muitos sintomas, não da COVID-19, mas da pandemia em si. Os sonhos como objeto de estudo da psicanálise não são nenhuma novidade, tendo então sua importância já gravada desde e por Freud. A pandemia e a quarentena acabam por gerar seus próprios sintomas, que não necessitam do contágio pelo coronavírus para se instalarem no sujeito ou nas populações. A crescente de sonhadores com lembranças mais vívidas, constantes e diferentes de seus sonhos passou a ser um dos temas passíveis de análise psicanalítica, para que seja possível um esboço de compreensão das nuances complexas que nos afetam ou afetaram ao longo da pandemia. Sendo uma das vias mais acessíveis para manifestações do inconsciente, não é de grande surpresa que os sonhos fossem sofrer alterações particulares a partir das grandes alterações sociais, políticas e de caráter singular para cada um.

O caráter traumático da pandemia é amplamente debatido por Birman (2021), havendo considerável enfoque para a ruptura e a descontinuidade, fortemente presentes nas práticas de sociabilidade e nos laços intersubjetivos. O enlace com diversos fatores que se dão com a pandemia compõe o trauma, sendo construído também por questões políticas, econômicas, sociais, ecológicas, culturais, éticas e científicas. A pandemia é descrita pelo autor como uma catástrofe, o que em termos implica necessariamente aos delineamentos de uma nova constituição de real no mundo, de proporções multidimensionais, estabelecendo relação com o trauma, que por sua vez é ligado a sobrecarga frente aos eventos catastróficos, lançando o sujeito em novos parâmetros da realidade, fazendo-o ter de se adaptar ao possível inadaptable, assim conduzindo a discussão para um problema essencial: o desamparo psíquico.

Birman (2021) adverte que a saúde mental já vinha ganhando importância enquanto atenção da OMS, sendo a grande questão de saúde pública no mundo já antes do advento da pandemia, assim sendo impulsionada enquanto necessitada de atenção com a chegada da COVID-19. Em tempos pandêmicos dois mecanismos psíquicos parecem se apresentar e reapresentar segundo o autor, sendo a recusa e o recalque. O sujeito ao perceber que algo irrompe o registro do real, quando não consegue reconhecer simbolicamente o ocorrido, recorre

a uma divisão psíquica, sendo então o caso da recusa. O recalque está ligado a formação de sintomas de cunho neurótico, numa relação com a denegação, gerando assim o retorno desse recalado.

O autor traz também a discussão de como a gestão pública e presidencial, na sua visão, foram elementos capazes de acrescer mais elementos para o desamparo da população. Birman (2021) avalia as ações do presidente na ocasião como desrespeitosas, frias e impróprias; de tal modo que evidentemente trazem impactos para os brasileiros, lidando com o descaso sentido, que como mencionado, estabelece relação intrínseca com o desamparo (Birman, 2021 p. 53).

Birman (2021) também traz para a discussão das afetações pandêmicas os diversos e cruéis atravessamentos socioeconômicos, tendo em consideração que um elevadíssimo número de brasileiros não possuía sequer acesso à água tratada e estavam expostos aos piores contextos sanitários, como seria possível que houvesse acesso aos recursos de higiene como álcool gel e infundáveis máscaras? Para além da impossibilidade de muitos de aderir a um modelo home office, quando na verdade a realidade apresentava um transporte público superlotado para que chegassem ao seu trabalho absolutamente presencial, o qual poderia ou não ser arejado. A saúde pública e seu sucateamento foi também um elemento diferencial ao longo da pandemia, afinal não podemos acreditar que os hospitais públicos, completamente atordoados com a altíssima demanda e os recursos nem sempre presentes estavam em igualdade de condições com hospitais privados. Sendo assim uma análise do caráter necropolítico não foge ao tema, pelo contrário complementa-o.

Barata (2009) levanta as questões de especificidade e desigualdades sociais e como as mesmas afetam a saúde de cada grupo de formas distintas. A autora ressalta a importância dos princípios que o SUS deve manter e aplicar, sendo eles: universalidade, integralidade e equidade. Os atravessamentos das mais diversas desigualdades sociais têm impactos diretos e claros na saúde de qualquer população, sendo por óbvia e lógica consequência fator que traz também afetações na SM dos universitários. Nem todos os estudantes possuem moradia própria, nem todo estudante possuía acesso à internet em sua residência, ou condições de manter o isolamento social devido a fatores econômicos e trabalhistas. É importante ao considerar os mais diversos contextos da comunidade Unesp, indagar se os dispositivos puderam assegurar os pressupostos mencionados no tocante a saúde e SM, para que seja possível analisar se houve universalidade, equidade e integralidade.

Quando a situação em Manaus se tornou ainda mais adversa do que para outras populações por conta da precariedade encontrada na ausência de recursos, incluindo respiradores, a calamidade atingiu outro patamar. Cenas das mais impactantes e nefastas se

instalam então para aquela população. A partir de tal situação surge o projeto SOS Manaus, encabeçado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp) e com apoio da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), para prestar assistência psicanalítica na modalidade online para crianças, adolescentes e seus cuidadores. Ao notarem os mundos superpostos quando comparado às condições socioeconômicas e todos os múltiplos e cruéis atravessamentos extremamente desfavoráveis a determinada parcela da população, o SOS Manaus se converte em SOS Brasil, expandindo investimentos e investidas de cuidado. As sociedades brasileiras de psicanálise e a federação brasileira de psicanálise também reconheceram e se ocuparam de elaborar alguma forma de enfrentamento para o pandemônio pandêmico instaurado. (Lisondro, 2023)

O SOS Brasil segue em funcionamento e lidando com reformulações para melhorias, sinal de que as vulnerabilidades da população seguem, com os acréscimos dos efeitos pandêmicos e pós-pandêmicos. O formato do programa consiste em oito atendimentos online que ocorrem após o processo de triagem, no qual o triagista verifica a demanda dos grupos e entra em contato com os profissionais disponíveis. Há atualmente cinco eixos de assistência, sendo eles: Grupo de atendimento para bebês e seus pais ou tutores; Grupo de atendimento para crianças e famílias; Grupo de atendimento para adolescentes; Grupo de cuidados para adultos (pais e/ou cuidadores); e o eixo 5 que provê assistência às instituições para crianças. Além desses eixos foi construído também um grupo que desenvolveu como enfoque o cuidado com o corpo e de seus diversos sintomas, sendo composto por pediatras, odontologistas, assistentes sociais, osteopatas, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e psiquiatras.

Outro elemento característico e marcante que deve ser citado para ampliar o entendimento dos fatos nesses anos foi a hiperconectividade. Procurando compreender os fenômenos contemporâneos juntamente com o atravessamento da pandemia, as redes sociais, notícias e a hiperconectividade não exclusivas, mas fermentadas pelo isolamento físico proveniente da COVID-19 evidentemente constituem período distinto no Brasil e no mundo. Segundo pesquisa apontada pelo jornal Estado de Minas (2021) o Brasil é o terceiro país que mais usa as redes sociais, formando então uma estrutura de funcionamento distinta de pelo menos 190 países, tendo um aumento de 40% no uso das redes sociais no país (Cunha, 2021)

A hiperconectividade traz implicações das mais diversas, uma inflação narcísica muito marcada e uma exaustão perene, relacionada ao papel de participação ativo na construção e manutenção de um panóptico, na exposição a notícias constantes envolvendo luto, possibilidades de escândalos de corrupção envolvendo vacinas, respiradores e colapsos nos sistemas de saúde pelo planeta.

Todos os fatores mencionados acima vão construindo uma exaustão alimentada e anestesiada ao mesmo tempo pela hiperconectividade, havendo então um nó no uso prático e nas angústias envolvidas nas redes sociais e nas exposições ao longo dos anos de pandemia, encontrando sintomas sociais mais palpáveis ou visíveis, sendo discussão muito presente na obra de Badino e Leite (2022). O fato das pessoas estarem se vendo nas telas com uma frequência muito mais por meio das reuniões, *selfies* e afins constitui o chamado efeito *zoom*, podendo ter uma relação com a alta do narcisismo e desaguando no crescente número durante e após a pandemia de procura por intervenções estéticas ou cirúrgicas.

Seguindo a análise das afetações no contexto da pandemia, Zizek (2020) alerta que há um ledô engano quando ocorre a avaliação instantânea e superficial de que aqueles que já trabalhavam em casa ou saiam pouco de suas casas enfrentam necessariamente com menor preocupação ou maior leveza a pandemia e o isolamento social decorrente da mesma, visto que são justamente essas pessoas que lidam com fantasias de impotências distintas dos demais, pois para elas passa a ser impossível mudar de hábitos, trazendo a ameaça como espectral e invisível, sendo mais perigosa, como se para esse grupo fosse mais complexo combater essas fantasias por estarem tão incrustadas na rotina e no psiquismo desse grupo. O esloveno menciona como exemplo de funcionamento a Alemanha nazista, que por vezes exercia um antissemitismo mais forte em cidades com menos judeus, caracterizando assim esse espectro invisível e preocupante para o regime.

Zizek (2020) não se furta ao prestar as suas recomendações para exercer zelo e manutenção da saúde, dentro do possível dado o quadro, trazendo de maneira direta suas “regras”, que soam de maneira mais ampla como recomendações ou alertas de um psicanalista preocupado ou ao menos preocupado com o momento. Defendendo a ideia de assumir os rituais e hábitos que estabilizam a vida no cotidiano, não condenando formas de negação fetichista como uma parcial negação da gravidade da situação para não sucumbir a ela, o autor salienta que a principal tarefa da ocasião é sobreviver, inclusive psiquicamente, então qualquer maneira que se encontre de tornar a vida cotidiana estruturada e abastecida de sentido está validada.

As contribuições de psicanalistas, historiadores e analistas políticos, bem como os dados de saúde global contemplados são os elementos que oferecem instrumentos para que gradualmente seja possível realizar uma compreensão e análise mais profunda do recorte adotado. Para entender de fato algo alusivo a SM dos universitários brasileiros com o atravessamento desse elemento nunca antes visto que foi a pandemia; é necessário considerar os recortes culturais, históricos, sociais e populacionais. Discutir a pandemia no Brasil não é o mesmo que debater como ela foi na Nova Zelândia ou na Noruega. Os autores e dados trazidos

são lentes para que seja possível um olhar mais assertivo em direção aos anos pandêmicos e suas afetações para com a população universitária.

#### **4.2 Catástrofe e Reorganização psíquica**

Klein (1964-1963/2023) ao abordar diretamente a SM, adverte que uma boa SM possui sua base fundada numa personalidade bem integrada e que é fundamental para tal base haver um equilíbrio entre a vida interna e adaptação à realidade. A autora previne sobre a relevância de lidar com os lutos que envolvem prazeres absolutamente perdidos, caracterizando a maturidade mental como fundamental para realizar contrabalanço desses sentimentos de perda e aceitar em alguma medida os prazeres substitutos que são possíveis, pois os desejados de fato existem apenas na memória embrulhada por fantasias infantis. Novamente na história da humanidade a lista de prazeres tidos como absolutamente perdidos passa a ser debatida e reeditada, graças às inúmeras incertezas e afetações trazidas pela pandemia. As muitas ameaças, reais ou fantasiosas fizeram sua ocupação em muitos indivíduos, a morte passa a ser temática quase sempre presente. Mesmo quando não dita expressamente, seu espectro pairava sobre as fantasias, discussões, noticiários e debates.

O momento da pandemia transpôs a morte como assunto visível, presente e constante, sejam as realidades ou ameaças. Segundo De Staal *et al.* (2021) há concomitantemente crueldade presente, pois a pandemia tirou ferramentas que sempre auxiliaram a lidar com a morte, os processos de celebração fúnebre, as cerimônias religiosas, vínculos sociais e contatos com os familiares. Causando a incerteza frente ao futuro durante um longo período, ao mesmo passo que aumentou o número de mortes, sendo elemento que evidentemente gera impactos nos processos elaborativos dos lutos implicados nesse período.

Surge então um grande número de questões de como tais mudanças afetaram não apenas a cultura dos rituais fúnebres, mas à SM da população. O subgrupo possivelmente vulnerável dentro dessa temática são os jovens universitários, tendo uma sequência de consideráveis lutos a fazer, não apenas sobre mortes, mas referentes às diversas perdas envolvidas, ao mesmo passo que devem se adaptar às demandas de ensino remoto, alterações no funcionamento acadêmico e afins.

Uma discussão contemplada por De Staal *et al.* (2022) alerta sobre os processos psicóticos que podem ocorrer como uma tentativa de defender o psiquismo das angústias possivelmente oriundas desse tempo desassossegado, como a alucinação negativa, sendo um movimento de cisão que exclui o elemento danoso ou o “elefante na sala” da cena. Tal

movimento pode ser necessário ao considerar as negativas das mais diversas implicadas e aplicadas no Brasil pandêmico, como negar a pandemia em si, negar a periculosidade ou mortalidade da mesma, ou, de maneira mais alinhada com a proposta desta pesquisa, negar afetações relativas à saúde mental provenientes do isolamento, como: contágio próprio, de familiares ou amigos; isolamento físico; perda ou medo da perda de emprego, entes queridos e afins; ou ainda questões ligadas ao próprio isolamento social em si enquanto disparador ou agravante para determinadas pessoas e afetações.

Como trazido por Santos *et al.* (2022, p. 11 - 14), ao abordarem a pandemia: “todos os planos e expectativas foram subitamente torpedeados ou suspensos pela imposição de uma realidade desalentadora e mortífera, evidenciando nossa fragilidade e desamparo”. O desamparo foi muito vivido e pouco vívido ao longo do período pandêmico, como apontado pelos autores. As outras questões levantadas por eles também são de suma importância e consonantes com o sentido dessa pesquisa, como cada indivíduo se posiciona nessa conjuntura; de que forma as condições psíquicas se implicam nesses processos; como e se as mentes enquanto aparato, estão aptas para elaborar e suportar esse período, e como auxílios vindos de atendimentos psicológicos ou psicanalíticos, no caso dos autores, podem contribuir para um melhor enfrentamento desse momento.

Santos *et al.* (2022), ao discutirem as fronteiras do desamparo pandêmico e as possibilidades de olhar para além do mesmo, tentando compreender a paradoxal oportunidade para alguns sujeitos de transformação do psiquismo e mobilização de recursos psíquicos internos, discutem o papel dos psicanalistas em seus atendimentos *online* ao longo de 2020 e 2021. A avassaladora angústia invadiu o cenário brasileiro, trazendo dores e receios dos mais diversos, sendo voltados para a saúde física, financeira, social e mental. As autoras levantam a importância da esperança e da capacidade de mobilização, para lidar com esse duplo desamparo, seja em graus distintos dos analistas e seus pacientes. O relato de experiência das autoras contextualiza a valia de atenção à saúde mental e dos aparatos destinados a tal prática, surgindo então às diversas possibilidades de como realizar esses cuidados, tendo em vista que os psicanalistas, sobretudo o grupo filiado às sociedades, não têm capacidade de acessibilidade por diversos motivos para toda a população brasileira; não sendo numerosos o suficiente para lidar com tantas afetações. A questão que segue sendo esmiuçada é como zelar e agir nos níveis de atuação em saúde para com a população, nesse caso mais específico, com essa população mais vulnerável nesse âmbito: os estudantes universitários.

Um dos temas que parece ser de grande valia e propício de analisar no contexto da pandemia é a neuroplasticidade. A questão passa a ser o quão plástico é possível ser na atual

conjuntura e o quão próximos do colapso se está, podendo haver ganhos ou redução de impactos danosos quando se pode realizar prazer num pensar criativo. O pensar criativo permite “transformar, integrar elementos perturbadores da mente”, capaz de trazer prazer, mover-se de uma posição mortificada para uma vivificada, tendo possibilidades criativas e transformadoras, sendo uma possibilidade de mobilizar o que ainda há de pulsão de vida, mesmo que não esteja abundante um extremamente ativa num momento, a questão é reinvestir para fazer o moinho girar, abrindo possibilidades de enfrentar de formas novas o desconhecido, mesmo que seja aterrorizador, nefasto e vil. A criatividade e a neuroplasticidade então se articulam como capacidade de criar e reinventar em situações complexas e ameaçadoras, podendo estabelecer um grau de adaptabilidade maior ou menor em muitos contextos. A plasticidade e a criatividade quando bem equalizadas podem estabelecer uma noção de um self adaptado numa medida bem vinda para suportar o mal-estar pandêmico.

Winnicott (1967/2019) apresenta um conceito de potencial muito rico para o contexto, o de espaço potencial. A valia reside no fato de que no espaço potencial a experiência cultural, ou mesmo o brincar, possuem papel de substancial importância possibilitando exercer o uso de uma atividade criativa envolta na experiência cultural e assim trazer novas alternativas. Winnicott é um dos autores que traz questões relativas ao ambiente como muito pertinentes e úteis ao indivíduo, podendo auxiliar então no entendimento dos tempos pandêmicos e de como a maneira com a qual as relações do indivíduo com o ambiente vão se construindo são fundamentais.

O autor não opta por uma supervalorização de um mundo externo ou interno, trazendo o espaço potencial como esse meio termo poderoso para a saúde e para um *self* bem integrado. É evidente que nem todos receberam ao longo de seu processo de amadurecimento e ao longo da pandemia as mesmas condições e arcabouço de referencial cultural para poder exercer uma experiência cultural rica e que auxilie de forma mais efetiva no enfrentamento de tempos tão tenebrosos, contudo negar as contribuições de Winnicott pode ser dispensar uma rica contribuição na redução da penosidade da experiência dos anos envoltos pela COVID-19.

A conclusão é de uma possibilidade alta e perigosa da catástrofe, do colapso de muitos. Há chances reais de estarmos diante de uma situação limite desencadeada a partir da pandemia e do isolamento social. Isolamento para o ser humano sempre é sinônimo de algum perigo ou mal-estar, embora a convivência tenha seus desgastes e gere demandas no psiquismo, o isolamento costuma ter potencial mais violento e desestruturante. A solitária segue como castigo em muitos sistemas prisionais. Acrescido aos riscos socioeconômicos, de saúde física,

aos lutos constantes e o medo que paira de a qualquer momento outra pandemia se deflagrar constituem esse momento de relevância nunca antes vista.

Como alerta Harari (2021) o mais danoso pode não ser o vírus, mas sim os demônios interiores da humanidade, sendo nomeados por ele como ódio, ganância e ignorância. O autor lembra que a UNESCO surge após a segunda guerra mundial para criar uma cooperação científica e intelectual, sendo dispositivo extremamente salutar atualmente. Tal fato acende a esperança e levanta a possibilidade e o convite para que seja possível intervirmos de maneira que, se não a evitar futuras crises, possamos diminuir seus riscos e impactos. Freios ABS, cintos de segurança e airbags não acabaram com os acidentes de trânsito, contudo diminuem seu número de ocorrência e a gravidade dos ocorridos. À luz desses fatos recentes precisamos discutir quais dispositivos somos capazes de instalar nas universidades públicas para maior segurança dos envolvidos.

Há de se discutir então como as universidades têm lidado com a saúde mental até o presente momento e quais são as possibilidades e necessidades que se configuram para o futuro.

## **CAPÍTULO 2 – A UNIVERSIDADE E AS PRÁTICAS DE EXTENSÃO**

### **5 APRESENTAÇÃO DOS SERVIÇOS**

É importante pontuar que serviços voltados para atenção psicossocial e atividades envolvendo zelo e cuidados ativos para com a população estudantil não são obviamente uma exclusividade das universidades públicas, uma vez que o Estado também possui responsabilidades para com esses estudantes. Há, ademais, medidas realizadas por faculdades e universidades particulares que tenham ações voltadas para a temática em questão, ou seja, não se trata de uma discussão sobre uma exclusividade das universidades públicas, mas de como as mesmas a têm desempenhado.

#### **5.1 O NTAPS**

O NTAPS é um programa de SM dos discentes da UNESP que procura se orientar perante as demandas dos discentes, servidores docentes, técnicos e administrativos para realizar intervenções estratégicas, visando contribuir com as condições psicossociais da população acadêmica. O núcleo conta com o apoio da Coordenadoria de permanência Estudantil (COPE) e foi aprovado em 2021 pelo Conselho Universitário (CO). As estratégias são planejadas e realizadas para a inserção psicossocial, criar espaço de fala, informação e acolhimento das demandas de todas as unidades da UNESP. Vale ressaltar que atualmente o NTAPS se configura como um projeto, não sendo ainda um serviço institucionalizado, sendo como um braço dos serviços da UNESP, de tal modo que na prática o aluno deve procurar primeiramente o Setor Técnico de Saúde (STS), que é o serviço de saúde institucionalizado da UNESP; contudo, por vezes, o excedente acaba por ir até o NTAPS. O núcleo possui sua sede na UNESP-Bauru e sua atuação contempla todos os 34 campi da UNESP.

O NTAPS foi fundado em 2018 com a proposta de melhorar as condições psicossociais e ser promotor de saúde para a comunidade UNESP. O núcleo surge a partir de um trabalho conjunto da Faculdade de Ciências (FC), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) e a Faculdade de Engenharia (FEB), juntamente com o apoio da COPE.

O núcleo vinculado ao campus da UNESP de Bauru, mais especificamente a Vice Direção da Faculdade de Ciências, na qual está o curso de Psicologia da unidade. Segundo o artigo 4º de seu estatuto: O NTAPS tem por objetivos: I- Realizar ações que melhorem a

qualidade de vida do público-alvo; II- Atuar de forma preventiva junto ao público atendido, caracterizando-se como ação de prevenção e combate ao suicídio; III- Favorecer a adaptação psicossocial (psicológica, pedagógica e social) dos indivíduos ao contexto universitário, auxiliando para que haja a vinculação da pessoa com as pessoas e ambientes inseridos na universidade; IV- Oferecer suporte às demandas relacionadas à saúde mental (atendimento psicológico e encaminhamentos a outras instâncias de saúde), acolhendo demandas e realizando atividades que propaguem informações e estratégias de enfrentamento (UNESP, 2023).

A UNESP Bauru já havia criado o NTAPS em 1 de junho de 2018, como mencionado anteriormente, contudo, passou por mudanças no tocante a formatos e propostas, procurando se enquadrar em um primeiro momento às demandas *online* de promoção de saúde, bem-estar e assistência para seus alunos. O NTAPS conta com diversas programações sazonais como grupos terapêuticos, oficinas acadêmicas ou não acadêmicas, *lives*, rodas de conversas e atendimentos breves, podendo haver encaminhamentos para outros serviços ou profissionais. É fato público e notório para os responsáveis pelas frentes de atuação que a pandemia foi fator de altíssimo grau de mobilização e expansão para o núcleo, sendo responsável por profundas mudanças e ampliações.

O funcionamento do núcleo é devido a contribuição de estagiários, profissionais contratados e profissionais voluntários dos programas de pós-graduação. De maneira mais detalhada, o próprio NTAPS qualifica sua composição por: Conselho Gestor, Serviço Social, Serviço de Psicologia, Voluntários (psicologia, assistência social, pedagogia, tecnologia da informação, design, relações públicas, enfermagem, etc.). As frentes de atuação são respectivamente: Prevenção e promoção em Saúde Mental; Acolhimento Psicossocial; Assistência Psicológica. Mantendo suas diretrizes de atuação pautadas em conceitos de diversidade e inclusão, bem como promoção de bem-estar tanto físico, psíquico, quanto social.

Para garantir o funcionamento do núcleo há condições mínimas necessárias, sendo uma equipe mínima que conta com a composição de ao menos um pedagogo, um psicólogo e um assistente social. O público alvo dos serviços é constituído por: alunos da UNESP de graduação ou pós-graduação, alunos do colégio técnico industrial (CTI), professores, profissionais da área técnica-administrativa e terceirizados.

A prevenção procura considerar o contexto do campus em questão e seus participantes para realizar diversas ações que venham a instrumentalizar os discentes e docentes no tocante a importância da construção e manutenção de redes de apoio e discussões a respeito de temas que envolvem o contexto dos universitários. Levando em consideração o foco do trabalho, há diversas ferramentas para viabilizá-lo, como contatos com formas de expressão artística,

atividades físicas, meditações, etc. Existe uma valorização e realização de eventos como: rodas de conversa, oficinas e cine debate; havendo também conteúdos postados e divulgados nas redes sociais.

Para além da comunicação e divulgação com a comunidade UNESP externa ao NTAPS, existe também o Jornal Interno, que procura facilitar a comunicação interna do núcleo. O Jornal expõe as atividades e trabalhos realizados, bem como apresenta os membros que participam de cada setor.

É fundamental salientar que durante as entrevistas foi informado que a tendência é que algumas frentes passem por reformulações e alterações de nomenclatura, contudo o presente trabalho foi fiel aos nomes técnicos adotados até o momento de sua conclusão, então é possível que tenham ocorrido alterações de nomenclatura.

#### 5.1.1 Frente de prevenção e promoção em saúde mental

A Frente de Prevenção e Promoção em Saúde procura criar condições para que toda a coletividade da comunidade UNESP possa enfrentar adversidades gerais, pessoais e contextuais de melhor forma, em especial as que circundam o ambiente universitário. A Frente desenvolve ações estratégicas localizadas no nível primário de atenção, sendo destinadas a toda comunidade UNESP.

Existe o entendimento de que as atuações da Frente devem ser pautadas a partir de um paradigma de multidisciplinaridade, assim ocorrendo atuações de uma equipe multiprofissional e multidisciplinar. Nutricionistas, psicopedagogos, psicólogos e outros profissionais.

A atuação da frente conta com diversas programações e atividades, como por exemplo, o Plantão: fala que eu te escuto; O Projeto Kuab: Saber, Conhecer e Reconhecer; Oficinas de letramento científico; e Oficinas de alimentação saudável. O Plantão visa oferecer uma fonte de escuta qualificada e de acesso mais fácil, enquanto o projeto Kuab, procurou discutir e fomentar práticas inclusivas e pedagógicas dentro da universidade.

#### 5.1.2 Frente de Acolhimento

A frente de acolhimento possui um modelo de 4 a 6 atendimentos psicoterápicos. O acolhimento recebe estudantes para aconselhamento psicológico ou atendimentos de suporte para os que se encontram em estado de crise emocional, compreendendo aqueles com afetações significativas na qualidade de vida, podendo estar relacionada a: níveis elevados de ansiedade,

conflitos nas relações interpessoais, afetações na autoestima, perda de capacidades produtivas, desamparo, sofrimento subjetivo, perda ou falta de projetos, problemas ou dificuldades para objetivar e discriminar problemas, dificuldades na administração do processo ensino-aprendizagem, organização do tempo, além de dificuldades relativas à permanência nos cursos, etc. O objetivo do acolhimento psicológico do núcleo é pautado em receber e acolher sujeitos em sofrimento psíquico com a ferramenta das modalidades de psicoterapias breves por meio de escuta ativa. A frente exerce atenção especial aos alunos contemplados pelo Programa de Permanência Estudantil (PPE).

Os atendimentos na frente de acolhimento são realizados por estagiários do curso de psicologia da UNESP Bauru e Assis, e por psicólogos vinculados aos programas de pós-graduação da UNESP. Havendo necessidade de supervisões periódicas para os estagiários. Considerando que são atendimentos de caráter mais breve e possivelmente mais focal, bem como por haver estagiários na composição do quadro, não é definida nenhuma abordagem como obrigatoriedade de referencial teórico. São adotadas de maneira mais frequente técnicas e instrumentos de acolhimento psicossocial em saúde mental e abordagens psicológicas de crise como plantão psicológico ou clínica da urgência. Não existe impedimento para o atendente enquanto limitação do uso de referencial teórico de sua preferência, contanto que haja domínio e discussão prévia durante os períodos de supervisão.

Quando os atendidos podem encontrar ganhos em encaminhamentos, o atendente do acolhimento viabiliza tais questões. A principal proposta da Frente de Acolhimento consiste em ofertar atendimento psicológico composto de escuta ativa e acolhedora, para todos os inscritos que apresentem qualquer sofrimento da ordem da SM.

Existe a possibilidade de atendimentos presenciais nas cidades de Bauru e Assis, sendo no caso de Bauru disponível o uso da sede ou de salas do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) e em Assis de salas do Centro Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA). Os demais atendimentos ocorrem na modalidade online por meio de videochamadas na plataforma Google Meet; ocorrendo a integração da ferramenta do Google Agenda com o site do NTAPS e assim gerando a disponibilidade do link para a videochamada.

Graças ao convênio realizado entre a Reitoria da UNESP e a Fundação para o Desenvolvimento Médico Hospitalar (FAMESP), válido entre 2023 e 2027, ocorreu a contratação de três psicólogos que possuem 30 horas semanais de carga horária. Os três psicólogos contratados pelo convênio FAMESP atuam junto à Frente de Acolhimento.

### 5.1.3 Frente de Assistência

A Frente de Assistência se caracteriza por ser responsável por exercer continuidade no trabalho realizado pelas outras frentes, quando se trata de casos que precisam dar continuidade a processos psicoterápicos. A frente atua por meio de grupos psicoeducativos e há possibilidade de encaminhamentos quando necessário, sendo feitos para atores externos à UNESP, ocorrendo com articulação com as redes saúde e atenção psicossocial dos municípios.

A frente de assistência é responsável por processos psicoterápicos na modalidade grupal, advindos de encaminhamentos realizados pela frente de acolhimento. Sendo mais longevos, podem ter mais tempo para abordar as temáticas, bem como ter os demais benefícios do funcionamento grupal. Os atendimentos são realizados por profissionais da psicologia, não por estagiários. (UNESP, 2023)

As programações ocorrem de maneira mensal, havendo divulgação prévia via *e-mail* e *Instagram*, as inscrições ocorrem por meio do *site* após os alunos interessados preencherem o formulário. Há um número restrito de vagas em determinadas programações, sejam elas presenciais ou *online*. Existe também no *site* da Faculdade de Ciências do campus de Bauru uma sessão para o NTAPS, na qual se pode encontrar notícias, atividades, eventos e a história de desenvolvimento do núcleo.

A estrutura do núcleo também conta com divisões de cargos e funções dentro de sua equipe estratégica. Havendo as seguintes subdivisões: Gestão de Pessoas; Gestão de Comunicação e Marketing; e Gestão Técnica Psicossocial. A última citada é responsável pela atuação das três frentes descritas a pouco. A gestão Técnica Psicossocial foi criada em 2023 após uma reestruturação do núcleo, com a intenção de atender às crescentes demandas advindas do aumento de atividades ofertadas pelo NTAPS, para que as três frentes fossem melhor geridas. O NTAPS passou então a contar com outro psicólogo contratado, vindo de um concurso público da UNESP, havendo então dois psicólogos responsáveis pela Gestão Técnica Psicossocial.

As entrevistas realizadas com os profissionais vinculados ao NTAPS permitiram a compreensão e confirmação de que os princípios de funcionamento que pautaram a fundação, parametrização e constantes escolhas de diretrizes nas tomadas de decisões e firmamento de configurações e alterações dentro do núcleo foram sempre fortemente influenciados e embasadas no Sistema único de Saúde (SUS).

A constante necessidade de adequar práticas e planejamentos graças às alterações que iam se apresentando com o decorrer dos anos, em especial pelos anos pandêmicos, que por sua

vez potencializaram os riscos de afetações à SM da população; fez com que novos repertórios fossem sendo desenvolvidos e aprimorados com o passar do tempo, permitindo novas e melhores práticas de enfrentamento em toda frente de atuação do NTAPS.

Quando houve casos de suicídio de alunos, por exemplo, o NTAPS teve de se mobilizar para atuar da forma mais assertiva possível para com os colegas, visando também prevenir novos casos e trazer assistência de qualidade para aqueles que estivessem em grave sofrimento após tal perda.

Garcia, Manente e Capellini (2023) alertam que o NTAPS, no ano de 2020 contou com 81 discentes inscritos para Psicoterapia Breve e Acolhimento, enquanto em 2021 o número sobe para 462, o número cresceu em mais de cinco vezes. As autoras defendem o NTAPS e suas frentes como responsáveis por favorecer a criação de vínculos e sentimento de pertencimento dentro da universidade, assim promovendo saúde mental. O período a partir da pandemia acrescido aos riscos sempre existentes sobre a vulnerabilidade à saúde mental desses estudantes, bem como a crescente procura pelos serviços fornece elementos para a constatação necessária: a saúde mental dos universitários é possivelmente mais vulnerável do que nunca.

## **5.2 O E-CARE: Sentinela e E-CARE+ (UNESP)**

Outra ferramenta criada pela UNESP foi o E-CARE, essa tendo sua origem dentro do cenário de pandemia e sendo uma ferramenta criada para tal finalidade: lidar com as nuances pandêmicas. O projeto foi construído com a proposta de tele saúde, considerando a impossibilidade de outros formatos e a necessidade do auxílio na modalidade virtual. Contando com profissionais das áreas de psicologia, enfermagem, farmácia e medicina, a Rede Virtual Multiprofissional de apoio à Saúde realizou mais de mil atendimentos para com a comunidade universitária. A plataforma *online* com seus serviços de tele saúde teve seu lançamento em junho de 2021. Vale ressaltar que o E-CARE é um serviço de saúde e não exclusivamente de SM, sendo caracterizado pelo grande grau de amplitude oferecido à comunidade da UNESP.

O tele acolhimento foi o pontapé inicial para as atividades e auxílios promovidos pelo E-CARE. Assim que o Brasil declarou a doença como uma pandemia, começaram as primeiras reuniões organizadas pela coordenadoria de saúde da UNESP para que fosse possível discutir e planejar estratégias para o enfrentamento do momento emergencial. Surge então o tele acolhimento que desde seu nascimento foi gerado com a intenção de atender a comunidade interna da UNESP, não sendo em nenhum momento direcionado para a comunidade externa. Sendo um grupo interdisciplinar, contando com psiquiatras, psicólogos e demais profissionais,

composto por voluntários que compunham os grupos de comunidades virtuais de aprendizagem. A característica do serviço não se inicia com atendimentos psicológicos, mas grupos multidisciplinares de suporte.

Quando surge o E-CARE propriamente dito, aí se trata de um serviço de saúde, realizado por uma plataforma digital. No E-CARE há médicos contratados, permitindo que os pacientes enviassem resultados de teste de COVID, por exemplo; podendo então receber atestados e receitas desses médicos. Cada profissional de sua área criou seu protocolo de questões para realizar os atendimentos, havendo além da psicologia, profissionais da educação física, fisioterapia, Terapia Ocupacional, fonoaudiologia, nutrição, enfermagem e psiquiatria. Assim cada área teve seu protocolo e seu tipo de serviço organizado a partir de suas especificidades e das contribuições dos profissionais voluntários.

A psicologia criou um formulário com enfoque mais ligado às perdas relacionadas a COVID, como perda de memória, ansiedade, confusão e outras sequelas. Foi oferecido um número máximo de até 10 sessões, seguindo um modelo de psicoterapia breve, sendo um atendimento centralizado nas questões que permeavam a COVID-19. Ocorreram reuniões gerais e por grupos de trabalho de cada área para que o planejamento fosse feito e adequado.

Não existe nenhuma restrição de participação para a comunidade interna da UNESP, seja por parte do corpo docente ou discente. Ao adentrar no site do E-CARE durante a pandemia a pessoa se deparava com uma triagem virtual realizada por uma enfermeira, para que houvesse um acompanhamento efetivo de maneira multidisciplinar sobre as questões pandêmicas, o que evidentemente implica no contágio e quadro sintomatológico da doença em si, mas também abrange os desdobramentos mais amplos desse contexto.

A Rede disponibilizou materiais educativos ao longo da pandemia, visando informar e conscientizar a comunidade universitária esses materiais foram divididos em dois eixos, para profissionais da saúde e para aqueles que não o são. Os arquivos contêm informações úteis no tocante à gestão e enfrentamento das angústias referentes aos efeitos da pandemia e seus correlatos, bem como orientações sobre a procura de auxílio profissional e a importância das várias contribuições científicas envolvendo o tema. Para os profissionais da saúde os arquivos disponíveis são: Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia; Ebook – Uma visão da pandemia; Burnout em profissionais da saúde; Protocolos; Diagnóstico; Epidemiologia; Tratamentos; Casos clínicos; Entrevistas sobre o Coronavírus; Pílulas do conhecimento; Vídeos educativos; e outros temas em saúde. Já o material destinado aos demais é: Pediatria e a COVID-19; Animais de Estimação e a COVID-19; Transmissão e reinfecção; Sintomas da COVID-19; Dicas para o isolamento social; Vacinas; Casos clínicos; Grupos

especiais; Prevenção; faça sua máscara de pano; Verdade ou Fake News; SUS; Saúde Mental; Perguntas e Respostas; Entrevistas sobre o Coronavírus; Vídeos cartoonizados; Pílulas do conhecimento; Tik Tok do coronavírus; e PÓS-COVID-19 (E-care sentinela, 2023).

Foi informada uma alta na procura pelos serviços quando houve o surgimento e grande contágio da variante Ômicron, bem como quando houve o retorno das atividades presenciais. Posteriormente houve a expansão da Rede para o E-CARE+ (plus), assim trazendo profissionais de outras áreas e outros serviços. O E-CARE+ surge então no segundo ano do projeto, trazendo as seguintes novas áreas para contribuir: Nutrição, Terapia Ocupacional, Educação Física, Fonoaudiologia e Fisioterapia. Os atendimentos ocorreram durante a pandemia por livre demanda, com exceção das áreas de enfermagem e medicina.

O E-CARE com o final da pandemia passa por planejamentos novos e por alterações para redirecionar sua estrutura para atender outras demandas, em especial a síndrome metabólica, pois frente aos levantamentos realizados pela coordenadoria de saúde e pela decrescente afetação da COVID, o entendimento atual é de que os recursos devem ser melhor utilizados se redirecionados para outras questões que impliquem em afetações à saúde da comunidade da UNESP.

Houve o recebimento de um prêmio por parte do E-CARE, no XXI Congresso Médico Acadêmico de Botucatu (CMAB) de 2022, pela categoria de melhor trabalho na categoria “Extensão Universitária”, orientado por Ana Silvia S. B. Ferreira, o aluno de iniciação científica e bolsista da Agência UNESP de Inovação (AUIN) Luis Henrique Vallesquino Murayama encabeçaram a participação no evento (E-CARE, 2024).

### **5.3 O NAE (USP)**

O Núcleo de Apoio ao Estudante foi criado em 2017 e passou a também integrar com os demais serviços, como o GRAPAL (Grupo de Assistência Psicológica ao Aluno da FMUSP), a FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), o GRAPAL, concebido em 1986 e que atende os alunos de: fisioterapia, fonoaudiologia, medicina e terapia ocupacional; o NAE também integra o Serviço de Suporte Pedagógico e Serviço Social, além de programas de mentoria da FMUSP e possui também autonomia para a criação de novos espaços visando ampliar sua atuação dentro da instituição, procurando ofertar suporte aos alunos de graduação. O núcleo buscando orientar suas ações de forma a atender essa demanda, estabelece um olhar integral aos estudantes, assim sendo o responsável por ações dirigidas aos mesmos em questões

de âmbito socioeconômico, acadêmico-pedagógico, de saúde mental e de promoção de saúde (USP, 2023).

O GRAPAL está em atividade desde 1986, atendendo os estudantes da FMUSP e os residentes da mesma. Os atendimentos ocorrem por psicólogos e psiquiatras, mediante a necessidade avaliada. O intuito do GRAPAL consiste em ofertar suporte seguro e de confiabilidade para aqueles estudantes que venham a precisar de acolhimento e afins nos assuntos relativos à SM. Os atendimentos do grupo ocorrem entre 8h30 e 18h; O funcionamento do grupo transcorre por meio de conjunturas independentes das demais instâncias ligadas a FMUSP, de tal modo que suas contas são prestadas diretamente à diretoria da faculdade e à comissão de graduação (USP, 2023).

Os serviços do GRAPAL se situam nas instalações da Faculdade de Medicina, procurando gerar maior acessibilidade e praticidade aos alunos. No ano de 2022 tem início pela primeira vez o curso de formação em saúde mental de universitários da área da saúde, com o intento de acrescer os efeitos benéficos, por meio da formação de profissionais no auxílio aos estudantes.

Ocorre de maneira anual o convite via e-mail dos alunos do primeiro ano para uma entrevista individual, para que todos tenham conhecimento dos serviços do GRAPAL e seus funcionamentos, a partir de então a procura passa a acontecer por parte dos alunos ou pelo pedido de colegas de turma ou docentes.

O NAE atua com programas e ações de maneira contínua, mantendo um monitoramento ativo e atento às demandas e respostas que se formam, estabelecendo a função de interlocutor institucional juntamente com os dirigentes da FMUSP, para que possam certificar que haverá recursos necessários para o andamento das atividades do núcleo.

A composição do quadro é feita por docentes e discentes membros da comissão de graduação da FMUSP, bem como por profissionais dos seus respectivos serviços e programas de apoio para os discentes. A composição da estrutura organizacional conta com coordenação geral e mais quatro coordenações temáticas, sendo elas: Coordenação Social, Coordenação de Atenção em Saúde Mental, Coordenação de Promoção da Saúde e Coordenação Acadêmica. Enquanto serviços do núcleo, a divisão se dá em três partes: Acolhimento Integrado, Serviço Social e Serviço de Assistência em Saúde Mental. Os programas, por sua vez, são dois: Prevenção e Promoção de Saúde Mental e o programa de Tutoria Acadêmica.

O NAE procura atender as demandas de alunos, servidores docentes, administrativos, técnicos, bem como toda pessoa integrante da comunidade FMUSP. Todos os citados têm o direito ao auxílio do núcleo e podem procurá-lo via coordenações, serviços ou programas. O

próprio núcleo descreve as principais motivações de contatos realizados com a equipe como pautadas em questões de vulnerabilidade em SM e das áreas de ordem socioeconômica e dificuldades no desempenho acadêmico.

As Coordenações de Saúde Mental em suas ações de ordem primária estabelecem a organização e efetivação de ações para apoio dos estudantes no tocante aos tópicos de assistência psicológica e médico-psiquiátrica. O grupo de assistência psicológica é oferecido aos alunos do GRAPAL da FMUSP.

A Coordenação de Promoção de Saúde cria ações visando propiciar um ambiente cada vez mais saudável de ensino e trabalho, estabelecendo trabalho conjunto com a Coordenação de Atenção à Saúde Mental, buscam promover prevenção quanto ao adoecimento. Por meio de um trabalho conjunto com os estudantes da área de saúde, procuram fortalecer elementos que atuem num sentido primário, a partir das contribuições advindas dos relatos, experiências e evidências que chegam através da parceria já mencionada com os estudantes.

O primeiro serviço na maioria das vezes que é tido como primacial para o estudante que se encontra em situação de vulnerabilidade acadêmica é o de Acolhimento Integrado, o qual concede uma escuta qualificada, instituindo uma visão ampliada das experiências vividas pelos alunos. Decorrem do acolhimento integrado, acompanhamentos e encaminhamentos advindos das necessidades de cada caso.

As ações que buscam estabelecer apoio institucional aos estudantes são de responsabilidade da Coordenação Social, em especial destinadas aos alunos com necessidades socioeconômicas, devendo haver avaliação e monitoramento dos serviços disponibilizados, bem como ofertar políticas aspirando a permanência discente com um aproveitamento acadêmico satisfatório.

O serviço social da FMUSP é conhecido e nomeado pela própria USP em seu site como MedApoia e busca realizar atividades em consonância com a Superintendência de Assistência Social (SAS) da USP, havendo análise socioeconômica dos inscritos, coordenação dos processos burocráticos e acompanhamento da execução dos termos. Atendimentos individuais, com escuta de qualidade são atribuições do Serviço Social, visando sempre propiciar condições e auxílios ligados a permanência dos estudantes.

#### **5.4 O SAPPE**

O Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante (SAPPE) fundado em 1987 é um órgão da Universidade de Campinas (UNICAMP), ligado à Pró-Reitoria de

Graduação (PRG) que objetiva prestar assistência psicológica e psiquiátrica aos alunos de graduação e pós-graduação da universidade, tendo seus atendimentos realizados em Campinas, Piracicaba e Limeira.

O SAPPE, juntamente com o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) procura auxiliar o estudante em suas trajetórias. O SAE foi fundado em 1976, sendo o principal encarregado de realizar uma assistência estudantil mais ampla. Buscando garantir que os alunos da UNICAMP possam ter um desenvolvimento satisfatório e por meio de um ensino de qualidade, além de as políticas de assistência estudantil e ter um período de formação mais proveitoso e saudável possível. A política passa por auxílios relativos à alimentação, cultura, educacional, moradia e transporte, além de colaborações em questões educacionais, jurídicas, sociais e trabalhistas (UNICAMP, 2020).

Os atendimentos psicológicos são realizados num modelo de terapia breve de orientação psicanalítica, com enfoque especial no auxílio a situações de crise dos alunos, enquanto os atendimentos psiquiátricos ocorrem em Campinas, em avaliação e acompanhamento clínico dos quadros que apresentem necessidade de medicação e avaliações médicas periódicas.

O contato para os atendimentos efetua-se por *e-mail*, após o recebimento do mesmo, o profissional enviará ao estudante uma ficha de cadastro que deve ser preenchida e enviada de volta ao mesmo endereço de *e-mail*, então será agendada a entrevista de triagem. A entrevista possui como finalidade o levantamento de dados sobre o aluno, sendo eles a respeito da queixa, questões pessoais e disponibilidade para o processo psicoterápico. Na entrevista há também o intuito de estabelecer qual dos modelos de psicoterapia do SAPPE será mais adequado para cada caso.

Os modelos de psicoterapia ofertados pelo serviço são: Pronto Atendimento Psicológico (PAP), Psicoterapia Breve (PB), Psicoterapia de casal e relacional, Quatro Sessões (4S). O funcionamento dos serviços é obviamente distinto, sendo válido contextualizar e explicar as especificidades de cada um. O PAP é um atendimento de sessão única que consiste em uma escuta destina para aqueles que estiverem em crise, os horários disponíveis para essa modalidade devem ser solicitados por *e-mail*. O 4S procura ser uma ajuda mais diretiva com enfoque em questões pontuais apresentadas pelo usuário. O modelo PB possui duração de três a seis meses em média, sendo constituído por atendimentos semanais com duração de quarenta e cinco minutos e tendo os horários combinados com o profissional; sendo realizado nos casos de alunos que necessitem de um processo mais extenso. A psicoterapia de casal e relacional exige que um dos participantes do casal ou da pessoa com a relação próxima seja aluno da

UNICAMP, tendo os atendimentos com duração de quarenta e cinco minutos e a frequência semanal no dia e hora combinados também.

Há uma lista de espera para os atendimentos do SAPPE, respeitando a ordem da data que ocorreu a entrevista, mas também tendo influência do tipo de atendimento, da demanda em questão e da gravidade enquanto critério clínico analisado. Três faltas seguidas resultam na exclusão do aluno dos atendimentos, havendo exceção em determinadas situações combinadas previamente com o terapeuta responsável. Normalmente é preciso aguardar seis meses do término de um processo psicoterápico para solicitar um novo, podendo ocorrer exceções mediante a avaliação do terapeuta.

Em 2020 foi publicada a primeira versão do guia de Boas Práticas para a Promoção de Bem-Estar na Universidade, sendo uma realização conjunta entre PRG, SAPPE, SAE e mais dois parceiros que viabilizaram o projeto. Dentro desse guia gratuito e disponível *online* encontramos 56 páginas destinadas a orientar e conscientizar os estudantes, o sumário já indica isso ao trazer os eixos “Sinais de alerta e sugestão de encaminhamento” e “A rede de assistência da UNICAMP”, por exemplo.

## **5.5 O DeAS (UFSCAR)**

O Departamento de Atenção à Saúde (DeAS) enquanto atendimento para a comunidade foi fundado em 1978 e tem por propósito de atuação voltado para a saúde da comunidade universitária, promovendo ações educativas, de prevenção e promoção, sendo das mais diversas. Em 1991 com inclusão da unidade Departamento de Assistência Médica e Odontológica (DeAMO). O nome foi implantado e em abril de 2015 surge o formato e a nomenclatura DeAS propriamente. O público-alvo do departamento é constituído pela comunidade universitária da UFSCar São Carlos, incluindo discentes, servidores e em situações especiais visitantes. (UFSCAR, 2023)

Existe o entendimento de que para manter alta qualidade de atendimento para a comunidade universitária é preciso haver qualidade a partir da área administrativa e até os atendimentos realizados por profissionais de saúde. O paciente após ser recebido é encaminhado para os profissionais, mediante a solicitação e demanda. Há ações em formatos diversos, como: em grupos, cuidados cínicos, práticas integrativas, etc. Para que seja possível atender melhor às demandas da comunidade.

## 5.6 O NAE (UNIFESP)

O Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) é um órgão de apoio aos estudantes com vínculo correspondente ao campus da instituição a qual o aluno participa. A Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), por sua vez, tem a incumbência de aplicar e efetivar a Política de Assistência Estudantil segundo os parâmetros estabelecidos pelo Conselho de Assuntos Estudantis (CAE). Os estudantes de graduação, mestrado, doutorado e residentes podem utilizar os serviços do NAE (UNIFESP, 2023).

As diretrizes que norteiam o trabalho do núcleo se baseiam no Plano Nacional de Assistência Estudantil de 2010, de Decreto número 7.234/2010. A partir desses parâmetros foram estabelecidas as competências, que consistem em nove; sendo elas: “Promover ações que visem contribuir para as Políticas de Permanência estudantil; Contribuir para o desenvolvimento acadêmico, visando à formação integral e de qualidade; Executar e contribuir para as políticas de apoio aos discentes; Participar, apoiar ou acompanhar projetos vinculados aos discentes junto à PRAE; Atuar junto a diferentes órgãos internos e externos da Unifesp orientado pelas políticas descritas no seu Regimento; Colaborar com coordenadorias da PRAE nas suas ações; Contribuir com a consolidação de dados e informações a respeito da atenção ao discente conforme os preceitos da transparência e da informação; Elaborar um plano de trabalho anual com participação da comunidade acadêmica a ser apresentado na Congregação de campus; Elaborar um relatório anual das atividades realizadas a ser divulgado à Comunidade acadêmica.

O Programa de Auxílio Para Estudantes (PAPE) foi criado para atender os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica por meio de auxílios, sendo uma parte da política de assistência estudantil na instituição procura gerar condições maiores de acesso para um melhor aproveitamento da formação. Há um edital anualmente que explica sobre as especificidades e necessidades para atender os benefícios, tendo o critério permanência associado a renda, sendo atualmente segundo o *site* do PAPE que o estudante esteja matriculado num dos cursos presenciais de graduação e haja uma renda familiar *per capita* de até um salário-mínimo e meio e que esses alunos se encontrem em situação de vulnerabilidade socioeconômica. (UNIFESP, 2023)

De maneira mais diretiva para com o tema saúde mental, existem alguns serviços específicos disponíveis, sendo eles: Acolhimentos; Orientações; Ações Coletivas; Encaminhamentos.

Uma vez que o presente estudo procura compreender a ação das universidades dirigidas à saúde mental (SM) dos discentes, parte basilar é a compreensão dos princípios da extensão universitária e das implicações envolvidas nas práticas das mesmas. A Política Nacional de Extensão Universitária desenvolvida pelo Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), baseada nas diretrizes do Plano Nacional de Extensão Universitária (1999), alega enquanto parte fundamental de sua função, auxiliar as transformações nas universidades públicas e suas práticas extensionistas com a finalidade de construí-la como instrumento de mudança social, visando solidariedade, justiça e democracia em seus pilares de atuação. As universidades públicas estabelecem então uma noção de responsabilidade quanto a SM de sua população docente e discente.

Seguindo com as contribuições da FORPROEX é possível ver que já em 2012 havia o entendimento de que não é uma normatização sobre como a universidade pública deve se portar e agir em práticas extensionistas como uma cartilha, mas diretrizes e parâmetros que devem ser contemplados de maneira crítica e contextual, para que seus pilares se mantenham e o tripé de ensino, pesquisa e extensão seja garantido; evidentemente mantendo o apoio a comunidade. Ao abordar o tema Impacto e Transformação Social, é estabelecido o caráter político implicado em seu exercício, como a escolha de em quem, e de qual maneira a atuação deve ou não ocorrer, ou em outros termos: quais serão os enfoques da extensão universitária.

Vale salientar que a Política Nacional de Extensão Universitária contempla diversos temas, dentre eles algumas importantes diretrizes que constituem fatores imprescindíveis para a construção e revisão das práticas extensionistas, sendo mais marcantes ainda quando o panorama brasileiro em tempos de COVID19 é abordado. As diretrizes de interação dialógica, interdisciplinaridade, interprofissionalidade e a indissociabilidade entre ensino-pesquisa são fundamentais desde o início da universidade pública, contudo a questão levantada é que no contexto de excepcionalidade vivido graças à pandemia, tais diretrizes podem ser mais necessárias do que nunca para sustentar tanto a universidade conceitualmente em si, quanto aqueles que estão ligados a ela, seja corpo discente ou docente.

Gonçalves e Quimelli (2016) ao contemplarem os princípios da extensão universitária apresentam uma série de componentes necessários para um entendimento envolvendo a temática. A universidade deve estabelecer função transformadora na comunidade, o que notoriamente possui relação direta com a extensão universitária, segundo os autores é

fundamental para a universidade estar sempre atenta às diferentes demandas da sociedade, que por sua vez são mutáveis. O papel transformador da extensão é multidimensional e complexo, instituindo um laço de mútuo benefício aos envolvidos, sejam os alunos, ou seja, a comunidade, o que também por vezes se mesclam, pois, a comunidade acadêmica discente e docente também pertence a um grupo mais amplo da comunidade local.

As autoras abordam de maneira muito clara que a extensão universitária se baseia num processo de trocas, referente às necessidades da comunidade e da universidade; devendo haver benefícios e cooperação entre ambos. Tal fato por si só já torna a saúde dos estudantes um tema com o qual a universidade deve se ocupar. Quando o contexto traz a excepcionalidade e todos os riscos já citados provenientes da pandemia, a articulação entre universidade, extensão e SM dos estudantes fica evidente. Não bastasse a necessidade de estabelecer ações visando promoção de saúde e zelo para os alunos, considerando que a universidade também deve possuir como objetivo produzir mudanças em si, por meio dos impactos transformadores das ações extensionistas, a extensão no contexto pandêmico é necessária e de grande valia para a transformação dos alunos e da própria universidade.

Ainda seguindo as contribuições dos autores acima, é explicitada de maneira direta e categórica que as mudanças não são restritas a comunidade de maneira apartada da universidade como se fossem elementos imiscíveis, pelo contrário, os autores afirmam “A própria Universidade Pública, enquanto parte da sociedade, também deve sofrer impacto, ser transformada”. Considerando que a obra data de 2016, muito antes de se pensar e debater as implicações do decurso pandêmico, as necessidades de atenção às mudanças dos mais diversos tipos se fazem mais presentes do que nunca, tendo em vista o gigantesco impacto na população brasileira, dentro ou fora das universidades, para jovens e idosos; claramente distintas em determinadas peculiaridades entre cada subgrupo.

Considerando tais contribuições sobre as benesses da criatividade e de atividades para estimular esse potencial de pensar criativo e as atuações possíveis num contexto tão cheio de impossibilidades, pode haver grande valia numa discussão mais ampla sobre saúde mental e atenção psicossocial, de tal modo que mais atores possam participar das contribuições para um melhor enfrentamento, reduzindo danos ou prevenindo-os na medida do possível dado o contexto. O Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) parece convergir com essa visão de atenção psicossocial, pois diversas programações e práticas para além dos modelos mais tradicionais e biomédicas aconteceram desde sua fundação e continuaram a ocorrer durante a pandemia.

## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Muitas universidades preocupadas com a saúde mental de seus estudantes optaram por estruturar serviços que pudessem contribuir para a atenção psicossocial ou cuidados relativos à saúde dos mesmos. A pandemia acabou por gerar reverberações dentro das universidades, levando-as a criar ou a repaginar o formato dos cuidados ofertados, considerando a crescente demanda e a novas propostas a serem construídas e executadas pelos efeitos diretos e indiretos do período conturbado vivenciado. Vale ressaltar que não foi a pandemia que inaugurou a atenção psicossocial nas universidades públicas brasileiras, contudo certamente ela colocou as práticas dos serviços numa outra condição, bem como trazendo um momento distinto e de maior risco para os alunos, de tal modo que se fez quase que necessário destinar maior atenção para revisitar e elaborar novas formas de atuação frente ao momento em questão.

O NTAPS ao longo dos anos produziu conteúdos informativos em redes sociais, realizou *lives* e outras atividades diversas, demonstrando um entendimento mais amplo e multiprofissional para a atenção psicossocial, assim trazendo atividades como: *Live* cuidados com a voz; Concurso de pintura; Grupo de Orientação profissional e de carreira e projetos de vida; Curso de permacultura; Oficina de escrita acadêmica; oficina de matemática; Oficina de Organização do tempo; Oficina de corporeidade e exercício físico; Roda de conversa sobre cuidados oncológicos; dentre várias outras que serão abordadas mais à frente. O ponto central é a compreensão de modelos mais amplos de planejamento e execução de ações por parte das universidades públicas para com a SM de seus alunos.

### 6 Análise das Entrevistas

Após realizar sete entrevistas ocorreu uma análise de conteúdo das transcrições feitas a partir das gravações, assim permitindo que os dados oferecidos fossem categorizados e melhor aproveitados, assim ofertando material mais rico para a compreensão dos serviços de saúde mental da UNESP e como eles se relacionaram com a pandemia.

A análise se deu a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (1997), seguindo as demais referenciais sobre saúde pública, saúde mental e da psicanálise que pautaram os demais capítulos. Evidentemente que algumas informações não foram mencionadas para preservar a identidade dos entrevistados, de tal forma que a maneira que as informações foram apresentadas visa proporcionar discussão e análise dos dados, contudo sem ferir o sigilo e violar a ética de pesquisa.

As seguintes categorias compuseram a análise:

**Tabela 1 – Categorias e Exemplos Contidos nas Entrevistas**

Categorias	Exemplos
O Enquadre	“Nós ficamos durante muito tempo só no mundo online remoto virtual, não é? E a maior dificuldade, na verdade, foi com relação a divulgação. Curioso, sabe?”
Os Grupos	“Eles estavam extremamente angustiados, preocupados. Então eu acho que, na verdade, essa foi uma ação muito importante naquela situação emergencial.” “Então, era uma aprendizagem mútua entre as pessoas do grupo.”
Escuta e Vínculação	“Porque aí dava essa sensação de pertencimento assim e acho que era um pouco do que os alunos falavam também. Relatavam, né?”
Afetações Sintomáticas e Diagnósticas	“Os transtornos de ansiedade, né? Como não era, não é de se espantar, né? Seguindo, né as estatísticas, né? Da própria OMS ou do DataSUS, eram o topo, né? Sempre foram o topo, seguido dos transtornos de depressivos, transtorno de humor, que é que é o que também mostra as estatísticas, né?”
Dissonâncias Entre os Serviços	“É bom hoje o NTAPS ele tem essa perspectiva ainda de crescimento, né? Ele aumentou-se muito os colaboradores, as pessoas que fazem parte do projeto e hoje o NTAPS, ele se configura como um projeto. Ainda não é um serviço institucionalizado, tá? Mas que é como se fosse um braço do serviço da UNESP.”

Fonte: Elaborado pelo Autor, 2024.

## 6.1 O Enquadre

Em todas as entrevistas a adaptação dos modelos presenciais para o *online* foi um elemento presente e de grande importância, seja para um êxito menos custoso ou para adaptações mais complexas e penosas dentro do momento. Mesmo para aqueles que já trabalham com atividades de forma *online*, a expansão para um maior número de participantes foi uma questão que exigiu manejo e adaptação.

Os entrevistados responsáveis pelo NTAPS trouxeram em consonância a relevância de uma boa apropriação por parte de seus funcionários, sendo elemento fundamental para garantir boas práticas a partir do período pandêmico.

Algumas pessoas encontraram maiores dificuldades nessa transição, havendo segundo relatos uma questão geracional implicada em tais problemáticas, tendo em vista que por vezes é mais comum haver maior grau de adaptabilidade por parte dos mais jovens. Tal fato também facilitou com que os estudantes tivessem acesso a esses serviços e no manejo das ferramentas digitais para participarem dos mesmos.

Como a frente de prevenção do NTAPS já possuía uma agenda ativa, com constantes palestras, oficinas e atividades voltadas para a comunidade sendo sempre realizadas presencialmente, a adaptação de tantas atividades, programações e práticas para a modalidade *online* foi avaliada como um dos grandes desafios para a atuação da frente. Foram necessárias diversas reuniões e numerosos estudos para o planejamento das programações *online*, incluindo atender às novas demandas oriundas da pandemia.

A frente de acolhimento, responsável pelos atendimentos psicoterápicos no modelo de atendimentos breves, por sua vez já apresentou outra forma de lidar com a pandemia, pois já realizava atendimentos, também na perspectiva de atendimentos *online*.

As contribuições e informações advindas das entrevistas relativas ao E-CARE pontuaram sobre os benefícios de ter ocorrido uma rápida adaptação e ingresso mais direto dentro dos recursos *online*, tendo em vista que estava amparada institucionalmente pela UNESP de diversas formas, como pela coordenadoria de comunicação e imprensa, por exemplo.

As entrevistas com representantes da Frente de Prevenção permitiram observar nuances particulares dos modelos *online* e presencial e como podem compor diferenças significativas para além das execuções de atendimentos e atividades grupais. Assim como no *homeschooling* ou no ensino à distância (EAD), em muitas situações, professores, colegas e demais membros da comunidade estudantil não percebem fatos que normalmente notariam com a presencialidade. Quando há muitas faltas por parte de um estudante, quando é visível a dificuldade de adaptação ou compreensão de determinado conteúdo, ou ainda quando há comportamentos autolesivos, cheiros que remetem a consumo de álcool ou outras drogas, etc. Existe toda uma gama de elementos que podem ser muito menos perceptíveis nos modelos virtuais, considerando que a percepção sensorial é evidentemente reduzida. Os relatos nas entrevistas afirmaram que estudantes puderam atuar como redes de apoio entre si e apresentar os serviços de SM do NTAPS uns aos outros, fato esse que foi de grande importância ao longo da pandemia, construindo uma noção de cuidado mútuo.

As entrevistas revelaram as dificuldades relacionadas à divulgação por parte tanto do NTAPS quanto do E-CARE ao longo da pandemia. A modalidade *online* também permitia que alguns estudantes se isolassem completamente de interações, de tal modo que bastava ignorar *e-mails* e mensagens digitais, para permanecer alheio às práticas de cuidado a SM da universidade.

Os relatos vindos da frente de prevenção por parte de mais de um entrevistado, reafirmaram o estado de emergência e necessidade de constante adaptação. Ao avaliarem a estrutura do serviço e serem indagados sobre o que fariam de maneira distinta hoje, as respostas contemplaram a condição de imprevisibilidade da pandemia e suas mudanças, bem como o fato de ninguém estar preparado para a vinda da mesma. A avaliação atual é de que o momento pedia maior estruturação do que foi possível na ocasião, tal fato faz jus ao momento de emergência de saúde pública. Caso fosse possível se preparar tão rapidamente para lidar com o vírus, não haveria se configurado uma pandemia de proporções mortíferas tão severas.

As respostas sobre estruturas e preparação afirmaram que os dispositivos aprenderam e se modificaram após terem de lidar com tantas e tão complexas mudanças vindas da pandemia. As equipes foram reforçadas, novas formas foram surgindo e sendo construídas; sejam de atuação, planejamento ou de desenvolvimento e estruturação interna.

O fato de não haver um diálogo constante e construtivo entre o E-CARE e o NTAPS ao longo da pandemia deixou também uma falta de resposta enquanto a protocolos, sendo relatado nas entrevistas, que pessoas apresentaram-se presencialmente na sede do NTAPS em Bauru, contudo não havia até aquele momento, diretrizes claras para os rumos dos atendimentos de forma padronizada.

## **6.2 Os grupos**

Outro relato em comum foi referente a potência e valia dos grupos, sejam eles com características suportivas, de auxílio acadêmico, psicoterapêuticas ou para atividades complementares de atenção psicossocial por meio de lazer e cultura. Seja no E-CARE ou no NTAPS, a noção de trabalhos e atividades grupais foi amplamente valorizada e avaliada como fundamental para o enfrentamento das questões pandêmicas e de SM.

Os achados reforçam as contribuições de Amarante (2007) enquanto compreensão mais ampla para além dos modelos biomédicos mais tecnicistas, embora também tenha existido amparo institucional para questões diretamente relacionadas com o contágio do vírus pela UNESP por meio das ferramentas já descritas no funcionamento do E-CARE com as equipes

multiprofissionais. Também são reencontradas às contribuições de Harari (2021) e Zizek (2020) no tocante a solidariedade e nos prós advindos de práticas de auxílio mútuo e solidário, mesmo que não nas plenas condições ideais para isso, até porque tais condições contradizem por excelência a situação da pandemia

Os grupos possuíram papel primordial, seja para atuações voltadas à prevenção ou para intervenções posteriores aos diversos danos trazidos pela pandemia. Sendo os grupos de aprendizagem mútua do E-CARE possuíam uma característica mais própria do início da pandemia, procurando gerar suporte entre seus próprios participantes, sendo espaço para partilhar angústias e sofrimentos. Partindo de um paradigma de aprendizagem ativa dentro de um contexto de crise com elementos surpreendentes para toda a população.

Nas entrevistas tanto de pessoas ligadas às frentes de prevenção do NTAPS, quanto ligadas ao E-CARE e os grupos de tele acolhimento, o *feedback* obtido a partir dos grupos reforça os achados discutidos anteriormente sobre o desamparo e a falta de espaço potencial de um ambiente minimamente acolhedor, ou ainda se possível, suficientemente bom, mesmo que digitalmente. Os aportes winnicottianos possuem conformidade sobre a valia de um ambiente para suportar e enfrentar as mais profundas adversidades. Fato esse exemplificado nas devolutivas e depoimentos positivos e de apaziguamento parcial frente às numerosas condições fortemente desfavoráveis.

O tele acolhimento e os grupos desenvolvidos pelos fundadores não foram grupos exclusivos para estudantes, havendo uma pluralidade para tentar abarcar as diversas nuances e formas de sofrimento enquanto temáticas e possibilidades de partilha a serem realizadas. Os grupos foram concebidos e ocorreram a partir de uma lógica de horizontalidade e partilha, não sendo um grupo de cunho psicoterápico, mas de atenção psicossocial. Quando havia a necessidade de encaminhar alguém frente às queixas, a comunidade, mediada pelos coordenadores, acabava por realizar tal destino. Houve grupos para servidores também.

Uma marcante preocupação e atuação ocorreu devido aos estudantes que ficaram impedidos de retornar ao Brasil e estavam reféns das situações pandêmicas e geopolíticas da ocasião. Os alunos em processos de intercâmbio e internacionalização foram fonte de preocupação para a comunidade e mobilizaram grupos que pudessem ofertar escuta e espaço para partilha, bem como trocas de informações potencialmente relevantes na manutenção da vida cotidiana e da SM.

O NTAPS trabalhou com grupos *online* também, havendo a intenção de gerar suporte imediato para a comunidade da UNESP, de tal modo que é impossível não se indagar sobre a falta de integração desses dispositivos, tendo em vista que poderia ser muito mais benéfico para

ambos se houvesse um trabalho em conjunto, seja por parte das divulgações, planejamentos e execuções. Após realizar as entrevistas fica muito claro o baixo grau de integração entre o E-CARE e o NTAPS, havendo narrativas dos entrevistados de haver resistência institucional ou preconceitos por parte de alguns para com outras formas que não as já estabelecidas e parametrizadas de forma mais usual para lidar com a pandemia.

O entendimento de todos os entrevistados que trabalharam ou apenas comentaram sobre os funcionamentos e benefícios dos grupos foram complementares e concordantes. Seja para prevenção ou intervenção durante os processos, o grupo foi tido como elemento indiscutivelmente positivo e potente a partir da pandemia. Os achados então corroboram entre si e com as contribuições de Amarante (2007), Harrari (2020), Zizek (2020) sobre atenção psicossocial, pandemia, cooperação e solidariedade.

Considerando que felizmente não é possível saber com precisão o quão danoso seria esse período para estudantes da Unesp sem o apoio institucional dos dispositivos e serviços, é válido pontuar que o funcionamento grupal construiu uma noção de cuidado e grupalidade, trazendo responsabilidade no cuidado. Segundo Winnicott (1952/2021) falhas no cuidado adequado podem levar à desintegração psíquica, algo completamente distinto da não integração. Novamente é constatado que não há como mensurar de forma precisa sobre o rumo da SM desses estudantes sem os dispositivos, contudo, é muito possível que avaliando a tamanha vulnerabilidade e potencialidade danosa da pandemia; houvesse a real chance de numerosas e nada agradáveis desintegrações psíquicas nessa população. Tal fato incorreria num alto número de diagnósticos das afetações psíquicas mais diversas.

Vale mencionar que dentro dos relatos de um dos fundadores dos grupos de tele acolhimento, foi narrado certo grau de sofrimento psíquico, não havendo diagnóstico especializado, entretanto sendo nomeado com estafa e sobrecarga mental de forte gravidade. Trazendo então indagações sobre o grupo, e se o mesmo contribuiu de alguma forma para certo adoecimento psíquico, ou se ainda foi fator protetivo para que não houvesse outros sintomas. A suposição aparentemente mais plausível é que o grupo pode ter realizado as duas funções para alguns dos responsáveis, em especial para os docentes. Como uma espécie de remédio com efeitos colaterais, ofertou espaço para partilha e grupalidade, contudo trazendo fortes demandas de tempo e energia investida como efeito colateral.

Elesbão *et al.* (2023) apresentam contribuições relevantes para as discussões referentes aos temas que são pertencentes a discussões sobre pandemia e as potencialidades de formações grupais. A partir dos apontamentos feitos pelos autores, pautados no grupo focal construído durante a pandemia; surgiram questionamentos referentes de como os dispositivos de SM da

UNESP puderam e poderão fazer uso dos meios grupais para avaliar e intervir de forma cada vez mais assertiva e transformadora para com a comunidade estudantil. O grupo focal, se fazendo valer da interação grupal, pode se configurar como importante ferramenta para coleta de dados, ao passo que permite conhecer as expectativas, queixas e angústias de seus membros dentro do grupo.

Ainda seguindo os achados dos autores acima, foi possível verificar consonâncias com outros autores citados ao longo do trabalho. No grupo realizado por Elesbão *et al.* (2023), que partiu de pressupostos e referenciais teóricos da Terapia Ocupacional (TO), foram encontrados e discutidos temas relativos às angústias que seus participantes trouxeram por não haver na ocasião uma previsibilidade de quando o isolamento teria fim, lidando com fortes sentimentos de ansiedade e com marcante fadiga. As contribuições winnicottianas são novamente presentes, de tal modo que o ambiente imprevisível e de potente grau ansiogênico foi configurando cada vez mais um cenário de potencial altamente danoso a SM. O presente estudo pode ampliar as discussões das práticas realizadas dentro da universidade, considerando que foi realizado com uma amostra mais diversa que o grupo estudantil, pode fornecer recursos para construções futuras de grupos parametrizados de forma distinta.

Todos os relatos confluíram no entendimento de que mesmo nos casos em que não tenha ocorrido necessariamente um grupo sistematizado e operacional, apenas o fato de haver espaço para partilha e para que os estudantes soubessem que suas angústias não eram únicas, já possuiu grande poder terapêutico.

### **6.3 Escuta e vinculação**

Os relatos dos entrevistados também foram unânimes quanto a devolutivas benéficas por parte de quaisquer frentes de atuação que ofertaram espaço para que o aluno pudesse falar, seja sobre angústias acadêmicas e como elas se entrelaçam com a pandemia, seja para manter o que fosse possível de um sentimento de pertencimento com o vínculo para com a universidade, ou para os lutos e angústias próprios da pandemia em si. A frente de acolhimento do NTAPS por ofertar um serviço de psicoterapia breve, evidentemente traz relatos mais diretos sobre os benefícios de intervenções psicoterápicas que consistem em grande parte em oferecer escuta qualificada para os estudantes; contudo, as demais atuações da universidade como os grupos de tele acolhimento e os grupos de atividades da frente de prevenção do NTAPS, também atribuem as trocas e partilhas serem ouvidas neste espaço seguro e grupal como elemento de alto grau de destaque numa melhor defrontação com questões pandêmicas.

A frente de prevenção do NTAPS informou que muitos alunos relataram um forte sentimento de perda de vínculo com a universidade a partir do isolamento social e da suspensão das atividades presenciais nos câmpus. Os grupos e encontros realizados tinham por intuito também fomentar a sensação de pertencimento desses alunos junto a universidade, para que não houvesse a sensação de desligamento ou desamparo. Havia também postagens interativas nas redes sociais que permitiam dar espaço e acolhimento para os estudantes, a ferramenta de caixas de pergunta dentro da plataforma Instagram foi um exemplo disso, tentando tornar possível a comunicação da forma mais fluida e acessível.

A frente de acolhimento que segundo os seus responsáveis é o segmento que faz avaliações preliminares e também realiza psicoterapias breves para seus pacientes, sendo de forma clara e evidente uma forma da universidade ofertar um outro serviço psicoterápico, que por si só já é sinônimo de escuta qualificada e fortifica um vínculo com a instituição.

Todas as formas de serviço possuíram formas diferentes de *feedback*, fato esse que propiciou dar maior atenção a algumas questões do que para outras, considerando quais as maiores necessidades dos estudantes dado o momento com as especificidades e os contextos.

Por meio da vinculação, que muitas vezes ocorreu por meio da escuta ofertada; se tentou prover a sensação de segurança para esses estudantes. Winnicott (1960/2023) pontua que o espaço necessário para o desenvolvimento sempre surge do relacionamento vivo entre as pessoas, de tal modo que a escuta e os grupos podem ter realizado parcialmente tal função necessária para que a segurança fosse minimamente protegida para a comunidade UNESP, novamente retomando a ideia de que estamos abordando formas substitutas e parciais de modelos que segundo o autor só ocorrem com o contato do real. Mãe é mãe, e incubadora é uma outra coisa, sendo útil em circunstâncias específicas, mas não podendo jamais pleitear o lugar de uma mãe suficientemente boa. Considerando a impossibilidade de haver contato com essa mãe suficientemente boa e se fazendo necessário o uso da incubadora, não é prudente ou sequer racional que não se recorra a ela. Os dispositivos de atenção psicossocial puderam funcionar como essa incubadora simbólica, considerando que a presença física e tátil não era viável, a incubadora realizou os cuidados necessários para manutenção da saúde. É evidente que a população prefere caminhar sem máscaras, contudo a situação as fez bem vindas e necessárias, o mesmo vale para os formatos virtuais de acolhimento, que buscaram gerara pertencimento aos estudantes de maneira institucional.

O assunto segurança fica ainda mais evidenciado e necessário quando o ambiente passa a conceder sucessivamente intromissões perversas e cruéis para o indivíduo, seja por meio de notícias que atualizassem o estado crítico da pandemia num quadro geral, o contágio de algum

familiar, a conduta de chefes de estado, ou ainda as próprias fantasias e angústias que se decidiam por si ser hora apropriada para baterem a porta da consciência do psiquismo. Além do fato da universidade não ser a única instituição com noções de identificação e pertencimento que foi abruptamente arrancada do cotidiano ordinariamente comum desses estudantes, que perderam também o contato com igrejas e demais instituições religiosas, clubes, teatros, práticas esportivas grupais, etc. A segurança física, afetiva e psíquica recebia constantes ameaças externas e acabava por mobilizar as fantasias, ansiedades e angústias para serem ameaças internas.

As tentativas de criar um espaço, ou vínculos que acrescentassem qualquer mínima noção de pertencimento e segurança para com essa população é de potencial altamente transformador e de considerável redução de riscos e danos. Podendo construir também o já mencionado espaço potencial, o qual sempre é grande notícia benéfica para o psiquismo do indivíduo, sobretudo ainda mais em tempos de tantas vulnerabilidades de violências das mais diversas formas.

O momento de retorno para a universidade enquanto lugar, o voltar para a vida presencial, para o espaço físico e concreto da instituição traz consigo suas peculiaridades. O texto que Winnicott escreveu em 1945 “De Volta ao Lar” parece fornecer arcabouço útil na compreensão dessa volta, que não é num contexto de guerra ou pós guerra, mas no contexto de pandemia e pós pandemia. No texto vemos o autor discorrer sobre a importância das trivialidades mais cotidianas e que compõe a vida privada das crianças que possuem um lar; de tal forma que é possível observar o paralelo para com as simplicidades costumeiras da vida universitária. A cantina, os corredores, bosques, salas de reunião, bibliotecas e salas de aula integram esse espaço potencialmente acolhedor e norteador. É possível pensar que estamos apenas falando de um lugar comum, e mesmo que forme um lar, não passa de um lar decente; contudo Winnicott mesmo assim não permitiria que esse fosse um argumento digno, pois afirma de forma categórica “Mas nunca é boa coisa tirar crianças de descendentes comuns”. Vale lembrar que a sala de aula *online*, as chamadas de vídeo são alternativas para tentar suprir as faltas, sendo ferramentas necessárias e bem-vindas, contudo uma incubadora por vezes também pode ser necessária e bem-vinda, todavia como afirmado pelo autor, jamais substituirá adequadamente uma mãe (Winnicott, 1945/2023).

Retomando então a análise direta das entrevistas, o ponto de concordância absoluta foi o da importância de algum tipo de manutenção do vínculo com a universidade. O espaço de manutenção ou sensação de pertencimento foi algo que a UNESP procurou sustentar e investir ao longo da pandemia, por meio dos atendimentos de psicoterapia breve, atendimentos de saúde

de forma mais ampla ou pela formação de grupos. A atividade grupal ou o trabalho grupal parecem ter ocupado lacuna importante durante os anos regidos pela COVID. Os grupos formados pela frente de prevenção do NTAPS possuem seu intuito fundado na redundância que a nomenclatura apresenta: são encarados como trabalhos preventivos. Os grupos de tele acolhimentos, formados no momento embrionário do E-CARE, compunham um trabalho de cunho mais interventivo em sua prática, todavia sendo impossível excluir a função preventiva sob o tema SM de sua configuração e atuação.

Não deixando de considerar que o E-CARE compõe um serviço de saúde com momentos de contribuições para lidar com questões relacionadas com a SM da população universitária e o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) não é destinado exclusivamente para os estudantes, quem realiza diretamente ações e intervenções pautadas nas especificidades desse subgrupo é o NTAPS. A frente de acolhimento e os atendimentos numa modalidade de psicoterapia breve são a única modalidade construída pensando de forma exclusiva nesse recorte populacional, de forma que outras existem, apenas não com exclusividade em sua prática.

Os atendimentos na modalidade de psicoterapia breve são realizados por alunos da graduação e da pós graduação da psicologia, tendo um número máximo de sessões pré-estabelecido e sendo responsável em diversas ocasiões por encaminhamentos para que outras formas de auxílio possam chegar até os estudantes, sejam eles de programas de graduação ou pós graduação em qualquer campus da UNESP. A psicoterapia breve como descrita por Hegenberg (2021), não caracteriza essencialmente de forma alguma uma modalidade menos eficaz ou profunda de atendimento ou ajuda. É muito frequente haver a associação automática e errônea de que longevidade temporal é sinônimo de profundidade e qualidade num processo psicoterápico, então vale ressaltar que tal associação não é verdadeira. Psicoterapias mais longevas, análises quase que intermináveis não são por natureza algo mais efetivo e útil no campo terapêutico, apenas possuem formatos, propostas, objetivos e enquadres distintos; o que não significa inferiores ou menos eficazes. Para exemplificar, no filme "O silêncio dos inocentes" (1992), o personagem Hannibal Lecter interpretado por Anthony Hopkins aparece cerca de 16 minutos na tela, fato esse que não o impediu de vencer o Oscar de melhor atuação naquele ano.

Os atendimentos realizados, em especial ao longo da pandemia, ofereceram algo peculiar e muito bem-vindo na ocasião. Além de um enquadre e de um espaço de escuta qualificada, das orientações e encaminhamentos, o mais relevante pode ser o simples e poderoso fato de que o aluno durante aquele período pode ter uma relação terapêutica, sendo

indissociáveis os dois termos. Um livro pode ser terapêutico, contudo vivendo o isolamento social trazido pela doença, numerosas angústias sobre estados de saúde de pessoas próximas, nada é igual a relação terapêutica. Não basta ser uma relação, não basta encontrar algo terapêutico, em algumas situações nada pode realizar a mesma função de uma relação terapêutica que componha um vínculo saudável com um profissional qualificado que está disposto a além de ajudar com os conhecimentos técnicos, auxiliar por meio de uma relação terapêutica vincular com objetivos, prazos e outros parâmetros muito bem estabelecidos.

Seguindo pelas via de contribuições psicanalíticas para a discussão do tema, Hegenberg (2021), dedica seu livro *Psicoterapia Breve Psicanalítica* para tal questão, se a psicoterapia breve seria inferior em detrimento de uma clássica ou ortodoxa análise dos moldes mais longos e sem tempo prévio estabelecido. A posição defendida pelo autor é a de que são processos distintos, fato esse que não estabelece uma relação hierárquica ou vertical entre eles, podendo cada um trazer ganhos significativos se realizados de forma correta, ética e considerando as indicações de cada caso. É necessário reforçar de que não se trata de uma discussão de qual modelo é essencialmente melhor ou pior (pois essa concepção é falha), o ponto a ser avaliado é qual modelo é mais indicado ou funcional dentro dos diversos contextos do sujeito e dos dispositivos.

#### **6.4 Afetações sintomáticas e diagnósticas**

O padrão mundial foi potencializado e seguiu seu curso, havendo um maior número de transtornos de ansiedade, seguidos transtornos depressivos e transtornos de humor; acompanhando as estatísticas da população geral.

As questões clínicas e diagnósticas foram fortemente impactadas pela impossibilidade de atendimentos presenciais pois uma grande parte da linguagem não verbal foi perdida, fato que para as avaliações foi gravemente relevante, devido ao fato de não ser possível observar de maneira mais completa ou menos incompleta ao menos, comportamentos não verbais e toda gama de nuances que apenas é possível num modelo presencial de avaliação e intervenção.

Durante um longo período, o NTAPS preocupou-se e ocupou-se de lidar com a alta e crescente demanda de SM que surgia ao longo dos anos, em especial dos pandêmicos. Tal enfoque se sobrepôs à atenção e à minúcia no que tange à produção documental estatística referente a avaliações e parâmetros psicodiagnósticos mais consistentemente tabulados, fato que poderia ser de grande auxílio para pesquisas e planejamentos de vindouras formas de intervir com tal população. Os relatos reforçam uns aos outros dentro dos participantes

responsáveis pelas frentes do NTAPS: a prioridade era atuar. O Núcleo conseguiu se manter atuante em todo o período da pandemia, procurando não desassistir os estudantes; tal enfoque parece ter se sobreposto sobre documentações psicodiagnósticas e avaliações parametrizadas para análise posterior.

O medo do colapso descrito por Winnicott (1967/2019), parece ser altamente frequente e comum em muitos pacientes após a pandemia se deflagrar e dia após dia adquirir nuances de crueldade e crescer incertezas das mais variadas para a população brasileira. O ego tenta organizar suas defesas para evitar o colapso, contudo o autor notabiliza que o ego é incapaz de se organizar contra um fracasso ambiental, tendo em vista que a dependência é intrínseca à vida humana.

Ao considerar o medo do colapso e as exigências cruéis e perversas de constante adaptação do ambiente, seguindo o fio condutor dos apontamentos de Winnicott (1945/2023), uma interpretação possível é a de que quem manifestou sintomas depressivos em alguns momentos pode ter exercido sinal de saúde, pois a situação em muitos contextos era fortemente depressora, evidentemente que não se tratando de casos de depressão maior ou com sintomas que coloquem a vida em risco. Não passar por momentos de humor rebaixado pode revelar um falso self, que tenta defender o verdadeiro em tempos tão perigosos e sombrios.

A pouca precisão documental por parte dos dispositivos não permite realizar um debate fortemente embasado em noções psicodiagnósticas mais precisas e profundas. As urgências pandêmicas e a estrutura dos dispositivos na ocasião não proporcionaram materiais documentais sólidos e sistematizados o suficiente para isso. Os relatos presentes constituem pontos em comum com demais populações, trazendo claras obviedades alusivas ao período. Elevados níveis de ansiedade, queixas envolvendo sintomas depressivos e temáticas envolvendo o luto.

As entrevistas com responsáveis pela frente de acolhimento confirmaram o crescimento de sintomas ansiosos e transtornos de ansiedade, contudo não há respaldo documental que permita mensurar tais impactos.

A falta de avaliações parametrizadas, padronizadas e documentações específicas; deixa como um dos únicos registros desse período, as entrevistas realizadas nesta pesquisa. Os relatórios anuais do núcleo também são registro documental válido, contudo não possuem tais informações que possibilitem discussões e planejamentos voltados para noções psicodiagnósticas e de estruturação de moldes institucionais para a atuação, principalmente da psicologia clínica dentro do NTAPS.

## 6.5 Dissonâncias entre os serviços

As informações e os relatos constroem uma ideia de serviços que dialogam muito pouco entre si, ou mesmo não o fazem, de tal modo que seria altamente improvável que não se construíssem ao longo dos anos com diferenças significativas.

Enquanto o E-CARE é um serviço de saúde para a comunidade UNESP, o NTAPS é um projeto. Assim, ambos partem de outro lugar institucional, de tal forma que acabaram por haver descentralizações que, aparentemente, não trazem benefício para o enfrentamento das questões que envolvem a saúde mental da população universitária da UNESP e os demais membros da comunidade UNESP.

Um dos dados mais peculiares que surgiu foi o do pouco conhecimento sobre o serviço que não se participava por parte da equipe tanto do E-CARE, quanto do NTAPS. A integração e o trabalho conjunto passaram completamente alheios aos dispositivos, deixando grande potencial transformador enquanto agentes na SM da população universitária da comunidade UNESP. Ações que poderiam ter contribuições mútuas, análises documentais, de *feedbacks*, recursos dos mais diversos e mesmo a solidariedade mútua da partilha dos próprios agentes ativos dos serviços parece ter sido no mínimo claramente subaproveitada.

As questões de ordem política e de vinculação institucional se apresentaram como elemento relevante para as análises, considerando que ambos os dispositivos possuem necessidades de divulgação, por exemplo, o fato de haver ou não recursos do STS compõe significativa diferença e pode ser fator determinante para uma divulgação com maior ou menor grau de alcance dentro da universidade.

O NTAPS criou seus meios para realizar a divulgação e comunicação para com a comunidade UNESP, utilizando plataformas e recursos diversos. O NTAPS conta com um Instagram (@ntapsunesp), um site próprio (<https://sistemas.fc.unesp.br/ntaps/>), um setor no site da Faculdade de Ciências (FC) (<https://www.fc.unesp.br/#!/ntaps>), um e-mail ([ntaps.fc@unesp.br](mailto:ntaps.fc@unesp.br)), e divulgação no site acontece na UNESP (<https://www2.unesp.br/portal#!/acontece>).

Os meio e recursos para a divulgação foram então diversos, assim constituindo diferenças marcantes e possivelmente evitáveis, caso os serviço e a universidade estabelecessem forma de cooperação e parceria. Tais divergências até o início de 2024 não foram alteradas.

A análise dessas diferenças existentes entre os dispositivos forneceu algumas respostas e muitas perguntas, em especial voltadas para o funcionamento e constituição das estruturas

dos dispositivos. A dúvida que possivelmente é de maior relevância está ligada aos formatos de existência do NTAPS e E-CARE. Poderiam ser unificados? Deveriam? Seria benéfico para quem? Olhando posteriormente a pandemia, as entrevistas dos membros, os documentos disponibilizados e todas as nuances do contexto, não é possível exercer uma esquivada frente tais questionamentos. Poderiam e podem existir diversos benefícios de tal unificação, de tal modo que a comunidade UNESP venha a atingir outras, novas e melhores maneiras de gerir, abordar e atuar em todos os temas referentes a saúde e SM de seus estudantes.

Nomenclaturas, funcionamento institucional e organizacional são temas de suma importância para uma unificação e aplicação de um novo dispositivo unificado, contudo foge ao tema deste trabalho discorrer sobre esses pormenores, além das limitações envolvidas nos aparatos mencionados.

## **7 ANÁLISE DOCUMENTAL**

Ao analisar os Relatórios Anuais do Programa de Saúde Mental dos Discentes da UNESP (2024), desenvolvido pelo NTAPS nos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023, algumas inferências, debates e discussões foram possíveis. De tal modo que é possível fazer avaliações e análises do enfrentamento dos anos pandêmicos e tentar a partir desses materiais e das entrevistas, construir ferramentas e arcabouço para auxiliar o quanto for possível na construção de novas e cada vez melhores formas de atuação no que tange ao tema da SM e atenção psicossocial dentro da universidade.

### **7.1 Caracterização dos Atendimentos**

Segundo o Relatório de Atividades de 2023 do NTAPS, 479 estudantes foram atendidos pela frente de acolhimento durante esse ano. No ano de 2021 foram 503 estudantes atendidos, enquanto não existem dados oficiais referentes ao ano de 2020. Embora a percepção geral dos envolvidos no núcleo seja de que a procura foi altamente maior a partir da pandemia, não é possível afirmar com exatidão o quão maior ela realmente foi.

Segundo o relatório de 2021 e as respostas de formulários respondidos dentro da plataforma Google Forms, que obteve 479 respostas, mais de 79% desses estudantes contavam com o acesso aos serviços de saúde públicos em suas cidades, novamente trazendo então elementos para a discussão sobre os acessos aos serviços de atenção psicossocial e serviços de

psicoterapia; sobretudo durante a pandemia e seus atravessamentos geográficos e de trânsito devido aos riscos de contágio.

No ano de 2023 o percentual de inscritos para o acolhimento que estava cursando a graduação foi de 82,8%. O número total foi de 851 inscrições. A procura de alunos de mestrado foi de 8,3%, de doutorado 7,1% e do colégio técnico 1,8%, tais informações corroboram com os achados mencionados anteriormente de que quando se fala de estudantes de graduação, é possível que seja um público que tenha mais necessidade ou encontre mais benefícios dos serviços de psicoterapia e atenção psicossocial.

Ainda seguindo dentro dessa mesma amostra de análise, há especificidades dentro desses estudantes que procuraram a frente de acolhimento do NTAPS. 49,6% dos alunos de graduação eram de cursos da área de Humanas, enquanto Biológicas 30,5% e Exatas 19,9%. Os dados desconsideram os cursos de pós-graduação e o colégio técnico. Existe marcante disparidade nas porcentagens, em especial referente a área de Humanas, possibilita formular questionamentos para investigações futuras.

A mesma amostra contemplou outras características grupais, tendo sido composta por 63,6% de brancos, 21,9% de pardos, 11,3% de pardos e 3,2% de amarelos. Com relação a identidade de gênero 67,2% eram mulheres-cisgênero, 23,2% de homens-cisgênero, 4,2% de não-binaries, 0,9 de homens-trans e 4,5% optaram por “nenhuma alternativa”; a faixa-etária revela um grupo predominantemente jovem, tendo 48,2% nascido entre 2001 a 2010, 43,2% entre 1991 a 2000, apenas 6,4% entre 1981 a 1990 e somente 2,2% entre 1960 a 1980. A amostra revelou então um total de 91,4% de nascidos entre 1991 a 2010, caracterizando uma amostragem predominantemente jovem.

Com relação ao acesso aos serviços de saúde dessa amostragem, o relatório do NTAPS revela que mais de 73% recorreram ao SUS, enquanto menos de 24% acessam diretamente os serviços de planos de saúde diretamente na cidade que residem. No que se refere a moradia e mudanças, 78,97% mudaram de cidade para estudar, fato esse que compõe a discussão sobre SM, vulnerabilidade, redes de apoio, vínculos e redes de atenção psicossocial. Tendo em vista que já foi possível avaliar que na maioria dos casos se trata de uma amostra jovem, com acesso restrito ao sistema público de saúde, acrescentando o fator mudança de cidade, é possível encontrar um cenário de marcantes mudanças e certo grau de vulnerabilidade. Tal conjuntura exige marcantes adaptações, sendo cenário de tensões psíquicas por si só. Para além de tudo isso, nos últimos anos, houve o atravessamento da pandemia, compondo novas formas de perigos e agravantes à SM.

Ainda dentro da temática moradia, dentro desse grupo, 39,1% moravam com amigos ou em repúblicas e 20,8% moravam sozinhos. Possibilidades de experiências de desproteção mediante as conjunturas de moradia são relevantes também, sobretudo quando o contágio de uma doença pode ocorrer vindo de colegas de moradia; ao mesmo tempo que não possuir colegas ou parceiros de convívio pode gerar intenso sofrimento psíquico, evidentemente potencializado pelo isolamento social e pela pandemia.

As condições socioeconômicas do grupo compreenderam com uma amostragem de 56,4% de estudantes que exercem algum tipo de atividade remunerada, 43,6% recebem auxílio estudantil; 57,6% possuem uma renda familiar entre um e três salários mínimos, 20% entre três e seis salários mínimos, 6% entre seis e nove salários mínimos e 16,4% possuem renda menor que um salário mínimo. Com relação ao momento da graduação desses estudantes, foi possível notar uma significativa predominância nos primeiros semestres da formação acadêmica. 22,21% dos estudantes estavam no primeiro semestre, 6,82% no segundo semestre e 13,75% no terceiro. 42,78% dos estudantes estavam cursando até o terceiro semestre da graduação, sendo fator que corrobora com a discussão de que o início da graduação e todos os elementos que envolvem podem compor um momento delicado para a SM desse grupo. É relevante mencionar que o grupo em questão vivenciou a experiência da pandemia recentemente, muitos estando já dentro da universidade, outros lidando com sequelas das mais diversas do período pós-pandêmico.

Prosseguindo na análise dessa mesma amostra, é relevante contemplar e discutir as questões que envolvem pessoas com deficiência(s) e questões da ordem da neurodiversidade, como parte desse emaranhado de características dos participantes. 4,23% das pessoas (36) assinalaram serem pessoas com deficiência(s). O autismo compunha 29,3%, o TDAH 29,3%, deficiências auditivas, físicas, intelectuais, fibromialgia e dislexia compunham cada uma 7,3%, deficiência visual e TOD 2,4% cada uma. A menção foi realizada por deficiência, neurodivergência e demais elementos relativos a inclusão; não por pessoa com deficiência, considerando que é possível que uma pessoa possua múltiplos atravessamentos que envolvem discussões sobre inclusão. Evidente que esses dados reforçam a ideia de trabalhos e equipes multiprofissionais dentro dos dispositivos de SM da universidade. É necessário também que se discuta formas de adaptação e ação dos serviços, sobretudo na modalidade on-line para que os atendimentos destinados às pessoas que necessitam de adaptações para inclusão seja igualmente qualificado.

Analisando as questões que foram encontradas pela equipe de acolhimento em 2023, 25,26% assinalaram pensamentos suicidas; 16,69% disseram realizar consumo abusivo de

álcool e/ou outras drogas; 21,03% afirmaram fazerem uso de remédio psiquiátrico de uso controlado; 18,45% alegaram possuir diagnósticos em SM fechados, e 14,34% afirmaram estar processo de luto. Os achados colocam muitos temas em discussão, pois todas as frentes de ação do núcleo podem atuar para de alguma maneira tentar agir de forma positiva sobre a SM e como a mesma se relaciona com essas temáticas. Algumas possibilidades como grupos de partilha sobre luto; grupos de apoio no tocante ao consumo abusivo de substâncias; oficinas e palestras de informação e conscientização sobre drogadição; etc.

As informações coletadas além de muito valiosas para o entendimento do momento vivido anteriormente, fornece dados e recursos para planejar novas formas de atuação e entendimento das questões que envolvem a SM desses grupos, que evidentemente não são uma amostra de toda a comunidade UNESP, conduzido pelo número, integram uma significativa amostra. Tantas informações e o potencial riquíssimo das mesmas, salientam a importância de avaliações e coletas de dados sistematizadas por parte dos dispositivos de SM.

Em 2023 a Frente de Acolhimento realizou outras atividades além dos atendimentos já descritos anteriormente. Em junho foi ministrada a palestra “Espaço universitário - vivência e cidadania”; a atividade foi solicitada pela vice-coordenadora do curso da Faculdade de Odontologia da UNESP Araçatuba (FOA). A palestra contou com a participação da equipe multiprofissional da Seção Técnica de Saúde da UNESP de Araçatuba. A ação teve enfoque na promoção de saúde por meio do combate e prevenção a preconceitos e discriminações. O evento contou com a participação de 90 pessoas.

Os encaminhamentos realizados pela Frente de Acolhimento para a Frente de Assistência em 2023 foram responsáveis por 97 pessoas participarem dos atendimentos em grupos. As mais comuns motivações para esses encaminhamentos foram: sintomas ansiosos e estresse, com mais de 27%; e Dificuldades em comunicação e vínculo com aproximadamente 25%. O número de encaminhamentos pode ser discutido, tendo em vista que até 2023, não ocorreu a devida integração e diálogo entre as frentes, ao menos segundo a avaliação dos entrevistados, e considerando a informação do relatório anual que afirma a importância de uma maior participação multiprofissional entre as Frentes; os encaminhamentos então podem ter ocorrido exacerbadamente ou também casos que poderiam ter benefícios significativos podem não ter encontrado tal destino pelo possível pouco conhecimento e diálogo interno do núcleo entre suas Frentes.

O NTAPS optou por atuar também com grupos psicoeducativos para intervenção em SM, considerando que além do período de formação compor momento de aprendizagem e formação profissional, é tempo de haver espaço para construção e formação de relações sociais,

sendo fator altamente protetivo quando a pauta é SM. A Frente de Assistência, responsável pelos grupos, descreve os principais objetivos e enfoques dos mesmos como ferramenta para construção de autonomia e empoderamento, garantindo espaço para partilha de experiências.

O espaço grupal não estabelece qualquer competição ou revanchismo com o modelo psicoterápico individual, sendo então possível e válido, em alguns casos, que ambas as práticas de cuidado à SM coexistam e sejam complementares entre si. A frente de assistência, mantém a marcante predominância de estudantes de graduação da UNESP como principais atendidos. O número de atendidos que cursaram a graduação ao longo de 2023 foi três vezes superior ao segundo grupo mais assistido, os alunos do CTI; e quatro vezes maior que os estudantes de pós-graduação. Sendo os números totais, respectivamente 63, 21 e 13.

O NTAPS pontuou no mesmo relatório citado, os objetivos de sua Frente de Assistência, os quais vão de encontro ao que foi visto também nas entrevistas realizadas e na literatura específica atualizada. Dentre os objetivos, alguns deles estabelecem a clara importância de estabelecer espaço para formação de vínculos e redes de apoio, construir os grupos psicoeducativos, fomentar a gestão coletiva, e realizar parcerias ativas com redes de atenção psicossocial, bem como com as moradias estudantis.

A análise documental reafirma o entendimento das valias e necessidades que trazem os grupos como elemento fundamental para práticas de atenção psicossocial na atualidade, de tal modo que os modelos pautados exclusivamente em dinâmicas psicoterápicas individuais é entendido como insuficiente, ou limitante no potencial dos dispositivos, quando o tema é SM. O entendimento de que os grupos são espaços de maior horizontalidade e partilha exerceu papel grandioso e de aparente alto grau terapêutico, tendo em vista que as nomenclaturas de grupos psicoeducativos e grupos de aprendizagem mútua, bem como seus funcionamentos, contemplam a noção de que, ao longo e a partir da pandemia, a SM revelou que noções de cooperação mútua podem ser melhor aproveitadas do que auxílio verticais e de pouco diálogo para com os usuários dos serviços.

## **7.2 Setembro Amarelo**

A análise documental também proporcionou o conhecimento dos eventos realizados e de como os mesmos exercem impacto dentro do ambiente estudantil. Possivelmente o mais representativo evento dentro do contexto de atenção psicossocial tenha sido o “Setembro Amarelo: Diálogos sobre prevenção, saúde mental e cuidado na universidade”, ocorrido em 2023, sendo continuidade do evento já realizado anteriormente com o mesmo enfoque. O evento

contou com a participação de 402 pessoas. Ocorreram palestras, mesas-redondas, exposição de arte, oficinas, e atividade de atendimento individual “Escuta no Câmpus.”

As palestras foram as seguintes: Inclusão, acessibilidade e os cuidados em saúde mental na Universidade; Mídias, comunicação para paz e ética do cuidado; A ciência da felicidade; Prevenção ao suicídio e valorização da vida; Vidas no limite - possibilidades de cuidado emocional para pessoas em sofrimentos extremos.

As seguintes mesas-redondas: Sexualidade, gênero e saúde mental; Racismo, interseccionalidade e saúde mental.

Oficinas: Habilidades sociais e saúde mental dos universitários; Experiência em Vogue - Trajetórias e Memórias; Alimentação saudável (on-line); Autorealização, propósito e sentido da vida; Gerenciando o estresse e promovendo saúde e bem-estar; Saúde ambiental - impactos das mudanças climáticas no nosso bem-estar; Quem dança seus males espanta; Diálogos sobre as práticas de cidade e de saúde mental para estudantes LGBTQ+ Negros na universidade; Aquilombando a saúde mental; Experimentar-te (atividades circenses e expressão corporal); Conhecendo o território e suas aves; A imagem como linguagem do inconsciente - sonhos e arte; Yoga - prática e reflexão em benefício da nossa corporeidade; Workshop design thinking - transformando ideias em possibilidades; A constituição de identidades hegemônicas e seu vínculo com a manutenção das relações sociais de poder no Brasil; Nós - oficina de macramê para pequenos vasos.

### **7.3 Projetos Focais**

O núcleo também se ocupou de projetos voltados para minorias psicológicas, como o Projeto NTAPS PP2 (Protagonismo Preto e Pardo), que objetivou ofertar uma atenção especializada para a comunidade estudantil preta e parda da UNESP. O projeto buscou se constituir como espaço de representatividade, acolhimento, escuta e identificação; para que a universidade possa ser cada vez mais um ambiente plural, saudável e inclusivo.

Houve também o projeto de visitas às moradias estudantis, procurando compreender as necessidades e dificuldades enfrentadas pelos estudantes que vivenciam o cotidiano das moradias. Existem relatos de preconceitos vividos, dificuldades de relacionamento interpessoal, situações de assédio e sofrimento psicológico. Em 2023 o NTAPS realizou visitas a treze câmpus, para avaliar o ambiente vivenciado por esses estudantes e elaborar ações mais diretas para promoção e prevenção em SM.

Os projetos mencionados remontam as noções de atenção psicossocial trazidas por Amarante (2007), de modo que alinhadas com os princípios do NTAPS que por sua vez são estabelecidos de forma a considerar os parâmetros do SUS, fica evidente a preocupação do núcleo com subgrupos de estudantes que possam se encontrar em situação de maior vulnerabilidade psicossocial.

## CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o advento da pandemia e seus diversos desdobramentos e impactos na população brasileira, seria de elevado grau de soberba e arrogância avaliar que qualquer universidade estivesse apta para lidar com os efeitos amplos da COVID-19. É necessário, contudo, indagar: quem estava apto? Para um acontecimento de tamanha calamidade, cada país, povo e grupo teve de tentar se organizar e reorganizar para enfrentar as novas demandas que se apresentavam ao longo do tempo. As novas variantes do vírus em si, as fartas afetações do mesmo, do isolamento, dos ecos políticos, sociais e econômicos passaram a irromper as tentativas de adaptação e enfrentamento do que alguns tentavam nomear como novo normal.

A universidade pública no Brasil também foi pega de surpresa pela pandemia, tendo então que enfrentá-la com as ferramentas que possuía ou era capaz de produzir durante a própria pandemia. É evidente que o presente trabalho não procura realizar um voo panorâmico sobre o enfrentamento das universidades públicas no que tange a SM da população universitária durante os anos a partir de 2020. A proposta foi pautada numa lupa sobre o funcionamento da UNESP relativa a tal temática.

É necessário afirmar que a UNESP já possuía um núcleo destinado à atenção psicossocial desse grupo, o tão mencionado NTAPS. É evidente e indiscutível que o NTAPS não estava preparado para a pandemia, afinal, ninguém estava. O que não configura a mesma situação de outras instituições que aparentaram estar menos preparadas ou com menos possibilidades de adquirir recursos para lidar com todas e tantas problemáticas imbricadas com a SM. A referida instituição, além do NTAPS, pôde contar com o E-CARE e com os tele acolhimentos, constituindo assim uma multiplicidade de defesas para os estudantes.

O fato do NTAPS possuir raízes de fundação e funcionamento com referências no SUS, como mencionado por parte dos entrevistados, aparentemente norteou formas de lidar com a atenção psicossocial e seus níveis de atenção; já sendo um entendimento imbricado com o núcleo. Os ideais e as inspirações que compõem o núcleo são condizentes com os modelos de políticas públicas e de funcionamento que são (ou deveriam ser) pouquíssimos questionáveis. É notório que todos esses elementos não culminam num enfrentamento tranquilo ou perfeito da pandemia. Reiteradamente, é necessário lembrar: isso não existe e sequer é possível; ao menos não em solo brasileiro. Diversas perguntas são pertinentes e podem auxiliar uma avaliação desse período e fomentar, discutir e instrumentalizar a universidade para novos e melhores recursos

para construir mecanismos e dispositivos suficientemente bons para lidar com as questões de SM.

O bom funcionamento de dois recursos para saúde e SM da comunidade UNESP sugerem que há poucas justificativas plausíveis quanto aos temas unificação, diálogo e integração quando o tema é NTAPS, E-CARE e o tele acolhimento. É pouco compreensível a razão dos saberes e recursos não serem integrados, em especial ao longo de uma época em que tanto foi discutida a importância da cooperação e da solidariedade mútua.

Após tantos anos e tantas outras guerras e numerosos eventos globais terem atravessado a história da civilização após a morte de Winnicott em 1971, parece que suas contribuições psicanalíticas seguem atuais, atualizáveis e subaproveitadas. Os diversos esforços das universidades públicas por vezes poderiam se valer dos conceitos winnicottianos mais discutidos na psicanálise, como *holding*, espaço potencial e mãe (ou ambiente) suficientemente boa(ns).

O arcabouço psicanalítico de autores e autoras da psicanálise construiu de maneira similar ao NTAPS e ao E-CARE para esse trabalho, suporte para entendimento e discussão referente ao recorte pandêmico e sobretudo pós-pandêmico. Em muitos momentos dessa trajetória foi apontada a importância de olhar e atuar sobre a SM dos estudantes, buscando compreender as formas de atuação realizadas e discuti-las para melhor entendimento e planejamento futuro. A universidade também precisa de atenção psicossocial. A análise das instituições de ensino e seus participantes pode encontrar benefícios de uma leitura psicanalítica da ordem do social, individual e cultural, para além das obviedades da clínica clássica já conhecida.

Mecanismos de defesa, angústia, falta, complexo de castração, clivagem, negação, *holding*, transferência, pulsões de morte, espaço potencial e tantos outros temas psicanalíticos foram debatidos ao longo do trabalho, pois são tão pertencentes ao contexto pandêmico como máscaras e álcool em gel. A perspectiva mais adotada ao longo das discussões possui vínculo indissociável com o diversos autores clássicos e contemporâneos da psicanálise, contudo em especial, a Winnicott. Tal escolha não significa de forma alguma que haja alguma superioridade ou inferioridade de ganhos ao recorrer a qualquer outra figura da psicanálise. Optar por dar mais atenção nas discussões aos conceitos winnicottianos estabelece inegociável relação com a compreensão do paralelo riquíssimo de que o ambiente é fundamental quando a discussão é sobre SM e atenção psicossocial, tanto quanto para um bebê no início de seu amadurecimento.

Atenção psicossocial deve estar acompanhada de um *holding* institucional, um ambiente acolhedor e se possível, suficientemente bom. O bebê tende ao amadurecimento do mesmo

modo que o estudante em seus anos de graduação, o que não quer dizer que ambos chegarão nessa etapa. Ao oferecer melhores condições ambientais, suporte psicossocial, acolhimento e condições físicas e estruturais, essa tendência ao amadurecimento recebe elementos facilitadores ou viabilizadores para esse amadurecimento. A integração psicossomática descrita como tão primitiva e fundamental na perspectiva winnicottiana se assemelha ao sentimento de pertencimento que o estudante desenvolve para com a universidade, sem o qual na clínica acreditasse na possibilidade afetações psicossomáticas ou da ordem da personalidade, podendo afetar gravemente o *self*; enquanto no contexto estudantil pode gerar adoecimento psíquico, fracasso escolar (e educacional), desamparo e mesmo abandono dos estudos.

Caso a atenção psicossocial se limite a conseguir trazer holding e sentimento de pertencimento para a comunidade estudantil, acredito que seja válido afirmar que já valeram a pena. Evidente que a atuação dos dispositivos não está voltada apenas para tais pontos, contudo reiteradamente afirmo que são suficientes, ou melhor, suficientemente bons.

Tendo em vista que o presente momento é de pós pandemia e que muitos profissionais e serviços optaram por direcionar seus esforços para as problemáticas do presente, em detrimento de manter um olhar no momento pandêmico e nos potenciais desdobramentos advindos dele, os dispositivos e serviços de SM podem ter sido profundamente transformados a partir da pandemia. Se a educação híbrida ganhou muito espaço e investimento, para além de salas de aula virtuais com o *Google Classroom*, os responsáveis por zelar e trazer assistência para a SM da população universitária receberam grandes, taxativos e fortes alertas sobre a necessidade de adaptações, capacitações e profundas transformações em suas práticas.

As entrevistas confirmaram entre si que a leitura dos profissionais internos do NTAPS é de que muitas questões políticas estão emaranhadas e estabelecidas de formas a constituir arranjos altamente prejudiciais e limitantes para a comunidade UNESP, conseqüentemente para o apoio psicossocial dos estudantes. O entendimento encontrado nos relatos por meio das entrevistas é de que existem cabos-de-guerra e disputas de vaidades e conquistas nominais dentro dos espaços da universidade. Houve também queixas relativas à falta de horizontalidade dentro do serviço, tendo práticas pouco construídas de maneira conjunta e frequentemente guiadas por decisões tomadas única e exclusivamente pela pessoa que é tecnicamente responsável por tomá-las. Tal fato denota incongruência com a proposta institucional, se uma grande e basilar parte das atividades consiste em ofertar escuta para a comunidade estudantil da universidade, soa como contraditório ou contracultural, não haver escuta e discussões dos pares de forma interna nas tomadas de decisão do núcleo.

O último relatório anual do NTAPS (2023) traz que “um dos desafios mais significativos para 2024 é alcançar, efetivamente, uma maior interlocução entre as frentes de trabalho do NTAPS...”, afirmando que limitar a interlocução entre as frentes com encaminhamentos internos, é um subaproveitamento do potencial de atuação; para além de ser prática contrária aos princípios de interdisciplinaridade e intersetorialidade. O entendimento do próprio núcleo de que o diálogo entre suas frentes não foi o adequado, revela além do fato em si, a possibilidade de autocrítica e de se investir em mudanças de atuação e funcionamento.

As entrevistas e a análise dos documentos disponíveis proporcionou uma compreensão de que assim como em várias outras áreas da vida, durante a pandemia, a universidade teve preocupações claramente muito mais marcadas por sobreviver, cuidar e realizar o que fosse necessário para a travessia dos anos pandêmicos do que em realizar registros documentais e avaliações mais sistematizadas. Os entrevistados tanto do E-CARE quanto do NTAPS trazem relatos que corroboram entre si com tal perspectiva. É evidente que o que foi realizado nesse trabalho possui o intuito de analisar e discutir para que seja possível tecer novas e melhores formas de abordar a atenção psicossocial e SM dos estudantes no futuro.

Não se objetivou, e tampouco houve qualquer intenção, menosprezar ou desqualificar os trabalhos realizados. Considerando os recursos da ocasião, o desconhecimento de todos sobre o vírus e o que o futuro reservava, é leviano considerar o que foi realizado em quaisquer termos que não acompanhem as expressões benéficas, fundamentais, cruciais, acolhedoras e tantos outros. Não existe forma de mensurar se as ações feitas foram suficientes frente ao grau de calamidade, toxicidade, angústia e sofrimento que o coronavírus trouxe, forma que talvez seja mais apropriada, possa ser nomear como ações suficientemente boas; novamente pagando tributo aos conceitos winnicottianos.

A sistematização nas avaliações e questões diagnósticas nos assuntos relacionados a SM não ocorreu de forma detalhada ou parametrizada como os próprios profissionais de seus dispositivos alegam nesse momento pós pandêmico que gostariam que tivesse ocorrido. É necessário, contudo, olhar para os dispositivos com a noção temporal de um recorte que se dá no “a partir da pandemia” e não apenas “durante a pandemia”; tendo em vista que a COVID-19 já não é como antes e o mundo também, hoje o período é de pós pandemia. Não é responsável o entendimento de que a SM da população universitária não precisa de ações diretas ou, como tanto nomeado neste trabalho, de atenção psicossocial.

Dentro da atenção psicossocial e das práticas dos dispositivos, parece que a pandemia gerou transformações significativas na universidade, ao menos na Unesp. O NTAPS passou e está passando por mudanças profundas, para que seja possível acolher e lidar com as demandas

da melhor forma possível. Como debatido anteriormente, a SM desse grupo não é tema novo, entretanto as maneiras de atuar quanto a tal temática pode estar se reconfigurando. O funcionamento que se limita a atendimentos psicoterápicos ou psiquiátricos está longe de compor a melhor forma de enfrentamento dessas questões, especialmente por não estabelecer atuações eficazes em mais frentes de atenção. Sem agir também na prevenção, não bastará ter assistência, pois sempre o ciclo de dinâmicas perversas se reproduzirá. Nesse prisma, é possível observar que a Unesp está se ocupando de produzir, gerir e alterar, quando necessário, diversas formas de atuação para com essa população dentro desse universo amplo que é a SM. Hoje, é possível afirmar que a Unesp se preocupa e age de forma responsável com a SM e a atenção psicossocial. Fato que não é sinônimo de utopia dentro da universidade, mas que condiz com enfrentamentos em constante melhora.

Com o passar do tempo, o NTAPS começa a desenvolver práticas cada vez mais sistematizadas e com coletas de dados para análises e discussões posteriores, fato esse que é facilmente percebido ao analisar os relatórios anuais do núcleo. Quanto mais recente o relatório, mais dados ele apresenta.

As entrevistas, em especial quando realizadas com professores, contemplaram em algum nível as questões políticas envolvidas com a pandemia e como tais atravessamentos podem ter grave relação com novas formas de mal-estar, algumas sendo evitáveis. Arendt (1999) traz a noção de banalidade do mal, sendo talvez funcionamento altamente atualizado ao longo da pandemia. Muitas pessoas com posicionamentos anti-vacina, anti-isolamento, enfim, anti-ciência; parecem se enquadrar na expressão. É evidente que o termo não veste bem em todos os casos, contudo muitos familiares de estudantes traziam para esses participantes da comunidade universitária partes dessa maldade banal. Maldade que faz a vulnerabilidade ao vírus crescer, maldade que faz aumentar riscos à SM dessa população. Tais questões podem parecer não estabelecer relação direta com a SM desses estudantes, contudo é necessário questionar se é possível haver um ambiente seguro e que proteja a saúde de forma mais abrangente da comunidade estudantil, se estivermos falando de um ambiente contrário a vacinas, máscaras, isolamento e higienização adequada.

A interpretação atual é de que Hannah Arendt estava certa, e o mal banal segue livre pelas ruas. Em pleno desrespeito à qualquer *lockdown*, transita livre e perigoso, colocando em risco também a população estudantil universitária. Além dos embates trazidos por aqueles que tentaram combater o mal banalizado com argumentos, ciência e zelo. Infelizmente se trata de uma maldade altamente banalizada e impulsionada por notícias que por vezes são falsas,

conhecidas como *Fake News*. Tristemente é possível ver uma maldade tão banal como pão com leite condensado.

A pesquisa realizada permitiu a compreensão de que ao menos uma parcela do ensino público no país seguiu e segue preocupada com a SM e com as consequências e afetações que envolvem a população universitária. Em meio a tantas notícias falsas, notícias que gostaríamos que fossem falsas, e algumas notícias verdadeiras e esperançosas; a universidade pública não se omitiu de enfrentar a pandemia colateral que ocorreu devido a pandemia de COVID-19, a de vulnerabilidade à SM. O isolamento social, embora necessário, aliado a outros elementos como escassez de recursos, processos de luto, etc; formou um quadro complexo e de potencial altamente danoso para a comunidade estudantil. A UNESP não se absteve e não se abstém de lidar com tais temáticas espinhosas, complexas e com constantes demandas de renovação.

Minha avaliação mais sucinta possível referente aos dispositivos de SM da UNESP ao longo da pandemia e que seguem ao longo dos anos pós-pandêmicos é a mesma da própria universidade pública. Não é perfeita, mas sem dúvida é melhor com ela. Como mencionado ao início desse trabalho, sigo com a convicção esperançosa na universidade pública, vale ressaltar que também nutro profunda crença nos dispositivos de SM dentro das universidades; novamente afirmo que, não lidamos com perfeição, contudo, sem dúvida alguma, estamos melhor assim.

Com relação aos objetivos desta pesquisa é justo ressaltar que uma parcela deles foi atingida, enquanto outra não foi possível de realização, ainda que tenha suscitado novos questionamentos. Foi possível descrever a estrutura dos serviços de SM ofertados aos universitários da comunidade UNESP ao longo da pandemia e a partir dela no pós pandemia também, sendo essencialmente o NTAPS e o E-CARE. O objetivo que foi parcialmente atingido foi a caracterização das demandas e queixas dos estudantes ao longo desse período, pois frente ao momento de grande calamidade, não foram realizadas e documentadas de forma sistematizada o suficiente para que fosse possível uma caracterização psicodiagnóstica mais rica; todavia tal fato propiciou a discussão sobre as avaliações e construções de documentos por parte dos serviços da instituição. Para completar a análise dos objetivos, a discussão dos dispositivos em seus meandros para possibilitar novas e melhores formas de atuação no tocante à atenção psicossocial dos discentes da UNESP, parece ter sido o objetivo melhor atingido ou mais explorado ao longo do trabalho.

## REFERÊNCIAS

- AB´SÁBER, T. **Winnicott Experiência e Paradoxo**. 1ª edição. São Paulo. Ubu Editora, 2021. p. 60 – 67.
- ALMEIDA FILHO, N. **o que é saúde?**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2011. p. 8 – 25.
- AMARANTE, P. **saúde mental e atenção psicossocial**. 4ª edição. Editora Fiocruz, 2007. p. 15 – 20. 29 – 36. 61 – 82. 99 – 108.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém Um Retrato Sobre a Banalidade do Mal**. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 1999. p. 151 - 173
- BARATA, R. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2009. p. 11 - 22
- BARDIN, L. **análise de conteúdo**. 1ª Edição. Lisboa. Edições 70. 1977. p. 45 – 46.
- BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2021. p. 12 – 25. 51 – 53. 90 – 93.
- Brasil é o terceiro país do mundo que mais usa redes sociais, diz pesquisa. 28 Set 2021. **Estado de Minas**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2021/09/28/interna\\_tecnologia,1309670/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-usa-rede-sociais-diz-pesquisa.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2021/09/28/interna_tecnologia,1309670/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-usa-rede-sociais-diz-pesquisa.shtml). Acesso em 12 de outubro de 2022.
- BRASIL. escola segura. Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/escolasegura>. Acesso em 13 de abril de 2023.
- BRASIL. painel coronavírus. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 9 março de 2023.
- BRASIL. Decreto nº7.234 de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em 30 de janeiro de 2024.
- CARDOSO, A., et al. Prevalência de transtornos mentais entre estudantes de medicina durante a pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v.46, n.1, 2022.
- Conselho Federal de Psicologia**. Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013. p. 83 – 85.
- Contribuições do Conselho Federal de Psicologia para a constituição da Rede de Atenção Psicossocial no Sistema Único de Saúde a partir do Decreto 7.508/2011. 1ª edição. Brasília-DF. 2011. p. 17 – 22.

CORD, D., MARQUES, M., FREITAS., A. Sociodrama com Estudantes Universitários no Contexto da Pandemia por COVID-19. **Revista Brasileira de Psicodrama**. v. 29, n1. São Paulo. 2021, p. 60 – 64.

COSTA, J. **O Risco de Cada Um e Outros Ensaio de Psicanálise e Cultura**. Rio de Janeiro. Garamond, 2007, p. 59 - 62.

DA CUNHA, P. **O uso das mídias sociais durante a pandemia de COVID-19**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Administração. Universidade Federal de Uberlândia. Intuiutaba, 2021.

DANTAS, E. *et al.* Fatores associados à ansiedade em residentes multiprofissionais em saúde durante a pandemia por COVID-19. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Edição suplementar 1. Coronavírus/COVID-19. 2021

DE STAAL, A., et al. **psicanálise e vida covidiana: desamparo coletivo, experiência individual**. 1ª edição. São Paulo. Blucher. 2021, p. 20 – 23. 44 – 52.

DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO À SAÚDE UFSCAR. **DEAS**. 2023. Disponível em: <https://www.deas.ufscar.br/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2023.

DIAS, E. **A Teoria do Amadurecimento de W.W. Winnicott**. 4ª edição. São Paulo. 2017, p. 164 – 174.

DOS SANTOS, W. et al. **fronteiras do des-amparo e as vicissitudes da pandemia**. 1ª edição. São Paulo. Blucher. 2022, p. 11 – 14. 211 – 224.

DUNKER, C., et al. **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia**. 1ª edição. Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2021, p. 8 – 12.

DUNKER, C., **A arte da quarentena para principiantes**. 1ª edição. São Paulo. Boitempo, 2020. p. 46 - 72

ELESBÃO, et al. Pandemia de COVID-19 no Brasil: análise do cotidiano e desdobramentos de uma intervenção grupal. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 31. 2023. p. 1 - 20.

ESCOLAS DEVEM DESENVOLVER PROTOCOLOS E PROMOVER DEBATES SOBRE A VIOLÊNCIA. **Jornal da USP**. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/escolas-devem-desenvolver-protocolos-e-promover-debates-sobre-a-violencia/>. Acesso em 13 de Abril de 2023.

E-CARE. E-CARE Sentinela Rede Virtual Multiprofissional de Apoio à Saúde. E-CARE Sentinela. 2023 Disponível em: <https://www.ecaresentinela.com.br/>. Acesso em 25 de julho de 2023.

FARO, A et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estud. psicol.**, Campinas. v. 37, 2020.

Fiocruz avalia excesso de suicídios no Brasil na primeira onda de Covid-19. **Portal FIOCRUZ**., Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-avalia-excesso-de-suicidios-no-brasil-na-primeira-onda-de-covid-19>. Acesso em: 18 de maio de 2022

FLESCH, B. *et al.* Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**. v.54, n.11, 2020, p. 1-11.

FREITAS, E. et al. Autoavaliação de estudantes universitários sobre seu desempenho acadêmico durante a pandemia da COVID-19. **Revista gaúcha de enfermagem**. v.43, 2022, p. 1 – 11.

FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e Outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010, p. 161 – 210.

FULGENCIO, L. **Winnicott & Companhia. Winnicott e Freud**. Volume 1. 1ª edição. São Paulo. Blucher, 2022, p. 69 – 84.

GARCIA, L. M. .; CAPELLINI, V. L. M. F.; MANENTE, M. V. . ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA UNESP: ANÁLISE DAS QUEIXAS E DO PERFIL PSICOSSOCIAL DURANTE A PANDEMIA. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica**, Brasil, v. 2, n. 3, 2023. DOI: 10.56166/remici.2023.5.v2n3.6.20. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/77>. Acesso em: 12 out. 2023.

GARCIA, L. MANETE, M. CAPELLINI, V. Acolhimento psicológico de estudantes universitários da UNESP: Análise das queixas e do perfil psicossocial durante a pandemia. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação**. V. 2. Nº 3. 2023

GARCIA, M. Com selfies e videoconferências , cresce a busca por rinoplastia; saiba quais cuidados tomar. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/04/com-selfies-e-videoconferencias-cresce-a-busca-por-rinoplastia-saiba-quais-cuidados-tomar.ghtml>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. Editora Atlas S.A. São Paulo. 2002, p. 41-43.

GONÇALVEZ, N., QUIMELLI, G. **princípios da extensão universitária: contribuições para uma discussão necessária**. Curitiba. Editora CRV. 2016, p. 1 – 3. 93 – 104. . (CAPÍTULO)

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. 1ª edição. Escuta. São Paulo. 1988, p. 143 – 147.

GREEN, A. **Por que as pulsões de destruição ou de morte?** 1ª edição. Blucher. São Paulo. 2022, p. 107 – 111.

HARARI, Y. **Notas sobre a pandemia e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. 1ª edição. São Paulo. Companhia das letras. 2021

HEGENBERG, M. **Psicoterapia Breve Psicanalítica**. Belo Horizonte. 2ª edição. Artesã, 2021, p. 43 – 60.

Histórico da Pandemia de COVID-19. **PAHO.ORG**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

HOMEM, M. **Lupa da alma: quarentena-revelação**. 1ª edição. São Paulo. Todavia, 2020, p. 13 – 70.

JUNIOR, L., *et al.*, Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre trauma. Estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade** [online]. 2021, v. 30, n. 3

KEHL, M. **Tempo esquisito**. 1ª edição. São Paulo. Boitempo, 2023, p. 7 – 16.

KLEIN, M. **Inveja e Gratidão e Outros Ensaio (1964-1963)**. 1ª edição. São Paulo. Ubu Editora, Imago. 2023, p. 339 – 346.

LAPLANCHE, J. **vocabulário da psicanálise**. Laplanche e Pontalis. 5ª edição. São Paulo. Martins fontes. 2022, p. 26 – 27.

LEONEL, F. Brasil celebra um ano da vacina contra a COVID. **Portal FIOCRUZ.**, Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/brasil-celebra-um-ano-da-vacina-contracovid-19#:~:text=Entramos%20em%20mais%20um%20ano,no%20dia%2024%20de%20janeiro>. Acesso em 18 de janeiro de 2022.

LISONDRO, A. **SOS Brasil – Atendimento psicanalítico emergencial**. 1ª edição. São Paulo. Blucher. 2023, p. 29 - 41

MAIA, B., DIAS, P. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, v.37, 2020.

MENDES, T., et al. Atividade Física e Sintomas de Ansiedade e Depressão Entre Estudantes de Medicina Durante a Pandemia. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v, 27 n.6, 2021. p. 582 – 587,

MOTA, D. et al. Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.26, n6, 2021.

NAE – NÚCLEO DE APOIO AO ESTUDANTE. **UNIFESP.BR**. 2023. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/san7/servicos/aluno/nae-nucleo-de-apoio-ao-estudante>. Acesso em 27 de Janeiro de 2023.

NTAPS Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial. **FC UNESP**. 2023. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/ntaps>. Acesso em 3 de março de 2023.

NTAPS Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial. **FC UNESP**. 2023. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/ntaps/servicos/>. Acesso em 9 de março de 2023.

NTAPS Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial. **FC UNESP**. 2024. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/ntaps/relatorios/>. Acesso em 30 de janeiro de 2024.

NÚCLEO DE APOIO AO ESTUDANTE. **FM USP**. 2023. Disponível em: <https://www.fm.usp.br/rede-apoio/nucleo-de-apoio-ao-estudante-nae/apresentacao>. Acesso em janeiro de 2023.

OMS DECLARA FIM DA EMERGÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA DE IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL REFERENTE À COVID-19. **PAHO.ORG**. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

**Organização Pan-Americana da Saúde.** Uso de álcool durante a pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe. 8 de setembro de 2020.

ORNELL, F. et al. Pandemic fear and COVID-19: mental health burden and strategies. **Braz. J. Psychiatry.** v. 42, n.3, 2020.

Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. **PAHO.ORG.** 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em 13 de janeiro de 2023.

Pandemia de COVID-19 gerou alta de 25% dos casos de ansiedade e depressão. **ONU NEWS.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781502> . Acesso em 2 de março de 2022.

PASSOS, R., COSTA, R., DA SILVA, F. **saúde mental e os desafios atuais da atenção psicossocial.** Rio de Janeiro. Gramma. 2017, p. 65 – 71.

**Política nacional de extensão universitária.** Manaus – AM. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Maio de 2012, p. 7 – 11, 35 – 41.

Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) no CAPS – Centro de Atenção Psicossocial. 1ª edição. Brasília-DF, 2013. p. 83 – 85.

RIBEIRO, L. et al. Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. **Acta Paulista de Enfermagem,** v. 34, 2021.

ROCHA et al. Uma canoa na tempestade: o acolhimento psicológico emergencial na pandemia da COVID-19. **Revista NUFEN: phenomenology and interdisciplinarity.** v. 13, n. 2, 2021

RODRIGUES, B., et al. Aprendendo com o o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Educação Médica,** v. 44, 2020.

SCHMIDT, B. *et al.* **Impactos na Saúde Mental e Intervenções Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19).** SciELO Preprints, 2020.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA EM SAÚDE MENTAL GRAPAL. **FM USP,** 2023. Disponível em: <https://www.fm.usp.br/rede-apoio/nucleo-de-apoio-ao-estudante-nae/servico-de-assistencia-em-saude-mental-grapal>. Acesso em 13 de Janeiro de 2023.

UNICAMP FACULDADE DE TECNOLOGIA SAPPE. **FT UNICAMP.** 2020. Disponível em: <https://www3.ft.unicamp.br/pt-br/sae/sappe>. Acesso em 13 de Janeiro de 2023.

VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. Catastrofe, Luto e Esperança: O trabalho psicanalítico na COVID 19. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.,** São Paulo, v. 23 n. 2), 2020.

WINNICOTT, D (1945). **Deprivação e Delinquência.** São Paulo. São Pulo. 1ª edição. Editora Ubu, WMF Martinsfontes LTDA, 2023, p. 74 – 80.

WINNICOTT, D (1952). **Da Pediatria à Psicanálise.** São Paulo. 1ª edição. Editora Ubu, WMD Martinsfontes LTDA, 2021, p. 214 – 217.

WINNICOTT, D (1960). **Falando com pais e mães.** São Paulo. 1ªedição. Editora Ubu, WMF Martinsfontes LTDA, 2023, p. 101 – 107.

WINNICOTT, D (1959-1964). **Processos de Amadurecimento e Ambiente Facilitador**. São Paulo. Editora Ubu WMD Martinsfontes LTDA, 2022, p. 177 – 195.

WINNICOTT, D (1967). **Bebês e Suas Mães**. São Paulo. Editora Ubu, WMD Martinsfontes LTDA, 2019, p. 76 – 77.

WINNICOTT, D (1967) **O Brincar e a Realidade**. São Paulo. 3ª edição. Editora Ubu WMD Martinsfontes LTDA, 2019, p. 167 – 176.

WINNICOTT, D (1967). **Tudo Começa em Casa**. São Paulo. 1ª edição. Editora Ubu, WMF Martinsfontes LTDA, 2021, p. 21 - 42

ZIZEK, S., **Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do comunismo**. 1ª edição. São Paulo. Boitempo, 2020, p. 107 -113.

## **ANEXO I - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

- 1- Quais foram as principais ações da Universidade relativas à saúde mental e atenção psicossocial dos alunos?
- 2- Que avaliações foram feitas para com esses estudantes?
- 3- Durante o período pandêmico quais foram as principais demandas encontradas pelos participantes do núcleo?
- 4- Quais os principais desafios do serviço ao longo da pandemia?
- 5- Quais os feedbacks recebidos por parte dos usuários dos serviços?
- 6- Como avalia a estrutura dos serviços do núcleo para o enfrentamento da pandemia e seus desdobramentos?
- 7- O que faria de outra maneira no núcleo se pudesse voltar ao início da pandemia?
- 8- Como as equipes se adaptaram à transição dos atendimentos e demais ações na modalidade presencial para online? Quais foram os principais desafios?
- 9- Com base na experiência ao longo da pandemia, quais lições você tira em relação ao funcionamento das práticas de atenção psicossocial da UNESP? Como essas lições podem moldar futuras estratégias e ações?
- 10- Como você vê o futuro do dispositivo após a pandemia? Quais elementos ou aprendizados dessa experiência serão incorporados a longo prazo?

## ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: SERVIÇOS DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA OFERECIDOS AOS ESTUDANTES PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)

**Pesquisador:** Lucas Rochel

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68616823.2.0000.5398

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.595.888

#### Apresentação do Projeto:

Estudo qualitativo com primeira etapa documental e segunda etapa com coleta de dados em campo, por meio de entrevistas com roteiro semi-estruturado com profissionais de serviço universitário de cuidado com a saúde mental de estudantes.

#### Objetivo da Pesquisa:

Compreender o papel e descrever as propostas das universidades públicas paulistas e seus serviços no que diz respeito ao cuidado da saúde mental dos universitários ao longo do período de pandemia da COVID 19.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos de desconforto emocional já tinham sido apontados no TCLE e agora os benefícios foram incluídos.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa sobre serviços de cuidado com a saúde de universitários em tempos de pandemia. O pesquisador deve evitar que seja identificado o serviço e os participantes em seus documentos públicos.

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.595.888

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE poderia ser mais claro e menos repetitivo. É indicado rever os trecho sobre eventuais danos e retirar a parte sobre despesas: "bem como ressarcido das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa". Conforme apontado anteriormente, o texto informa que não haverá despesas.

**Recomendações:**

Não há. Sugestões foram dadas nas considerações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2099162.pdf	23/10/2023 22:45:38		Aceito
Outros	Carta_Resposta_LucasRochel.docx	23/10/2023 22:45:22	Lucas Rochel	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Readequado.docx	23/10/2023 22:44:24	Lucas Rochel	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2099162.pdf	09/10/2023 22:00:47		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2099162.pdf	09/10/2023 16:59:18		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2099162.pdf	09/10/2023 16:53:10		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.docx	09/10/2023 16:44:06	Lucas Rochel	Aceito
Cronograma	cronogramaplataformabr.docx	09/10/2023	Lucas Rochel	Aceito

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepsquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.595.888

Cronograma	cronogramaplataformabr.docx	16:42:41	Lucas Rochel	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2099162.pdf	06/08/2023 21:33:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.docx	06/08/2023 21:32:29	Lucas Rochel	Aceito
Cronograma	cronogramaplataformabr.docx	06/08/2023 21:32:17	Lucas Rochel	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	lucasrochelversaoatual.docx	10/04/2023 10:52:24	Lucas Rochel	Aceito
Folha de Rosto	lucasrochelfolhaderosto.pdf	10/04/2023 10:50:16	Lucas Rochel	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BAURU, 21 de Dezembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Mário Lázaro Camargo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepsquisa.fc@unesp.br

### ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **Saúde Mental dos universitários em Tempos de Pandemia: Serviços de Atenção Psicológica Oferecidos Aos Estudantes pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP)**

Nome do(a) Pesquisador(a): Lucas Rochel

Nome do(a) Orientador(a): Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos

1. **Natureza da pesquisa:** O(a) sr.(sra.) \_\_\_\_\_ está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade compreender o papel e descrever as propostas da UNESP em seus serviços de atenção à saúde mental dos universitários ao longo do período de pandemia da COVID-19. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme as *Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016* do Conselho Nacional de Saúde.
2. **Participantes da pesquisa:** Gestores e responsáveis técnicos do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) e/ou pelo E-CARE
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo o sr.(sra.) colaborará para os objetivos do projeto. O(a) sr.(sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do contato do pesquisador.
4. **Sobre as atividades:** Realização de uma entrevista psicológica semi-estruturada.

5. **Riscos e desconforto:** A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas correntes e o desconforto é mínimo. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Existe risco de desconforto emocional durante a participação na pesquisa em função do procedimento de coleta de dados (entrevista a respeito de eventos ligados ao complexo período pandêmico e seus diversos impactos). Caso isso ocorra, o pesquisador ao identificar, irá acolher, informar e conversar com o participante e havendo necessidade será orientado a procurar acompanhamento psicoterápico na comunidade (clínicas sociais).
  
6. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador responsável terá conhecimento de sua identidade e se comprometem a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.
  
7. **Benefícios:** Ao participar desta pesquisa o sr.(sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo possa fornecer subsídios para a prática clínica em Psicologia, desenvolvimento de ações institucionais e possivelmente políticas públicas, além de um bom levantamento de dados para futuros estudos da área.
  
8. **Pagamento:** O sr.(sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.
  
9. **Ressarcimento e garantia de indenização:** Eventuais gastos para a participação do sr.(sra.) nesta pesquisa serão garantidos e caso haja algum dano decorrente de sua participação, garantimos assistência e indenização.

10. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

*Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida,  
manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.*

---

Nome do(a) Participante da Pesquisa

---

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

---

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

**Pesquisador Responsável:** Lucas Rochel, e-mail: [lucas.rochel@unesp.br](mailto:lucas.rochel@unesp.br) , tel: (14) 99736-8451.

**Docente Orientador(a):** Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos

**Comitê de Ética em Pesquisa:**

**Coordenador(a):** Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo

**Fone:** (14) 3103-6075 - Seção Técnica Acadêmica / **E-mail:** [cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br)